

CULTURA eADVENTISMO



**Estudos em:
Estilo de Vida Adventista**

Vol. 04, n.01 - Ano 2025

UNASP 



Centro White Press – Todos os direitos reservados

A revista Cultura e adventismo é uma publicação do Grupo de Pesquisa Cultura e Adventismo do Centro de Pesquisas Ellen G. White (UNASP-EC)

Editor: Renato Stencel

Coordenador editorial: Leila Amaral Carvalho, Melissa Querido Batista

Revisão: Henrique Santana Pinheiro, Melissa Querido Batista

Diagramação: Matheus Brito Fonseca

Projeto gráfico: Matheus Brito Fonseca

Cultura e Adventismo – v.1, n.1 (2025) – Engenheiro Coelho: Centro White, 2025.

29cm

Semestral 2025-1.

ISSN 2965-4297 (versão online)

1. Teologia - Periódicos. I. Centro de Pesquisas Ellen G. White

Idioma: Português, Inglês

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Estrada Pastor Walter Boger, S/N – Lagoa Bonita, Eng. Coelho - SP, 13448-900

SUMÁRIO

Editorial: O Estilo de Vida Adventista Segundo o Espírito de Profecia	2
Dr. Renato Stencel	
A Aparência do Adventista Brasileiro: Uma Perspectiva Segundo a Revista Adventista entre os Anos 1906 e 2019	3
Melissa Ouerido	
A Importância da Mensagem de Saúde Adventista	36
Bárbara Abreu	
A Mente como Capital do Corpo: A Centralidade da Saúde Mental na Antropologia de Ellen G. White	55
Renan Pacheco	
Estudo da Sexualidade em Gênesis 1, 2, 3 e Cânticos: Suas Implicações para o Estilo de Vida Adventista.....	70
Eric Lopes e João Vitor Ribeiro	
Estudo sobre a Relação da Mordomia do Tempo e o Estilo de Vida Adventista	88
Bruno Moore e Jonatan Nascimento	
Fidelidade na Conduta Cristã: Estudo da Perspectiva Teológica Adventista sobre Mordomia Financeira	98
Matheus Fonseca e Eduardo Pietrafessa Filho	
O Impacto dos Dispositivos Digitais Sobre a Mente Humana: Aspectos Emocionais, Sociais e Espirituais.....	116
Esp. Leila Amaral	

EDITORIAL: O ESTILO DE VIDA ADVENTISTA SEGUNDO O ESPÍRITO DE PROFECIA

Dr. Renato Stencel
Editor da Revista Cultura e Adventismo

O fundamento que sustenta o estilo de vida do remanescente adventista se origina na Palavra de Deus em (1 Coríntios 6:19-20) – “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.” O plano original de Deus ao criar o ser humano era que cada um deles se tornasse um instrumento (santuário) para Sua habitação.

O apóstolo Paulo conclui ainda que o nosso corpo não nos pertence exclusivamente, por dois motivos: (a) porque fomos criados por Deus à Sua imagem e semelhança (Gênesis 1:26) e (b) porque fomos redimidos por Cristo por meio de Seu sacrifício vicário (Efésios 2:1). E o texto conclui nos desafiando a glorificarmos a Deus com o nosso corpo, ou seja, devemos revelar o caráter de Deus em nossa vida o que nos leva a pensar de forma mais específica no nosso estilo de vida.

O estilo de vida adventista é um chamado à integração de todas as áreas da vida, que favorecem a saúde e o bem-estar humano com propósito de glorificar a Deus (1 Coríntios 10:31) e promover o bem-estar físico, mental, espiritual e social, visando assim a nossa salvação e a vida eterna.

Nesse contexto se destacam os oito remédios naturais que Deus revelou às Suas criaturas, que são a saber: alimentação saudável, ingestão regular de água, respiração de ar puro, exposição à luz solar, prática de exercício físico, repouso, temperança e confiança em Deus.

O estilo de vida adventista é um chamado à santificação integral, refletindo os princípios divinos em todas as escolhas. Ao seguir a Bíblia e os conselhos de Ellen G. White, os adventistas buscam honrar a Deus, promover o bem-estar e como descrito em Romanos 12:1 “*Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.*”

O número que ora lançamos tem como tema central o estilo de vida do remanescente adventista. Esperamos que os conteúdos desse periódico possam contribuir para a compreensão e propósito de se desenvolver um estilo de vida saudável que esteja em consonância com o plano original de Deus, que é “restaurar no homem a imagem de Seu Autor, leva-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento físico, mental e espiritual para que se pudesse perceber o propósito divino de sua criação – essa deveria ser a obra da redenção.” (Educação, 9).

A Aparência do Adventista Brasileiro: Uma Perspectiva Segundo a Revista Adventista entre os Anos 1906 e 2019

Melissa Querido Batista¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a forma como a aparência do adventista brasileiro foi representada e debatida nas páginas da *Revista Adventista* (RA) entre os anos de 1906 e 2019. A pesquisa analisa os discursos sobre vestuário, adornos e cuidados pessoais à luz dos princípios adventistas de modéstia, simplicidade e saúde. O estudo revela que a abordagem sobre aparência variou ao longo das décadas. Ao longo do tempo, questões como uso de joias, corte de cabelo, uso de calças compridas por mulheres, maquiagem e vestimentas em geral foram tratadas com diferentes argumentos e interpretações. Também se observa uma gradual flexibilização das posturas, especialmente a partir das décadas de 1980 e 1990, refletindo mudanças culturais internas e externas à Igreja. A análise mostra que a aparência foi tratada não apenas como reflexo de identidade pessoal, mas também como testemunho cristão, instrumento de distinção denominacional e expressão de fidelidade espiritual. Por fim, o artigo sugere que os debates sobre aparência, ainda que reduzidos em frequência nas últimas décadas, continuam relevantes como parte da construção da identidade adventista e dos valores que a sustentam.

Palavras-chave: Adventismo. Aparência. Revista Adventista. Modéstia cristã. Estilo de Vida.

Abstract: This article aims to investigate how the appearance of Brazilian Seventh-day Adventists was portrayed and discussed in the *Revista Adventista* (Brazilian Adventist Review) from 1906 to 2019. The research analyzes discourses on clothing, adornment, and personal care in light of Adventist principles such as modesty, simplicity, and health. The study reveals a variety of approaches over the decades. Over time, topics such as the use of jewelry, haircuts, women wearing pants, makeup, and clothing standards were addressed with differing interpretations. A gradual shift towards more flexible views is observed, especially from the 1980s and 1990s onward, reflecting broader cultural changes both within and outside the Church. The analysis shows that appearance was treated not only as a reflection of personal identity but also as a form of Christian witness, denominational distinction, and expression of spiritual fidelity. Ultimately, the article suggests that discussions on appearance, though less frequent in recent decades, remain relevant to the construction of Adventist identity and its underlying values.

Keywords: Adventism. Appearance. Revista Adventista. Christian modesty. Lifestyle.

¹ Graduada em Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo.

1. Introdução

Desde sua chegada ao Brasil no final do século XIX, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem se desenvolvido e crescido no país. Uma denominação ainda infante na época, mesmo em seu local de origem, alcançou seu primeiro converso brasileiro em abril de 1895 (The Brazilian White Center, 2020). Com o passar do tempo, o adventismo conquistou conversos o suficiente para criar uma comunidade com similaridades e disparidades culturais, trazendo-nos até os dias de hoje.

Nesse contexto, a Revista Adventista teve sua primeira edição publicada em janeiro de 1906. Um periódico cujo intuito inicial era informar os membros dos progressos da obra e alcançar novas almas, ele tratou de incontáveis temas desde sua criação, assuntos teológicos, doutrinários, informativos, educativos, de saúde e culturais. Um deles é o tema deste artigo, a aparência do adventista.

Integrada à esfera do estilo de vida adventista, a aparência exterior, como será visto no presente estudo, ora foi levada como uma questão complementar, ora como uma questão fundamental da religião. Contudo, muitas vezes é difícil definir o quanto relevante ela é e o porquê, causando desentendimento entre pastores, obreiros e leigos cujas opiniões variam nos dois lados do espectro. Certo é que a aparência “não é tão importante como pensam alguns, mas é bem mais importante do que imaginam outros. Ela não deve converter-se em religião, mas também não deve ser separada da religião” ([Wood, 1968, p. 11](#)).

Assim, esta pesquisa terá como objetivo definir como era aceitável um adventista se apresentar ao longo das décadas, abordando os maiores problemas das novas tendências do período em questão, como esses problemas eram tratados, os motivos da oposição à moda e as mudanças de opinião relacionadas a ela sob a perspectiva da Revista Adventista (RA). É válido salientar que a RA não foi escrita por apenas uma pessoa, mas por inúmeros contribuidores ao longo de mais de um século, todos com diferentes opiniões sobre a temática, portanto é natural que haja contradições em suas matérias, ainda que façam parte do mesmo periódico.

A base de informações se dá por três motivos. Primeiramente, a RA, embora não tenha sido o primeiro periódico da Igreja Adventista no Brasil, é a mais antiga ainda ativa, ou seja, a mais longeva atualmente. Além disso, sua natureza versátil de temáticas permite que o assunto em pauta seja apresentado sob diferentes ângulos e pontos de vista, inclusive por membros leigos da Igreja. Isso torna a RA uma fonte de informações mais

realista, mostrando o panorama da época com mais clareza, o que não seria possível com literaturas de cunho mais denominacionais. Finalmente, por mais que a vontade da autora seja fazer uma pesquisa mais abrangente e aprofundada com diversas fontes, o limite de extensão e prazo de entrega do artigo impossibilitam essa pretensão, fazendo da RA a escolha mais plausível e consistente.

A pesquisa demonstrou que houve uma constante mudança de argumentação com o passar do tempo, a qual demonstra que o tema sempre foi um de polêmica e divisão, mesmo dentro da Igreja. Pode-se classificar sua argumentação em duas categorias: posição e método. Para a posição, de um lado encontra-se a pacifista, que incentiva o leitor a não criticar os irmãos e a autorrefletir; do outro, há um pensamento absolutista, no qual é expresso que o cristão deve se vestir de uma forma específica para que possa demonstrar exteriormente suas crenças (caso contrário não está verdadeiramente convertido). Quanto ao método, encontram-se o fundamentado, focado em apelar para os princípios que regem as regras, e não às regras em si; e o prescritivo, que dita instruções literais e práticas.

2. Décadas de 1900 e 1910

O primeiro artigo a mencionar a aparência na RA foi escrito em fevereiro de 1908. O tema em pauta, contudo, não era o vestuário cristão, mas um relatório das atividades da então Missão Norte Brasileira. Entre outros assuntos, o autor apresenta o caso de uma irmã a qual, após ler as passagens de 1 Pedro 3:1-12, alegava que “nunca poderia apartar-se das suas joias” ([Spies, 1908, p. 6](#)). A estratégia utilizada pelo instrutor bíblico para lidar com a situação se aplica melhor à pacifista fundamentada, ela segue: “Em seguida só lhe fiz ver o grande sacrifício de Jesus, a sua mansidão e humildade, dizendo-lhe que devemos seguir-O, e então deixei operar a Palavra e orei por elas”. A tática funcionou, e a irmã abdicou de suas joias posteriormente, seguindo-se o artigo sem falar mais do caso.

A primeira matéria de teor prescritivo sobre esse assunto viria logo em seguida. Uma série de artigos intitulada “O Segredo da Saúde” correu pelas revistas de março a maio de 1908. Ela tratava de diversos assuntos que, como o nome sugere, apresentam conselhos para melhorar sua saúde. Esta série será a principal fonte para definir o vestuário ideal do adventista brasileiro nesse período.

A edição de abril traz dez pontos de discussão, enquanto a de maio complementa com mais três. Dentre os conselhos de abril, destacam-se os seguintes conselhos:

1. A roupa de vestir devia ser adaptada á edade, ao sexo, a temperatura, á qualidade de trabalho, ao estado de saúde. 2. Para ser hygienica, a roupa não deve pender dos quadris, mas dos hombros, e cobrir por igual todo o corpo. 3. A roupa devia ser tão folgada que se pudesse, sem experimentar o menor embaraço, respirar e levantar os braços acima da cabeça, obedecendo toda a roupa a esse movimento. O espartilho e toda a roupa apertada deviam ser rejeitados. [...] 6. As artérias dos braços e das pernas são mais grossas comparativamente ás do resto do corpo, o que indica que a natureza envia para ahi maior porção de sangue e de calor. O vestido hygienico devia pois, seguindo esta indicação, agazalhar melhor os braços e as pernas que as outras partes do corpo. [...] 10. As saias compridas são não somente supérfluas como incommodas e pouco práticas, por se lhes apegar facilmente o pó e a immundicia das ruas, e difficultarem o andar. Estando molhadas as barras e roçando estas pelos tornozelos, que costumam estar pouco agazalhados, isto pode resultar em resfriamentos e moléstias ([Ehlers, 1908a, p. 7](#)).

É interessante perceber que palavras como “higiene” e “saúde” são a base dessa lista, havendo-se grande preocupação com a interferência, benéfica ou maléfica, das vestes no corpo humano. Aspectos como a temperatura, tipo de tecido ideal, proporções, o peso da roupa e até mesmo possíveis alergias são mencionados. Este é um ótimo exemplo de um discurso pacifista prescritivo.

A edição de maio conclui a série e retoma o assunto com mais três tópicos finais. Mais uma vez, o espartilho, além dos vestidos apertados, é criticado, pois “deformam o corpo, comprimem os pulmões, o coração, o figado, o estômago, o baço e os rins, embarçam a circulação e prejudicam o crescimento e a actividade dos ditos órgãos” ([Ehlers, 1908b, p. 7](#)). Outra questão tratada é o excesso de camadas de roupas, que deveria ser evitado, novamente por questões de saúde.

A década de 1900, como pode-se ver, apresenta mais preocupação com os efeitos negativos que a moda infligia na saúde das pessoas do que com modéstia ou bom gosto, que serão muito mais mencionados no futuro. Isso não quer dizer, entretanto, que tais princípios não eram importantes. Desde seus primórdios, a Igreja Adventista entendia o vestuário como um tema relevante. Ellen White aconselhava irmãs quanto à moda, em vezes favorável, mas muitas contra à mesma, com argumentos que se originavam tanto da qualidade de vida e saúde quanto de modéstia e simplicidade.

Se o recato do guarda-roupa era significativo, por que então isso não se reflete no vicêncio em questão? Pode haver muitas respostas para essa questão. Uma Igreja ainda infante talvez não tivesse problemas com o mundanismo “invadindo” suas fileiras a princípio por conta da sinceridade e fervor de novos conversos, como visto no relato da senhora e suas joias. A revista pode não ter tido espaço em suas páginas e condições suficientes para tratar de tal assunto, já que, em seus primeiros anos, a RA não tinha muitas páginas e compunha mais matérias de teor informativo e teológico, com muitos

excertos traduzidos de outras línguas. Existe também a possibilidade de a indecência não ter sido tão problemática no Brasil quanto se tornaria nos anos seguintes com a modernização do país depois da Primeira Guerra Mundial.

Sendo qual for o motivo, a década de 1910 seguiria sem mais nenhuma contribuição da RA ao tópico. É interessante observar, contudo, que o espartilho, objeto de desgosto citado duas vezes pela autora dos artigos acima, seria descartado pela moda feminina nessa época, passando-se a prezar roupas mais folgadas e com menos tecidos, devido ao impacto da Guerra sobre a indústria têxtil: “Roupas mais curtas (meio da perna), calças frouxas, saias tubulares, casacos, tubinhos. As cores eram o preto e o branco, os chapéus diminuíram de tamanho e eram pouco enfeitados” ([Batista, 2007, 199](#)).

3. Décadas de 1920 e 1930

O tom do discurso é alterado drasticamente com a chegada da década de 1920, ou “Loucos Anos 20”, como ficou conhecida. O período seguinte à Grande Guerra foi marcado por avanços em inúmeros aspectos. A tecnologia proporcionou filmes com cor e som, propagando a indústria cinematográfica (e sua cultura); o Jazz se tornou o estilo musical mais escutado, enquanto o *charleston* e o *foxtrot* faziam as pessoas dançarem mais energeticamente; e automóveis, telefones e o rádio passaram a fazer cada vez mais parte do dia a dia do americano ([Bagai, 2020](#)). No Brasil, essa cultura moderna também exerceu influência. A indústria têxtil brasileira começou a se desenvolver, tonando a moda um negócio mais lucrativo e um tópico mais presente na vida das brasileiras ([Frasquete e Simili, 2017](#)).

A moda da década de 20 mudou extremamente. “As mulheres deixaram o espartilho e passaram a usar curvas retas, os vestidos eram mais curtos, os braços ficaram à mostra, tornando-se mais livres” ([Ribeiro e Schemes, 2011](#)). Essa mudança radical e o alto número de novidades modernas parece ter afetado a Igreja brasileira.

Não mais se encontra o tema de higiene e saúde no vestuário (até porque, de certa forma, a nova moda houvera corrigido os prejuízos relacionados à saúde); a maior dificuldade desse período, e, de fato, todos os subsequentes, é a modéstia. A década de 1920 introduziu inúmeros temas de discórdia relacionados à aparência recorrentes nos anos seguintes.

De fato, o início da década contou como uma matéria exclusivamente dedicada à moda, apresentando-se argumentos para uma reforma indumentária em seis vertentes: modéstia, pureza, bom exemplo, economia (de tempo e de dinheiro), a Bíblia e o bom senso. Aparentemente, o vestido moderno era decotado, curto, e “tão diaphano que por elle se podem ver todas as formas do corpo de quem o usa”. Havia uma preocupação com a exposição de “contornos arredondados” e sua “propensão para a luxuria” ([A Necessidade..., 1921, p. 7](#)), além da influência que tais trajes teriam sobre o sexo masculino. Pela perspectiva da autora, a moda é uma agente do pecado, utilizada para escravizar as almas. No entanto, mesmo condenando o uso deste tipo de roupa, a autora adverte:

Não pregues, nem condemnes as outras, nem inicies uma propaganda radical. Comece calmamente mas com determinação e sejam as tuas maneiras e costumes tales que se recommendem por si aos amantes da economia, da efficacia, da belleza, do christianismo e do bom senso ([A Necessidade..., 1921, 8](#)).

Essa linguagem — firme, porém amorosa — já contrasta com a da década anterior, e se tornaria ainda mais intensa com o passar dos anos. Os anos 1920 proporcionam, entretanto, justificativas bíblicas particulares dessa época pouco ou sequer vistas posteriormente na revista.

Em uma matéria, comentando sobre Gênesis 3, o autor afirma que “Adão e Eva [...] vestiram-se conforme as suas idéas” após a queda, de uma forma que não agradou a Deus, porque “este modo de se vestir não cobria as partes superiores, nem as partes inferiores do seu corpo”. Assim, o motivo de Deus ter fornecido as roupas de pele seria para que “não andassem meio nus ou meio vestidos” ([Ebinger, 1924, p. 2](#)). Noutro exemplo, procurando combater a maquiagem e enfeites de cabelo, compara-se seus usos a “mulheres como Jezabel, que ‘se pintou em volta dos olhos, e enfeitou a sua cabeça’” ([Ebinger, 1924, p. 3](#)).

Há ainda preocupação com o uso de joias, que começaram a se tornar cada vez mais presentes de variadas formas no vestuário feminino. Nesta época, entretanto, até mesmo o uso de alianças de casamento era debatido, havendo relatos de doações das mesmas como ofertas em eventos ([Echos..., 1922; Moore, 1934](#)), conforme a recomendação da Conferência Geral ([Neilsen, 1934](#)).

Essa década trouxe mais outro problema, os cabelos curtos. Em um artigo, ainda que o autor alegue: “Não julgamos [...] que seja um uso immoral”, o teor do texto sugere que, ao menos, o autor não era a favor do uso. Ele argumenta usando 1 Coríntios 11:14 e

15, finalizando com as seguintes palavras: “[O uso de cabelos curtos] indica uma tendência variável, uma enfermidade do coração e da alma que, se não se detém ou desarraiga, destruirá, com o tempo, a vida espiritual” ([O Espírito..., 1926, p. 11](#)). Para o autor, o único motivo provável para as mulheres cortarem o cabelo era a moda da época, pensamento reiterado posteriormente. Ele considerava o alastramento do estilo um sintoma do mundanismo penetrando na Igreja, o que demonstra indícios de um ponto de vista absolutista. É interessante tomar nota do versículo bíblico em questão, pois ele retornará posteriormente com outra interpretação por parte da RA.

O assunto da moda é extremamente prevalente na década de 20, sendo mencionado em quase todo ano pelo menos uma vez. Os costumes do mundo, em especial sua introdução ao guarda-roupa das irmãs, escandalizaram a Igreja, isso porque alguns consideravam que

toda a mulher que vê a Christo como Elle é, que considera seu corpo pertencente ao Senhor Jesus, templo do Espírito Santo, não precisará de argumento para leva-la vestir esse corpo com asseio e modéstia, apropriando-se a pureza, a mansidão, a dignidade do Christo a Quem serve ([Wilcox, 1927, p. 3](#)).

Esse pensamento absolutista não era incomum nos artigos dessa época. Contudo, não eram apenas os adventistas que se contrariavam às novas tendências. A edição de outubro desse mesmo ano expõe uma matéria retirada de uma revista de moda secular, em que o autor apresenta sentimentos similares a respeito da moda ([Como..., 1927](#)). Os católicos também demonstraram preocupação, e a Revista Adventista publicou uma circular expedida pela Associação de Senhoras Católicas de Sidney, bem como o apelo de um arcebispo, os quais corroboravam com os comentários adventistas acerca do assunto ([Nosso..., 1930](#)).

A melhor referência, entretanto, acerca da aparência adventista ideal da década de 1920 se encontra na edição de setembro de 1927. Nele, está elaborada uma lista de 11 observações relativas à aparência feminina, contendo também o primeiro registro de ressalvas quanto às roupas masculinas da RA.

Os conselhos práticos para as moças incluem: seguir os princípios de modéstia, simplicidade e higiene; evitar golas V que passassem de 5cm da clavícula e decotes redondos ou quadrados mais baixos do que 2,5cm; mangas que chegassem, no mínimo, até o cotovelo; não deixar que os vestidos tenham mais de 30cm do chão; rejeitar vestidos de organdy, georgette e voile fino, sapatos altos Luiz XV, meias com cores chamativas, rouge, batom e joias; e não cortar o cabelo demasiadamente ([Ruf, 1927](#)).

Para os homens, a lista é menor, contida em apenas um parágrafo. Eles deveriam evitar “exageros da moda”, tais como: calças boca de sino, meias e gravatas de cores extravagantes, joias (incluindo alfinetes para gravatas e pendentes de relógios) e cintos apertados ([Ruf, 1927, p. 5](#)).

Essa época, como pôde-se observar, apresenta uma regularização prescritiva da moda. O que antes tinha como teor de discurso os princípios por trás da vestimenta, se torna uma série de exemplos práticos, deixando claro para os leitores o que se podia ou não usar.

A alteração no método não significa, entretanto, que se havia esquecido os princípios, ou que já não eram mais importantes, apenas que a maneira de transmitir a mensagem havia mudado. Também entendia-se que “com quanto não devamos seguir as modas do mundo, não nos deveríamos trajar de maneira exquisita, simplesmente para ser diferentes do mundo” ([Neilsen, 1929, p. 9](#)).

Os anos 1930 ainda apresentam preocupação com o assunto, mas, com exceção de um caso, trazem-no junto a outros tópicos. É comum encontrar a moda e suas mazelas em matérias sobre higiene, identidade adventista e relatos de teor informativo (eventos ou notícias). Além da mensagem católica mencionada anteriormente, apenas um artigo exclusivamente sobre o vestuário foi publicado nessa década. Nele, [French \(1938\)](#) discorre sobre as vestimentas, mudando o enfoque outra vez para os princípios fundamentados por traz do vestuário.

Outro exemplo, dessa vez sobre um tema mais específico, as joias, foi escrito por Maria Moore. Relatado em formato de testemunho, a autora apresenta as joias como ferramentas de Satanás. Ela alega que, ao experimentar um anel depois de muitos anos sem usar ou se importar com joias, sentiu que “queria aquele anel como nunca desejara qualquer outra coisa na vida [...] senti-me capaz de dar a alma por ele”. Após se livrar do anel, ela confessa que passou a entender “porque é que muitas mulheres vendem o corpo e a alma por diamantes e outras gemas”. Para ela, “o inimigo da alma, que disputa com Cristo o domínio da terra, toma posse dessas raras e belas porções da obra de Deus, usando-as para dominar os seres humanos” ([Moore, 1938, p. 7](#)).

O discurso da época pode parecer familiar por vezes. Já circulava o pensamento de que havia uma “frouxidão de costumes” nas igrejas, pois se admitia “costumes e modas que ha dez annos eram fortemente combatidos” ([Castellani, 1935, p. 13](#)). No entanto, a Igreja tentou combater essa “invasão” como pôde. A Conferência Geral, anos antes de ser publicado o artigo de Castellani, recomendou que apenas membros que se trajassem

adequadamente deveriam ter posições na igreja ([Apello..., 1930](#)), reforçando ainda mais o assunto na sessão de 1936 — ao ressaltar outra vez a simplicidade e a modéstia, bem como a proteção e o aquecimento ao se vestir ([PRINCÍPIOS..., 1937](#)).

Mesmo que a intenção da Igreja tenha sido boa, por vezes é possível encontrar críticas duras nas páginas da RA, e a década de 1930 traz alguns exemplos absolutistas desse comportamento. [Moore \(1930, p. 3\)](#) faz o seguinte comentário:

Um verdadeiro adventista do sétimo dia não segue as modas exageradas e immodestas do mundo, não porque a igreja lhe proíbe, mas porque seus desejos foram transformados [...]. Não será necessário marcar-se para uma verdadeira adventista o cumprimento do vestido a usar, ou proibir o corte do cabelo. Ela não terá de si mesma desejo de fazer essas coisas.

Curiosamente, ainda que até então texto não tenha se referido apenas a mulheres até então, na seção relacionada ao vestuário o autor se dirige especificamente a “ela”. Da mesma forma, outra matéria apresenta a seguinte imagem:

Vê-se uma jovem adventista com uns cincuenta cachos enrolados e seguros por grampos [...]. O resultado: moça ricamente vestida, irrepreensivelmente penteada, com todos os requisitos da moda e do bom tom, o nome de adventista e a influência... neutralizados [...]. Quantas vezes contemplo uma linda jovem — olhos, cabelos, perfil, vestuário, tudo, irrepreensível!... Mas a criatura não tem personalidade ([S, 1938, p. 12](#)).

4. Décadas de 1940 e 1950

Outra vez, é possível observar uma década em que a Igreja (pastores, líderes e membros) tinha preocupação com sua vestimenta. É importante ressaltar que nem sempre esses tópicos são trazidos simplesmente pela vontade do autor; há muitos exemplos de matérias escritas por conta da inquietação dos próprios correspondentes, que viam as novas modas como problemáticas.

Este é o caso do primeiro exemplo, um artigo que trouxe questões novas e antigas. Entretanto, a prescrição em matérias anteriores não se encontra aqui, com uma exceção (dependendo do ponto de vista, duas). Ao considerar a conveniência de pintar unhas e lábios, o autor responde que “esses costumes são de muito mau gosto, não devendo ser usados por nenhuma mulher cristã” ([W., 1941, p. 9](#)). Ele também demonstra certo desgosto sobre o uso de calças, usando Deuteronômio 22:5 como justificativa, mas não é tão enfático quanto no assunto anterior, trazendo o versículo para consideração. Contudo, em geral o discurso é pacificador, incentivando os irmãos a não se preocuparem com o que os outros vestem e focarem em si mesmos:

Não nos podemos permitir perder nossa religião por vermos na igreja alguém cujas normas são diversas das nossas, e devemos cuidar em não fazer uma religião de vigiar nossos irmãos, a ver o que eles comem ou o que vestem, ao mesmo tempo que damos pouca ou nenhuma consideração a nossa própria negligência em outros particulares ([W., 1941, p. 9](#)).

Os anéis também retornam às páginas da RA, dessa vez com outro tom. [Kaltenhäuser \(1942, p. 7\)](#) concede o uso de alianças matrimoniais, contudo, apenas “nos países em que o uso da aliança é costume popular”. O autor, entretanto, ainda é contra qualquer outro tipo de joia, por sua conexão com a vaidade. O que dita o uso correto ou incorreto de um acessório, segundo o autor, é se ele tem alguma utilidade. Uma posição similar foi apresentada pela Assembleia Geral ([Normas..., 1946](#)) e será reverberada posteriormente.

Um bom exemplo da argumentação fundamentada com teor pacifista se encontra na matéria “O Vestuário Feminino”. Em uma resposta extensa a uma carta, a autora apresenta, com base no Espírito de Profecia, três preceitos sob os quais se vestir: a saúde, a modéstia e a simplicidade/conveniência. Quanto ao primeiro, é considerado como não tão importante (na época), pois “nunca houve tempo em que a moda, [...] pusesse em voga um modo de vestir mais benéfico do que agora”. O segundo e terceiro se faziam (e fazem) importante, por conta do exemplo que os cristãos devem dar: “Usar um vestido que arrasta pelo chão não seria mais apropriado hoje do que as saias extremamente curtas seriam naquela época” ([Rebok, 1944, p. 9](#)). A contextualização embasada, argumentação bem elaborada e equilíbrio nas considerações dessa matéria fortalecem o caso apresentado.

O ano de 1946 apresenta uma imagem muito clara de quem era visto como o “agente” problemático da moda:

A crença no sétimo mandamento não é questão de um sexo. [...] Acontece, porém, que o demônio se tem esforçado especialmente no sentido de alistar o **sexo feminino** em sua campanha para destruir as boas normas de moral. É apenas uma declaração de facto afirmar que a forma feminina pode ser um factor para o mal ([Nichols, 1946, p. 6, grifo nosso](#)).

O artigo em questão, que apresenta um pensamento absolutista, por mais que negue, é extremamente acusativo às mulheres e sua maneira de trajar. Até então, já estava subentendido que o maior alvo de críticas em relação ao vestuário, na grande maioria das vezes, é o sexo feminino, contudo, a exposição inequívoca de Nichols reflete a inquietação dos correspondentes da época.

Os anos 1950 são similares ao que já foi visto. [Azevedo \(1951\)](#), abre a década tratando de inúmeros tópicos num único artigo. O próprio autor resume com as seguintes palavras:

Assim, quando as Escrituras nos dizem: "É decente a mulher ter o cabelo crescido", não procuremos cortá-lo. E quando dizem: "O enfeite delas não seja o frisado (encrespado) dos cabelos, não teimemos fazendo o contrário. E quanto à pintura, o exemplo é Cristo e não Jezabel ([Azevedo, 1951, p. 4](#)).

[Soares \(1952, p. 5\)](#) retoma a via de moda e saúde. Em sua matéria, o autor discorre sobre a “insensatez” com a qual certa moda é estabelecida, falando contra as tendências prejudiciais à saúde (salto alto, espartilho e óculos escuros), bem como as criadas por “conveniência individual”. Ele apresenta casos de modas passageiras que surgiram de acontecimentos específicos (polainas, colarinhos de renda, perucas e os próprios saltos altos). Com isso, ele usa esses casos para justificar-se e postula: “Que a moda seja interpretada, antes de ser aceita. Que lhe examinemos os benefícios, antes de pensar somente na transitória elegância”.

Um tema pouco visto até o momento é o de óculos escuros. Entretanto, nessa década seu uso havia aumentado, algo que foi abordado (desfavoravelmente) pela RA:

Os nossos olhos estão fisiologicamente constituídos par a luz solar; portanto, tudo aquilo que diminui a sua intensidade é, obrigatoriamente, um a fadiga para os olhos. [...] Abusa-se, hoje, em grande escala, dos óculos escuros. Moda cruel e duplamente cega! ([Óculos..., 1955, p. 36](#)).

Contudo, é importante ressaltar que o problema estava no uso não propício do acessório, como em sombras, dentro de casa e à noite.

As matérias escritas por articulistas já proporcionam uma visão mais ampla do tema; no entanto, colunas como a Caixa de Perguntas, Consultório Doutrinário e Consultório da Juventude (em que correspondentes enviam perguntas de assuntos diversos), esclarecem como os membros leigos pensavam na época em questão. Tendo isso em mente, seguem alguns debates presentes na Caixa de Perguntas:

Na Caixa... ([1955, p. 27](#)), a correspondente faz duas perguntas na mesma carta. A primeira é acerca do uso de maiôs em praias e a segunda sobre o uso de roupas “transparentes”, argumentando que “os homens sentem o mesmo calor, entretanto trajam-se modestamente, enquanto as mulheres se expõem”. Utilizando-se de uma história, a qual será colocada abaixo, o respondente argumenta que nenhum dos sexos deve frequentar praias movimentadas (com ou sem maiô); antes, deve-se procurar locais mais privados para o banho e, caso se trate de um grupo misto, é necessário separá-lo entre homens e mulheres, cada um para um lado. Quanto à outra pergunta, o respondente rapidamente fala contra qualquer tipo de indecência indumentária.

A história contada pelo respondente reflete o pensamento prevalente na época, tanto que foi contada mais de uma vez pela RA, por isso segue abaixo:

Certa vez uma senhora que acabava de fazer uma conferência sobre a pureza moral, foi depois procurada por um rapaz [...] — Bem sei, disse o jovem, [...] que temos de banir todos os pensamentos impuros; que só devemos cultivar as virtudes. Como, porém, será isso possível para um rapaz se de todos os lados lhe vêm ao encontro dos olhos as vestes tão imodestas do mundo feminino? ([Caixa..., 1955, p. 27](#)).

A repetição dessa história indica o pensamento de 1 Coríntios 10:32, não se tornar pedra de tropeço para o próximo, algo muito enfatizado mesmo no futuro ([Wood, 1968](#); [Lopes, 1965](#); [Engelkemier, 1970a ago.](#); [Lessa, 1997b](#)). Interessantemente, não há um apelo similar feito por parte do sexo feminino quanto à vestimenta dos homens em nenhum momento da história da RA (salvo um caso à frente). Isso pode ser, como mencionado pela correspondente, porque os mesmos trajavam-se de maneira decente. Contudo, esse parece não ser o caso no futuro.

A sessão de julho de 1957 da Caixa de Perguntas traz outra vez a questão do maiô, com resposta similar. Ainda nela, encontra-se uma indagação de se é justificável rejeitar uma irmã organista pelo uso de cabelos curtos “à la homme”. A resposta foi positiva, pois esse penteado “masculiniza muito a pessoa, contrariando a natureza de mulher”. Curiosamente, o respondente se refere ao cabelo da mulher como seu “mais lindo adorno”, contrariando o famigerado versículo de 1 Pedro 3:3 ([Caixa..., 1957a, p. 28](#)).

Outra pergunta relacionada ao tópico é de um correspondente pedindo esclarecimento sobre Deuteronômio 22:5. A resposta é extensa, tomado praticamente uma página inteira. Logo de início, o respondente esclarece que, para tratar dessa pergunta, é preciso entender os “princípios e aplicá-los aos problemas da vida de hoje. Ao mesmo tempo, devemos evitar o erro de tentar perpetuar regulamentos locais e temporários baseados nesses princípios” ([Caixa..., 1956a, p. 27](#)). Com esse pensamento pacifista fundamentado, o autor alega que o uso de vestes feitas para o outro sexo “para fins imorais” é errado. Entretanto, ele também entende que os padrões de vestimenta variam por geografia e período, e que “não há virtude” em ser diferente só para ser diferente. Ele afirma ainda que os irmãos não devem tomar sua própria consciência indumentária como um modelo a ser seguido pelos outros. Quanto ao versículo em questão, ele propõe que se tratava do pecado da “sodomia”, não de moda X ou Y, o que se aplica também a 1 Coríntios 11:6, 14 e 15. Aqui pode-se observar uma leve mudança de paradigma, ao comparar-se com a interpretação artigo “O Espírito de Mundanidade” de 1926, ou a [Azevedo \(1951\)](#). O autor concede que calças compridas são a melhor maneira de se brincar, fazer excursões, certos trabalhos e atividades. “Visto serem

convenientes, saudáveis e naturais, nenhuma pessoa de são juízo contra elas erguerá objeções.” No entanto, há ressalvas:

Não há o que justifique respeitáveis matronas exibirem a sua corpulência em trajes masculinos, passeando displicentemente pelas ruas; ou moças passem sua indiscreta elegância em calças compridas, sim, mas justas como se fossem meias. [...] Moças que assim se exibem, inocente ou culpadamente exercem uma influência malsã ([Caixa..., 1956a, p. 29](#)).

A pergunta, mesmo com extensiva resposta, retornaria em 1958, quando o respondente, além de indicar o artigo anterior e reforçar as ocasiões lícitas para mulheres usarem calças, adicionaria que “passar pela rua assim vestida, é maneira indigna de chamar a atenção e, certo, não contribui para fomentar o são cristianismo e a boa moral, própria ou alheia” ([Caixa..., 1958, p. 35](#)).

Nesta mesma época, surgiram duas perguntas relacionadas a joias. A primeira indagava sobre o uso de anéis de formatura. A resposta foi: “não vemos como possa [...] [se] justificar o uso do anel”. Ressaltando mais uma vez a modéstia e a simplicidade, o autor esclarece que nem todo acessório é ilícito, contanto que tenha uma utilidade (prender a gola ou mostrar as horas, por exemplo), mas isso não se aplicaria a anéis de formatura ([CAIXA..., 1956b, p. 34](#)). A segunda aparição do assunto foi mais incisiva. A consultante pergunta por que se usava joias nos tempos do Antigo Testamento e hoje (na época da publicação) eram rejeitadas, além de inquirir sobre a tendência masculina de pintar o bigode. O respondente explicou que as joias foram abolidas quando se percebeu sua influência na “vaidade e perigos que envolvia”. De acordo com ele, qualquer uso de joia traz consigo “funestas consequências”, leva ao abuso, competição e vaidade. Quanto a pintar o bigode? “Cúmulo da vaidade injustificável” ([CAIXA..., 1957b, p. 25](#)).

É interessante que, embora para o leitor contemporâneo essas posições provavelmente pareçam antiquadas ou rígidas demais, a membresia da Igreja ainda não se dava por satisfeita quanto ao assunto. Duas matérias formuladas por conta da preocupação dos irmãos foram publicadas nessa década. Aparentemente, a RA recebia muitas cartas de correspondentes acerca da moda e sua “infiltração” na Igreja, bem como a suposta negligência dos líderes quanto a mesma. [Nichol \(1957, p. 11\)](#), em resposta a uma dessas cartas, relembra que há dois extremos, a vaidade disfarçada de cuidado pessoal e a negligência disfarçada de simplicidade. A nota da redação resume bem a ideia do artigo: “Se aparece uma moda decente, correta e de acordo com os princípios da higiene, não há mal em segui-la. Mas o mal está em seguir a moda se ela é imodesta ou prejudicial à saúde”. Contudo, a apreensão e o número de cartas de correspondentes era

tanto que [Waldvogel \(1959, p. 2\)](#), escreveu um texto sobre o aparente “rebaixamento de padrão” da Igreja:

Cartas nos chegam, indagando se é certo que o novo Manual da Igreja abriu as portas ao uso de pinturas por parte de nossas irmãs, [...] ou que a irmã Beltrana proceda desta ou daquela maneira. [...] Nossa número aumenta e, como infelizmente a espiritualidade não cresce no mesmo passo, manifestam-se aqui e ali deslizes cm relação às normas estabelecidas desde o início.

Procurando ao mesmo tempo acalmar e direcionar o leitor, ele finaliza advertindo mais uma vez contra os extremos, citando Ellen White, para que não sejamos como aqueles "cuja religião consiste em criticar maneiras de vestir e costumes", mas ainda rejeitando os exageros da moda ([Waldvogel, 1959, p. 12](#)).

5. Décadas de 1960 e 1970

Quer seja pelo alto índice de “mundanismo” na Igreja ou pelos numerosos relatos contra a moda enviados à RA, este período foi, sem dúvida, o que contou com mais artigos e com os artigos mais extensos relacionados à aparência. Por esse motivo, serão discutidos apenas casos que adicionam ou alteram um conceito já visto. Importante observar também que o tom da maior parte das matérias se torna mais autoritário nessa época, como será visto. Nota-se também que após esse vicênio há uma queda consistente de matérias relacionadas à aparência na RA.

[Uzeda \(1961, p. 11\)](#) traz de volta os óculos escuros. Reforça o doutor que “não há justificativa para tal prática” se for adotada somente pela moda. Por outro lado, ele recomenda que óculos de grau podem e devem ser usados. As mulheres da época evitavam usá-los porque os consideravam “certidão de idade”, preferindo forçar a vista. Esse é um dos poucos casos em que a RA fala positivamente de um acessório, que por sua parte era evitado pela população geral.

A moda se tornara um inimigo tão presente e persistente na Igreja que Waldvogel ([1963, p. 2](#)) escreveria uma matéria de mais de uma página sobre o assunto intitulada “Velho Tema”. Ele admite que, por ser homem, não seria o mais aceito para contrariar o sexo feminino, que, como visto, era o maior agressor na situação. Admite ainda que os homens também tinham sua parcela de culpa “a começar pelo bigodinho tratado a rigor geométrico”, sendo essa a única instância do artigo que critica a moda masculina. Ao invés disso, o apelo do texto é feito por uma obreira sem nome da União Este-Brasileira, que replica os mesmos princípios já retratados anteriormente. No que pode ser descrito

como o melhor exemplo de um pensamento absolutista até o momento, [Waldvogel \(1963, p. 3, grifo nosso\)](#), conclui pedindo:

Falem as mulheres idôneas e sensatas, **clamem contra as vaidades de suas irmãs, bradem, chamem-lhes a atenção, exortem-nas, repreendam-nas**. Seu testemunho, mais insuspeito que o dos homens, terá mais probabilidade de êxito.

Este é o primeiro e único exemplo de uma matéria da RA ativamente recomendando represália por parte dos irmãos àqueles que não se adequam aos padrões aceitados. Outro artigo autoritário é o de [Lopes \(1965, p. 16\)](#), que apresenta inúmeras ressalvas quanto ao vestuário feminino. Cabe, por razões de resumo e extensão, citá-las:

Vestidos com metade ou quase todo joelho descoberto, vestido tubinho deixando as linhas perfeitas do corpo vistas e sentidas pelo sexo oposto, cabelos com as mais extravagantes modas, unhas pontiagudas e esmaltadas, blusas transparentes aparecendo todos os recortes da peça interna e as vezes a pele, saias colantes, sobrancelhas depiladas e axilas nuas — o que considero de mais abominável à moda feminina, mormente quando usada pelas senhoras e moças cristãs, por que isto já passou de morto cristianismo para o despudor.

Nessa prescrição de o que não fazer, é possível observar que a lista de problemas cresceu, os vestidos encurtaram ainda mais (passando para cima dos joelhos) e surgiram novas queixas. Estreando aqui estão as unhas pontiagudas, as sobrancelhas depiladas e as axilas nuas (aparentemente de especial escândalo para a autora). O Consultório da Juventude retoma a questão de depilação. A consultente pergunta se é pecado depilar as pernas. Afirmando que a pergunta aparecia com frequência, [Waldvogel \(1968, p. 25\)](#) não vê “por que dar tanta importância ao caso. [...] Nem tudo que fazemos para melhorar nossa aparência deve ser taxado como vaidade”. Ele alerta, porém, sobre “a tentação de encurtar o vestido”, que poderia vir junto com a depilação.

[Bietz \(1966, p. 5\)](#), retoma um pouco do pacifismo ao tratar do tópico. Dentre outros assuntos, ele comenta que “há alguns anos os inventores da moda [...] pareciam adotar uma tendência racional em questões de vestuário”, o que já não era mais o caso. Infelizmente o autor não especifica em que momento tal vestimenta ideal teria sido adotada, mas cabe lembrar que a única década que não apresentou contradição indumentária foi a de 1910 (época de roupas mais simples, como visto, devido à Grande Guerra).

Ele também afirma que os homens usavam “penteados femininos” (provavelmente cabelos compridos) e mulheres estavam usando “trajes masculinos”, o que parece retomar o caso das calças compridas (as quais parecem ter sido o “mau” da década pelo número de menções pela RA), até um ponto em que não seria mais possível

distinguir um do outro. O autor reverbera palavras de alguns escritores da época que concordavam com seu ponto de vista, fortalecendo seu argumento. Parecia haver uma preocupação geral com a nova mescla de moda entre os sexos ([Bietz, 1966, p. 5](#)). [Wood \(1968\)](#) reforçaria essa questão no futuro, usando a Bíblia e o Espírito de Profecia para alertar sobre a importância da distinção de aparência entre os sexos.

Entretanto, [Bietz \(1966, p. 6\)](#) relembra que não deve se dar “excessiva atenção” ao vestuário. Referindo-se aos conselhos indumentários de Ellen White, ele conclui que “a instrução é bem equilibrada e não ditatorial”, devendo sempre ter-se em mente a simplicidade e a modéstia.

Alguns se vestem para ostentar sua bela roupa. Orgulham-se de sua aparência. Outros são extremamente desleixados no vestuário, por quererem convencer o mundo de que são humildes. Ambas as classes são orgulhosas: uma, da roupa; a outra, da humildade ([Bietz, 1966, p. 7](#)).

Um artigo de cunho mais informativo é o de [McCully \(1966\)](#). Nele, o autor usa muitas fontes, desde a Bíblia, o Espírito de Profecia e comentários bíblicos até escritores seculares. Procurando associar moda e imoralidade, ele informa que a queda das grandes civilizações foi precedida pela imoralidade e que as taxas de divórcio, de agressões contra mulheres e de mães solteiras haviam crescido nos últimos anos. Para McCully, todos esses fatores são sintomas os quais indicam que o vestuário indecente contribui para a imoralidade e, consequentemente, para a ruína de uma sociedade. Curiosamente, [McCully \(1966, p. 5\)](#) pressagia que “do jeito que as coisas estavam indo, chegaria o tempo em que algumas mulheres adventistas [...] apareceriam em público trajando shorts”, algo considerado comum, ao menos para os afazeres do dia a dia, em nossa realidade atual.

Um indício de mudança de perspectiva é evidenciado por [Wilson \(1967, p. 5\)](#). Embora trate de muitos assuntos em um artigo extenso e variado, há uma seção considerável sobre vestimenta. Além de exaltar mais uma vez o equilíbrio e o respeito, ele explicita algo inédito, uma tendência que era considerada indecente anteriormente, mas se tornou normal com o passar do tempo. A posição do autor é clara, não há problema em seguir modas, desde que essas não infrinjam os princípios de modéstia e saúde (tendo sempre em mente a cultura local). Caso contrário, é necessário nadar contra a maré. Para exemplificar, ele traz o corte feminino da época, o qual descreve como “mais curto do que o seu crescimento máximo”. O comprimento exato não é citado, porém, é claro que “a princípio essa forma de cabelo denotava caráter duvidoso”, mas se tornou aceitável mesmo entre os mais conservadores.

Essa variação de pensamento é espelhada em uma resposta da Caixa de Perguntas. Ao receber uma carta concernente à distinção entre sexos com foco no corte de cabelos, o respondente opina que “não dever-se condenar taxativamente toda cabeleira, aparada, se o corte é discreto [...] Isto dizendo, não queremos que ninguém julgue estarmos recomendando o corte do cabelo. Toleramo-lo, tão-somente” ([Caixa..., 1964, p. 33](#)).

Continuando na Caixa de Perguntas, há alguns inquéritos específicos a se considerar. O primeiro é de uma jovem que perguntou se era lícito usar pó de arroz e permanentes. Interessantemente, o respondente alega que “não é possível responder a sua consulta com um simples Sim ou Não” ([Caixa..., 1960, p. 37](#)), pois algumas pessoas poderiam tender para um extremo e outras para o outro. Nessa mesma edição, alguém pergunta se está certo um adventista usar aliança de casamento. A resposta é neutra, “conquanto a Igreja não aconselhe ou anime o seu uso, não o proíbe também”.

Os anos 1970 iniciaram com uma série de artigos extensivos e numerosos, totalizando quatro, mas que em sua maioria reiteram opiniões e princípios já discutidos, portanto, não serão comentados a fundo. Sua quantidade e espaço de tempo curto, contudo, apresentam um panorama da importância dada ao assunto na época. Um tema pouco mencionado até então que foi introduzido pelo autor e reverberado futuramente com mais ênfase foi o dos cabelos longos, para homens, desta vez ([Engelkemier, 1970b](#)).

A Consultoria Doutrinária, outra coluna da RA dedicada a perguntas e respostas, traz uma vasta contribuição para a década. A primeira é sobre o porquê de os cabelos longos masculinos estarem sendo tão combatidos pela Igreja na época, se Jesus é representado com tal. A resposta da RA se embasa em dois fatores: “a tendência unisex”, ou seja, a preocupação antiga da incapacidade de se distinguir entre os sexos; e a associação do penteado com o movimento hippie, não apoiado pela Igreja ([Consultoria..., 1973b, p. 30](#)).

No mesmo ano, surgiu uma pergunta sobre o uso do vestido “gravidinha”, que tinha o intuito de “produzir a falsa impressão de que sua usuária se acha em estado de gestação” e as calças compridas justas (sem especificar o sexo). Para o respondente, tais vestes, além de indecentes, eram ridículas e eróticas. A justificativa usada foram os princípios de modéstia e os Testemunhos ([Consultoria..., 1973a, p.32](#)).

Nesta época encontra-se alguns vestígios de contestação feminina das normas indumentárias da Igreja para com as mulheres. Em setembro de 1973 uma consultente escreveu à RA contestando que Deuteronomio 22:5 se opõe ao uso de calças compridas por mulheres e defendendo que a malícia não vem da parte delas, senão dos homens. Em

resposta, a RA concede as mesmas exceções ditadas anteriormente, em “ocasiões especiais”, e foca mais uma vez na distinção de sexos. A revista discorda, entretanto, da malícia ser responsabilidade exclusiva masculina, enfatizando uma responsabilidade dupla ([Consultoria..., 1973c, p. 33](#)). A resposta não agradou outro leitor, que censuraria a RA em carta afirmando que a passagem supracitada proibia sim a tendência e que a RA estava se contradizendo. A revista se defendeu extensamente, utilizando-se de extensas matérias antigas, algumas mencionadas nesta pesquisa, para mostrar que não havia se contradito. Ela, porém, concede que o uso “é uma imoralidade”, mas que “em ocasiões especiais”, é mais modesto e prático. O assunto retorna outra vez a favor das calças em 1975, a ponto que o respondente, reiterando os mesmos pontos, conclui:

Sabemos que nossas jovens não têm a motivação erótica que as leve a usar as pantalonas. Contudo, seu uso é uma imitação comprometedora do espírito mundano que ditou essa moda, e a Bíblia manda evitar até a aparência do mal. Ao darmos essa orientação, dentro da modéstia cristã — que é o ornamento da mulher ligada a Cristo — fazemo-lo com amor e não com espírito inquisitorial, como infelizmente existe em certa área ultraconservadora da igreja ([Consultoria..., 1975, p. 27](#)).

A RA de dezembro de 1974 exibiu em sua capa uma foto da cantora norte-americana Del Delker, a qual portava um cabelo na altura das orelhas. Em maio do ano seguinte, foi publicada uma carta de um leitor a qual criticava a ilustração, pois o penteado era “é condenado por 1 Coríntios 11:5 e 6”. O respondente tomou uma página da revista para desmistificar, enfaticamente, a ideia de que esses versículos proibiam o corte feminino (contudo, o autor esclarece que não concorda em cortá-lo a ponto de confundir os sexos). Ele nega a ideia de que a passagem é “normativa, além da época em que o fato foi abordado”, limitando a regra do cabelo e do véu ao período em que foi escrita.

O comprimento dos cabelos deve ser tal que não deixe a mulher parecer ridícula no consenso social em que se vive, [mas] tirar de um fato local uma ilação em favor de determinado comprimento de cabelos para o século XX não tem cabimento. Seria extrapolar costumes ([Consultoria..., 1975, p. 27](#)).

Nota-se o contraste desse vicêncio com os anteriores. Observa-se, inclusive, uma interpretação totalmente contrária do versículo em questão. O que antes servia de justificativa plausível e clara para os tempos em questão, agora se apresenta sob luz do contexto, local e época em que foi escrito.

O Consultório da Juventude traz outro caso de modas sendo “defendidas” pela RA. Desta vez, uma menina a qual se queixava de estar sendo censurada por usar “longuete”, uma saia que, como o nome sugere, é mais longa, em contraste com a temível minissaia que assolava as ruas. A consulente estava sendo criticada porque os vestidos

mais longos estavam voltando à moda e, aparentemente, isso era um problema para alguns membros de sua igreja. [Waldvogel \(1976a, p. 23\)](#), elogia a menina não apenas por adotar a vestimenta, mas também por sua “fibra moral, independência cristã, personalidade”, reiterando que a moda em si não é maléfica, mas sim as modas indecentes, o que, em sua opinião, não era o caso da longuete.

Esse artigo despertou perplexidade em um leitor que desaprovava da longuete, o qual escreveu à revista confuso em reconciliar as passagens de Ellen White que não condenam a adoção da moda quando modesta, com outras em que a autora a condena. A RA alega que ele a confundira com a “maxi-saia”, uma saia ainda mais longa que a longuete que chegava a arrastar-se ao chão em ocasiões, concedendo que esta não era aconselhável por conta da saúde e higiene (que voltaram a serem problemas pela primeira vez desde o início do século). Quanto às citações de Ellen White, o respondente declara que a autora era contra modas prejudiciais e obediência à moda, não à moda em geral ([Waldvogel, 1976b](#)).

Mais uma vez enxerga-se uma mudança de paradigma. A moda não é mais uma agente maléfica de luxúria 100% das vezes, como pensava-se anteriormente, ela pode ser neutra, até benigna, desde que esteja sob os princípios bíblicos. É possível dizer que essa sempre foi a lógica, já que a própria Ellen White reverbera isso nos primórdios da Igreja, mas é difícil enxergar tal imparcialidade nas matérias mais antigas. Nelas, a moda é, em sua maioria, demonizada.

De fato, esse pensamento ainda existia na Igreja. Num perfeito exemplo da desarmonia que está ligada ao assunto, a mesma longuete valorizada por Waldvogel havia sido criticada em uma matéria sobre moda de 1974, apenas dois anos antes. Além dela, o artigo fala contra as infames calça comprida e minissaia, bem como o que o autor chama de moda “nostalgia” ([Sempre..., 1974](#)).

6. Décadas de 1980 e 1990

Os anos 1980 são os últimos em que a moda ocupou um número consistente e razoável nas páginas da RA. O motivo da quantidade, entretanto, é diferente. Esta década pode ser apontada como o momento de transição de um ponto de vista mais conservador para outro mais liberal por parte da revista. Com isto em mente, será aplicada a mesma estratégia do capítulo anterior, serão mencionados apenas artigos que adicionam algo novo ou alteram algum conceito já trabalhado.

As calças compridas retornam a todo vapor, a ponto de as quatro primeiras matérias da RA acerca de vestuário serem sobre elas. [Waldvogel \(1981a, p. 40\)](#) responde uma pergunta sobre as peças de roupa no Consultório da Juventude e conclui que “na Bíblia não existe, pois, proibição do uso de calças compridas pela mulher (a não ser com o propósito de querer passar por homem)”. Essa resposta aborreceu leitores o suficiente para que [Waldvogel \(1981b, p. 40\)](#) dedicasse um espaço considerável da coluna para tratar do tópico. Ele usa passagens de Ellen White e defende seu ponto de vista quanto ao assunto, afirmando que procurou ser neutro ao responder à pergunta: “Leitora: Você acha que não deve usar calças compridas, nem com blusão? Não use. Você outra, acha que é lícito usar a calça comprida? Use-a, mas dentro do critério do ‘bom gosto e dos princípios cristãos de saúde e modéstia’”. É importante mencionar que o autor não era enamorado por calças compridas femininas. No mesmo artigo ele se alegra por conta de sua esposa nunca ter usado o traje e se entristece por tantas jovens da época rejeitarem vestidos a favor de calças, o que sustenta sua alegação de imparcialidade.

Um dos textos mais polêmicos desta década é o “Roupa de Homem e de Mulher”, de [Fonseca \(1984\)](#). De fato, seria possível separar um capítulo apenas para discorrer sobre o artigo. Em suma, o autor, se valendo de enciclopédias e dos Testemunhos de Ellen White, fala sobre Deuteronômio 22:5 e como, noutro exemplo de mudança de paradigma, ele não pensa que o versículo proíbe mulheres de usar calças compridas. Ele argumenta, dentre outras coisas, que havia um foco na proibição dada por esse verso que era inexistente nos versículos anteriores e subsequentes do capítulo 22 de Deuteronômio; que a vestimenta dos tempos de Moisés era completamente diferente da atualidade (do artigo), havendo maior semelhança entre os sexos; que as pessoas não se preocupavam tanto com a confusão das vestes superiores, apenas da cintura para baixo; que, na história, as calças compridas não foram usadas exclusivamente por homens nem os vestidos (ou vestes semelhantes a vestidos) pelas mulheres; e que Ellen White usou o traje (no contexto de sua época e local de moradia). Era da opinião do autor que o versículo em questão tratasse de preocupações higiênicas, interpretação diferente de qualquer outra vista até então.

Temos, assim, pelo menos três coisas importantes, relacionadas com o uso das calças: 1) Não se conhecem registros que tratem delas, anteriores ao séc. XII e, por conseguinte, não estavam incluídas na proibição de Deut. 22:5; 2) pessoas de ambos os性os as usavam; 3) eram usadas como "abrigos interior" tanto por homens como por mulheres ([Fonseca, 1984, p. 41](#)).

Por esses motivos, o autor se encontrou incapaz de condenar seu uso. Embora admita que favorece o uso de vestidos em mulheres, ele concede que “é uma questão de

preferência minha. Trata-se de avaliar um problema segundo um conceito que se cristalizou em minha mente” ([Fonseca, 1984, p. 42](#)).

A matéria foi extremamente mal-recebida pelos leitores. A seção de cartas de junho foi totalmente tomada por críticos, com apenas um comentário positivo. As cartas apresentaram descontentamento e contraposições aos argumentos de Fonseca. Nesta vertente, eles utilizaram outros textos de Ellen White para combater a ideia de que a autora era a favor de calças compridas femininas; desacreditaram o artigo por ter usado mais enciclopédias do que o “assim diz o Senhor”; bem como outro versículo já mencionado ao longo da pesquisa, 1 Timóteo 2:9. Fonseca defendeu sua posição, agradeceu pelas palavras de seus apoiadores e opositores e escolheu não comentar mais sobre o assunto ([Cartas..., 1984](#)).

Pode-se observar que a RA, em graus diferentes, começara a ser mais flexível e pacífica quanto à moda entre o final dos anos 1970 e início dos 1980. [Waldvogel \(1984, p. 44\)](#), traz de volta a prescrição e, sobre o assunto de indumentária e o uso de broches, responde a uma jovem:

Resumindo: Não use vestido muito curto, nem com decote indiscreto. Cuide de agasalhar-se bem, no inverno. Se a moda não atenta contra a moral ou os princípios da boa saúde, nenhum mal existe em segui-la — diz a irmã White. [...] Um broche simples, para prender a gola ou blusa, não se pode proibir.

Duas cartas descontentes com o uso de cabelos curtos por mulheres na igreja são postuladas em março de 1984. Nesta edição encontra-se mais vestígios da mudança de paradigma. As duas se referem a 1 Coríntios 11, e suas respostas são similares. O respondente nega que a passagem proíba o uso de cabelos curtos ou que se refira à vaidade capilar, comentando o contexto em que Paulo vivia e como ele mudou e muda com o passar do tempo, procurando acalmar os correspondentes.

Essas matérias, contudo, não são as únicas nesse período. Textos como os de [Streithorst \(1984\)](#), [Maria \(1984\)](#), [Silva \(1989\)](#) e [Waldvogel \(1989\)](#) corroboram com ideais mais conservadores. Estes não foram discorridos por, como mencionado, não adicionarem ou alterarem conceitos já vistos. Algo a se salientar, no entanto, é que [Maria \(1984\)](#) traz uma preocupação vista apenas brevemente até então, os shorts, que se tornavam mais comuns no vestuário masculino.

O tema da moda começa a desaparecer da RA nos anos 1990. Tanto a quantidade quanto a extensão de matérias sobre esse assunto diminuem consistentemente nas décadas futuras. A grande maioria das vezes em que o tema ressurge nessa década é em colunas de perguntas e respostas, o que talvez indique uma carência de informações para a

membros. Ao ser indagado incisivamente sobre “calça esporte, bermuda e saia-calça” (sem dúvida se referindo ao seu uso pelo sexo feminino), [Silva \(1991, p. 43\)](#) traz três pontos: afirma que não tinha permissão, segundo o Manual da Igreja, de definir quaisquer regras, como requisitado pelo correspondente; reforça que a vestimenta não deve ser um ponto chave da fé adventista; e aconselha aos leitores que evitassem julgar os irmãos baseados em sua vestimenta, advogando pelo pacifismo. [Silva \(1997\)](#) responde ainda outra pergunta, dessa vez se o vestido deveria ou não ter especificamente nove polegadas abaixo do joelho. Ainda usando de pacifismo, o autor usa argumentos fundamentados, enfatizando os princípios bíblicos ao escolher as roupas.

Diante de uma correspondente que tinha dificuldades em abandonar a maquiagem e pedia ajuda para fazê-lo, [Chagas \(1998\)](#) redige 1 Pedro 3:3 e 4 e 1 Timóteo 2:9 e 10. A parte da resposta escrita pelo autor é curta, compondo cerca de 1/3 do espaço dedicado à pergunta. Ele simplesmente relembra conceitos já vistos, modéstia e bom senso. Vale a pena mencionar que em momento algum ele apresenta a consulente maneiras de abandonar esse “vício”, espirituais ou práticas, apenas reitera que seu uso é errado.

O vestuário, como visto até o momento, é uma questão que comumente traz consigo muita incerteza. [Timm \(1997\)](#), afirma que o estilo de vida adventista (em que o autor inclui joias e roupas) era um dos assuntos que os membros mais tinham dúvidas sobre. Na época, Timm era diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White, um departamento da Igreja que, entre outras responsabilidades, responde perguntas relacionadas ao Espírito de Profecia e Ellen White.

Um bom exemplo prático do efeito da moda nas igrejas é apresentado por [Lessa \(1997a\)](#). O autor relembra um caso em que houve um desentendimento entre as meninas e os anciãos de uma igreja que ele pastoreava na época. Ele conta que certos anciãos e diáconos desaprovavam as minissaias usadas pelas garotas, a ponto de ocorrerem discussões e até mesmo algumas serem barradas de entrar na igreja. Na ocasião, as moças se juntaram para levar suas queixas a Lessa e perguntarem qual a altura adequada para vestidos e saias. O pastor procurou ser neutro, evitando ser prescritivo e definir um comprimento específico, enfatizando o amor de Cristo, a beleza interior, a simplicidade e a decência. Da parte dos anciãos, ele deu um fim à imposição de negar a entrada das meninas que consideravam indecentes.

Lessa também é o autor do único artigo dedicado ao tópico da moda nesta década. Ele critica fortemente a moda, uma “ditadora cruel” que quase sempre está contra à Bíblia. O maior e principal problema do texto está, previsivelmente, nas roupas femininas, ou na

falta de tecido das mesmas. Mesmo reconhecendo que o cristão deve ter um “senso de estética” e alegando não ser a favor de extremos de qualquer lado, ele afirma que “o vestuário feminino tem sido alvo do marketing de Satanás”. [Lessa \(1997b, p. 2\)](#) defende que muitas mulheres se vestem indecentemente “por falta de vergonha”. Para ele, por mais que haja homens maliciosos:

Toda vez que uma moça ou mulher expõe determinadas partes do corpo, está tentando e seduzindo. E, não raras vezes, dentro do templo sagrado. Desse modo, o Senhor é desonrado. Deve haver uma mudança de atitude, sob pena de um número cada vez maior de mulheres pecar pela sedução do corpo. Homens e mulheres caindo na armadilha do inimigo. Mulheres, seduzindo; homens, vítimas da concupiscência dos olhos.

É interessante notar que o autor, por mais que afirme entender que há homens mal-intencionados, ainda escolhe descrever os homens como vítimas, ou seja, eles têm uma posição passiva, sofrem as ações das mulheres, as quais seduzem e pecam ativamente, segundo o texto.

A matéria rendeu três cartas de resposta, publicadas na edição de janeiro do ano seguinte. A primeira censura fortemente os comentários de Lessa. A autora pergunta:

Será que o vestuário masculino não tem sido alvo do marketing de Satanás? Será que não são sensuais as calças de linho claro e transparentes utilizadas durante o verão, ou as camisas de malha tipo pólo, justas, delineando seus músculos? Ou aquele traje de camisa transparente e coletes abertos que muitos músicos usam? Será que a concupiscência da carne só existe para os homens, só eles são maliciosos? Que tal, “Homens seduzindo; mulheres, vítimas da concupiscência dos olhos”? Não parece menos parcial? ([Cartas..., 1998, p. 3](#)).

As duas outras cartas, em contraste, são curtas e elogiam o artigo, afirmado que a Igreja precisava ouvir mais sobre o assunto.

7. Décadas de 2000 e 2010

O conteúdo relacionado à moda nos anos 2000 é incitado majoritariamente pelos correspondentes da RA. A primeira ocorrência do assunto vem de alguém que não via diferença entre usar joias e ter um carro caro, pois via os dois como indícios de vaidade. A redação da RA traz versículos exaustivamente vistos até o momento (1 Tm 2:9 e 1 Pe 3:3 e 4), bem como textos de Ellen White que condenam a vaidade e o uso de joias. O respondente declara que “a simplicidade é a marca de todo cristão” e reconhece que embora a Bíblia não mencione carros, ela ainda condena pessoas que os tratem como ídolos. Há, contudo, uma ressalva: “Sejamos, porém, sensatos: Se uma pessoa pode ter uma boa casa ou um carro refinado, e não é manchada pela vaidade, não há mal algum nisso. Às vezes, vemos pessoas que se orgulham de migalhas...” ([JÓIAS..., 2002, p. 11](#)).

De acordo com o respondente, os dois não podem ser categorizados da mesma forma, pois o carro tem uma utilidade, é uma necessidade. O mesmo não poderia ser dito sobre as joias, porque elas refletem sentimentos destrutivos de orgulho e vaidade.

Mais duas perguntas sobre o uso de joias aparecem nesse período. [Moura \(2008\)](#) alega que há apenas dois motivos para se usar joias: chamar atenção e ostentar. Ele e [Gonçalves \(2008a\)](#) salientam que o uso de joias na Bíblia é fortemente associado a povos pagãos e à fonte do pecado, a adoração de si mesmo. Ambos reprovam enfaticamente seu uso.

[Lessa \(2003, p. 2\)](#) menciona brevemente o vestuário em um edital: “Decotes e detalhes que exibam ou salientem partes sensuais do corpo, enfeites que denotem vaidade e exibicionismo – tais coisas não têm amparo nos princípios de pureza, simplicidade e economia. Por isso devem ser descartadas”. Isso demonstra a imagem ideal de um adventista nesta década; as pautas de contestação não parecem ter mudado.

Ainda outra pergunta é postulada sobre as calças compridas e a posição oficial da Igreja sobre seu uso por mulheres cuja explicação tomou uma página completa. Esta é a última matéria a tratar exclusivamente das calças compridas dentro do período proposto, provavelmente porque a roupa se tornou comum na atualidade. [Gonçalves \(2007, p. 19\)](#) apresenta quatro tópicos em sua resposta. Primeiramente, ele coloca a vantagem de se usar calças em atividades físicas ou ao ar livre. Em segundo lugar, ele aponta que há lugares frios onde usar outros trajes pode ser prejudicial à saúde. Nesse mesmo tópico, ele relembra que “se o problema das calças compridas está na demarcação curvilínea do corpo feminino, o problema pode estar em qualquer outra peça de roupa”. No terceiro tópico ele reconhece que o uso de calças não deve ser “banalizado”, e que a melhor veste feminina para adorar a Deus é um vestido ou saia modestos. Ele finaliza o artigo enfatizando a importância da simplicidade no vestuário.

Um tema inédito até o momento são as tatuagens. [Gonçalves \(2008b\)](#) respondeu um inquérito sobre elas com três tópicos. Ele enfatizou que o corpo pertence a Deus (1 Co 6:19, 20); que devemos carregar no corpo as marcas de Jesus (Gl 6:17); e que a Bíblia proíbe as tatuagens em Levítico 19:28. Ainda que a resposta tenha tomado uma página da revista, a única seção do texto que trata propriamente do assunto está neste último tópico.

[Moura \(2009, p. 38\)](#) escreveu um artigo sobre as vestes matrimoniais, em que critica o exagero de maquiagem e as “roupas decotadas e sensuais”. Ele também aponta os vestidos tomara-que-caia, de frente única, cavados, decotados “quase até a cintura” das noivas e suas maquiagens de “pessoas que não conhecem a Cristo”. Para o autor, Deus

desaprova esse tipo de comportamento, que dá um mau testemunho aos não adventistas e escandaliza os adventistas.

A década de 2010 é sem dúvida a mais escassa em material sobre aparência quando não considerada a de 1910. [Lindquist \(2011\)](#), [Köhler \(2011\)](#) e [Lessa \(2011\)](#) escreveram artigos sobre aspectos do adventismo, decisões e cultura cristã, respectivamente, que abordam brevemente a aparência. Sucintamente, eles ressaltam a necessidade da modéstia e da simplicidade no vestuário.

Em maio de 2012, uma feira de saúde e estética para mães e filhos foi realizada em Curitiba pela Rede Educacional Adventista do sul do Paraná e, curiosamente, um dos stands foi o “Mamãe + fashion”, em que elas

aprenderam a usar de forma variada o que já têm no guarda-roupa, dando uma repaginada no visual. No espaço “Mamãe + bonita”, as visitantes conheceram produtos de beleza que tiram até as olheiras das noites maldormidas, tão comuns nos primeiros anos de maternidade ([Matos e Stehling, 2012, p. 32](#)).

Este é mais um exemplo prático de mudança de paradigma. Outras tendas neste evento trouxeram tópicos como a economia, saúde, convivência e espiritualidade maternas, e a estética foi colocada como parte desse grupo. Enquanto antes a moda era vista como uma vilã sedutora e prejudicial à humanidade, agora ela era um tema relevante para um evento voltado a mulheres.

[Dorneles \(2012\)](#) escreveu sobre as joias e seu valor simbólico. Para tanto, o autor retrata dois casos da Bíblia em que as joias foram usadas como um “sacrifício”. O primeiro está em Êxodo 25, quando os hebreus levaram consigo objetos de metais preciosos. Moisés, a pedido de Deus, requisitou ofertas para a construção de um santuário, e os hebreus entregaram anéis, braceletes, fivelas e outros itens. Outro episódio é o de Jacó e sua família em Gênesis 35, que enterraram deuses e joias com o intuito de se purificarem para subir até Betel. “Nesse texto, a ordem do patriarca e a reação do grupo estabelecem uma relação clara entre purificar-se e eliminar os ídolos e as joias, as quais têm características de falsos deuses” ([Dorneles, 2012, p. 38](#)).

A última matéria dedicada à moda é de [Farias Jr. \(2014\)](#). No quesito de conteúdo, embora seja um artigo de duas páginas, ele apenas repete conceitos já vistos como a decadência da moral contemporânea, a importância de se manter firme aos princípios bíblicos de modéstia e simplicidade, o testemunho que damos com nossas vestes e que não devemos julgar as roupas usadas pelo próximo. O restante da década não contou com mais nenhum artigo ou menção à moda.

8. Conclusão

Houve muitos pontos de discussão sobre indumentária com o passar do tempo na Revista Adventista, alguns se mantiveram firmes, como a oposição às joias, bem como à maquiagem e decotes exagerados; enquanto outros se tornaram mais aceitos, como a calça comprida e o cabelo curto em mulheres. Outros objetos vistos foram o espartilho, a minissaia, os saltos altos, certos modelos de vestidos e saias, roupas de banho, roupas transparentes e apertadas, óculos escuros, dentre outros. Por traz de cada polêmica, encontra-se motivos e justificativas recorrentes para a preocupação da Igreja com as roupas usadas por seus membros. Abaixo estão os mais recorrentes.

Provavelmente as palavras mais repetidas em matérias relacionadas à aparência e suas mazelas são modéstia e simplicidade, podendo-se incluir aqui também outras menos mencionadas como o bom senso e a elegância. Todas elas apontam para uma ideia principal, o caráter do cristão. Tanto a Bíblia quanto o Espírito de Profecia enfatizam que o converso deve defender e personificar esses ideais. Evitar a vaidade, o orgulho e o egocentrismo, pecados cada vez mais praticados e que possuem uma natureza sedutora e estimulante, é sem dúvida uma preocupação válida e relevante. O importante é lembrar do equilíbrio, pois “modelos exóticos, nudistas ou arcaicos são uma forma de satisfazer os instintos pervertidos — tanto o que se apresenta no liberalista, como no fanático, que usa uma moda do tempo dos avós. A perversão é a mesma” ([Tavares, 1969, p. 16](#)).

A saúde e a higiene são mais dois fatores que podem ser prejudicados pela aparência. Ambas eram mais pertinentes nos primórdios da Igreja, quando a moda era extremamente danosa nesse sentido. Contudo, é inegável que são de extrema importância nessa discussão, visto que nenhuma vestimenta justifica o desconforto, dor, compressão e enfermidade que pode causar.

Outro aspecto interessante pelo qual observar a ênfase do vestuário na Igreja é a diferenciação. Parece haver uma importância no fato de o adventista não se parecer com as pessoas de fora. Ideias como fazer parte de “uma igreja cujos costumes diferem do mundo” e haver “uma linha de separação” nas vestes de adventistas e não adventistas são vistas por vezes como bons sinais pelos escritores ([Bechara, 1945, p. 22, 23](#)). É verdade que em outros momentos a RA deixa claro que “não existe virtude alguma em nos vestirmos de modo diferente dos que nos rodeiam, só para sermos diferentes deles” ([Normas..., 1946, p. 2](#)), mas é inegável que há certo estigma quanto ao tema. Curiosamente, “há pessoas que se orgulham de sua humildade” ([Nichol, 1957, p. 11](#)), e

alguns artigos denotam um “orgulho” em não seguir a moda, ser antimoda, até um ponto em que se elabora (involuntariamente) uma “moda adventista”. Certas expectativas, como calças e camisas sociais para homens e vestidos de até certo comprimento para mulheres, fazem parte da cultura e identidade adventista até os dias de hoje.

A distinção entre sexos também é vista como determinante em alguns momentos da história. Essa discussão, entretanto, não é tão simples quanto a modéstia ou a saúde. Pode-se observar que esse ponto era considerado mais imperioso em períodos mais antigos. Com o passar do tempo, artigos com visões mais globalizadas da vestimenta introduziram argumentos como a variação referente à época e local da vestimenta em questão. Uma pessoa se adequar ao contexto em que está inserida é, entretanto, algo sem dúvida essencial para sua jornada cristã. Paulo em 1 Coríntios e Ellen White, como visto, enfatizam que devemos respeitar os costumes de onde estamos, inclusive com nossas roupas. Assim, “em todas as épocas, sempre houve formas de vestir que correspondem ao culto, e outras que são inconvenientes para a adoração pública” ([Veloso, 1984, p. 43](#)). É uma questão que interage com o bom senso e a elegância.

O último tema de preocupação é a de se tornar tentação para o próximo, ângulo que, ao longo de toda a Revista, foi tratado exclusivamente na relação de mulher que tenta o homem, com exceção de uma carta enviada por uma correspondente ([Cartas..., 1998, p. 3](#)). Essa postura pode parecer antiquada para muitos, enquanto outros podem a considerar válida ao se discutir o tema. A própria Bíblia afirma que não devemos tentar nossos irmãos em Romanos 14:13, então não se pode rejeitar a ideia por completo. Contudo, o fato de não haver sequer um exemplo do perigo da tentação por parte dos homens ao longo de toda a Revista pode sugerir uma moral dupla. Não é insensato perguntar por que o homem é sempre o tentado e a mulher sempre a sedutora nessas situações. É possível argumentar que a moda masculina sempre foi decente, mas, como apontado pela correspondente referenciada acima, esse não é o caso.

Com tudo isso em mente, fica evidente que a aparência é sem dúvida um tópico essencial de discussão para o cristão. Como, então, solucionar a discordia que parece sempre acompanhá-lo? Analisemos, primeiramente, os métodos indicados na introdução. Ambos têm suas vantagens e desvantagens.

O fundamentado, por não definir limites claros de o que usar ou não, coloca a responsabilidade no leitor, no cristão. Isso é bom porque a própria Bíblia não deixa uma lista do que se pode ou não vestir. O problema é que ao cada um seguir sua consciência “nem todos chegarão à mesma conclusão. Haverá opiniões divergentes” ([Neufeld, 1980,](#)

[p. 44](#)), o que pode causar discórdia. O prescritivo se destaca exatamente nisso. Com uma série de instruções palpáveis não há margem para essa divergência de opiniões. É mais simples, pois é necessário apenas verificar se uma roupa se adequa ou não às normas. Esse método é questionável, entretanto, pelo exato motivo que o fundamentado é benéfico; na grande maioria das vezes não há um embasamento bíblico para definir os exatos limites de centímetros do comprimento de um vestido, por exemplo. Assim:

Seria mais fácil fazer uma lista específica de todos os comportamentos recomendáveis e aceitáveis que deveríamos seguir, mas... teríamos uma multidão sem saber responder por que alguém se comporta daquela maneira. Haveria uma falsa impressão de pensamentos iguais. Teríamos a sensação de que a identidade adventista está no vestir. Isso dificilmente levará a pessoa a amadurecer para tomar uma decisão baseada em princípios ([Silva, 1997, p. 37](#)).

Agora, quanto à posição, o pacifismo e o absolutismo são parâmetros pelos quais pode-se analisar discursos sobre inúmeros assuntos. Da mesma forma, os dois contam com vantagens e desvantagens. O pacifismo não confronta o leitor, portanto é mais acessível, podendo se tornar, no entanto, complacente em certas situações. O absolutismo, por sua vez, é incisivo, o que o torna eficiente em ocasiões mais emergenciais, mas com o alto risco de apartar o leitor por sua natureza crítica.

Portanto, não há um meio completamente correto de se tratar da aparência. Infelizmente, a escassez de elaboração de muitos textos sobre a moda e seus problemas, quer seja por falta de comprovação bíblica (ou uso de texto-prova), tentativa de não ser prescritivo ou, curiosamente, excesso de prescritividade sem motivo faz com que muitas matérias na RA se tornem fracas em suas justificativas. É um tema polarizador, oscilante e volátil. Por essa razão, há uma necessidade de se retornar essa conversa dentro da igreja, elaborar materiais mais objetivos, claros e imparciais sobre a vestimenta e trazer a discussão para o século XXI, pois por mais complicado que o tema seja, é um que continua sendo discutido entre os membros e causando divisão. É essencial para a saúde da Igreja abordá-lo apesar da polêmica associada a ele.

Referências Bibliográficas

- A Necessidade de uma Reforma Indumentária Entre os Christãos. **Revista Adventista**, v. 16, n. 5, p. 7–9, maio 1921.
- Appello aos Ministros, Anciões Locaes e Membros da Egreja. **Revista Adventista**, v. 25, n. 1, p. 2–3, jan. 1930.
- AZEVEDO, E. R. Normas Cristãs. **Revista Adventista**, ano 46, n. 11, p. 3–4, nov. 1951.
- BAGAI, S. 1920s Fashion: Dawn of Women's Liberation. **Journal of Emerging Technologies and Innovative Research**, v. 7, n. 8, p. 509–514, ago. 2020.
- BATISTA, C. P. Mulheres em tempos de guerra: análise do comportamento e da moda feminina nos anos 20 e 50. **Actas de Diseño**, v. 3, p. 198–201, 2007.
- BECHARA, W. A Cruz de Cristo. **Revista Adventista**, ano 40, n. 11, p. 9, 22-23, nov. 1945.
- BIETZ, R. R. Novidades e Modas Variáveis. **Revista Adventista**, ano 60, n. 12, p. 5–7, dez. 1965.
- Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 50, n. 5, p. 27, maio 1955.
- Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 51, n. 5, p. 27, 29, maio 1956a.
- Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 51, n. 11, p. 34, nov. 1956b.
- Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 52, n. 9, p. 25, set. 1957.
- Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 53, n. 8, p. 35, ago. 1958.
- Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 55, n. 9, p. 37, set. 1960.
- Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 59, n. 9, p. 32–33, set. 1964.
- Caixa de Perguntas. **Revista Adventista**, ano 63, n. 7, p. 28, jul. 1968.
- Cartas. **Revista Adventista**, ano 94, n. 1, p. 3, jan. 1998.
- Cartas & Roteiro. **Revista Adventista**, ano 79, n. 6, p. 3–4, jun. 1984.
- CASTELLANI, O. Um Sabbado Feliz. **Revista Adventista**, v. 30, n. 1, p. 13, jan. 1935.
- CHAGAS, A. Aconselhamento: Maquiagem. **Revista Adventista**, ano 94, n. 1, p. 30, jan. 1998.
- Como se Vestem Nossas Moças. **Revista Adventista**, v. 22, n. 10, p. 7, out. 1927.

- Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 68, n. 3, p. 32, mar. 1973a.
- Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 68, n. 5, p. 30–31, maio 1973b.
- Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 68, n. 9, p. 33, set. 1973c.
- Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 70, n. 5, p. 26–27, maio 1975.
- DORNELES, V. O Valor Simbólico das Joias. **Revista Adventista**, ano 107, n. 1248, p. 32, jun. 2012.
- EBINGER, G. F. O Vestuário do Christão. **Revista Adventista**, v. 19, n. 5, p. 2–3, maio 1924.
- Echos da Semana de Oração. **Revista Adventista**, v. 17, n. 10, p. 16, out. 1922.
- EHLERS, M. O Segredo da Saude. **Revista Adventista**, v. 3, n. 4, p. 6–7, abr. 1908a.
- EHLERS, M. O Segredo da Saude. **Revista Adventista**, v. 3, n. 5, p. 7–8, maio 1908b.
- ENGELKEMIER, J. Os Filhos de Deus Devem Vestir-se Recatada e Judiciosamente. **Revista Adventista**, ano 65, n. 8, p. 11–12, ago. 1970a.
- ENGELKEMIER, J. Princípios com Referência ao Vestuário. **Revista Adventista**, ano 65, n. 9, p. 13–14, set. 1970b.
- FARIAS JR, L. T. Mosquito ou camelo? O exterior revela muito do que existe no interior. **Revista Adventista**, ano 108, n. 1272, p. 16–17, maio 2014.
- FONSECA, A. A. Roupa de Homem e de Mulher. **Revista Adventista**, ano 79, n. 2, p. 40–42, fev. 1984.
- FRASQUETE, D. R.; SIMILI, I. G. A Moda e as Mulheres: as Práticas De Costura e o Trabalho Feminino no Brasil nos Anos 1950 E 1960. **História da Educação**, v. 21, n. 53, p. 267–283, 2017.
- FRENCH, T. M. Modéstia no Vestuário. **Revista Adventista**, v. 33, n. 4, p. 2–3, abr. 1938.
- GONÇALVES, O. Bússula: Calças Compridas. **Revista Adventista**, ano 102, n. 1187, p. 19, abr. 2007.
- GONÇALVES, O. Bússula: Jóias. **Revista Adventista**, ano 103, n. 1197, p. 19, fev. 2008a.
- GONÇALVES, O. Bússula: Tatuagens. **Revista Adventista**, ano 103, n. 1206, p. 18, dez. 2008b.
- Jóias e Carros. **Revista Adventista**, ano 98, n. 1, p. 11, jan. 2002.

- KALTENHÄUSER, K. Anéis. **Revista Adventista**, ano 37, n. 7, p. 7, 12, jul. 1942.
- KÖHLER, E. Tempo de Decisões. **Revista Adventista**, ano 106, n. 1233, p. 4, jan. 2011.
- LESSA, R. Minha igreja está crescendo... **Revista Adventista**, ano 98, n. 12, p. 2, dez. 2003.
- LESSA, R. Cristianismo Coerente. **Revista Adventista**, ano 106, Edição Especial, p. 12, 2011.
- LESSA, R. S. Você vive por princípios? **Revista Adventista**, ano 93, n. 8, p. 8–10, ago. 1997a.
- LESSA, R. S. Formosa, ou sedutora? **Revista Adventista**, ano 93, n. 11, p. 2, nov. 1997b.
- LINDQUIST, L. Cultura Adventista. **Revista Adventista**, ano 106, n. Edição Especial, p. 32, 2011.
- LOPES, I. O Mundo e a Igreja. **Revista Adventista**, ano 60, n. 4, p. 16, abr. 1965.
- MARIA, J. Problemas da Juventude. **Revista Adventista**, ano 79, n. 11, p. 45–46, nov. 1984.
- MATOS, F.; STEHLING, P. Presentes para as Mães. **Revista Adventista**, ano 107, n. 1248, p. 32, jun. 2012.
- MCCULLY, W. S. Moral e Vestuário Modesto. **Revista Adventista**, ano 61, n. 10, p. 4–9, out. 1966.
- MOORE, E. V. Que Significa Ser Adventista do Sétimo Dia—No. 2 Separação do Mundo (II Cor. 6: 17). **Revista Adventista**, v. 25, n. 3, p. 3–4, mar. 1930.
- MOORE, M. H. Porque Não Uso Anéis. **Revista Adventista**, v. 33, n. 12, p. 7–8, dez. 1938.
- MOURA, O. C. O Cristão e o Uso de Jóias. **Revista Adventista**, ano 103, n. 1199, p. 17, abr. 2008.
- MOURA, O. C. Trajes no casamento: desprazer para Deus? **Revista Adventista**, ano 104, n. 1210, p. 38, mar. 2009.
- NEILSEN, N. P. A Egreja Remanescente — N°.8. **Revista Adventista**, v. 24, n. 1, p. 8–9, jan. 1929.
- NEILSEN, N. P. O Cadinho das Missões. **Revista Adventista**, v. 29, n. 3, p. 6, mar. 1934.

NEUFELD, D. F. Uso de Vestuário do Sexo Oposto. **Revista Adventista**, ano 75, n. 6, p. 42–44, jun. 1980.

NICHOL, F. D. Apresentação Pessoal. **Revista Adventista**, ano 52, n. 8, p. 11, ago. 1957.

NICHOLS, F. D. O Falso Deus do Apetite, da Moda e dos Esportes. **Revista Adventista**, ano 41, n. 8, p. 2–3, ago. 1946.

Normas de Viver Cristão. **Revista Adventista**, ano 41, n. 11, p. 2–6, nov. 1946.

Nosso Vestuário. **Revista Adventista**, v. 25, n. 2, p. 15–16, fev. 1930.

O Espírito de Mundanidade. **Revista Adventista**, v. 21, n. 3, p. 11, mar. 1926.

Óculos Escuros. **Revista Adventista**, ano 50, n. 12, p. 36, dez. 1955.

Princípios de Hygiene Adoptados pela Associação Geral, em Sessão em Maio-Junho de 1936. **Revista Adventista**, v. 32, n. 1, p. 7–8, jan. 1937.

REBOK, D. E. O Vestuário Feminino. **Revista Adventista**, ano 39, n. 8, p. 9–10, ago. 1944.

RIBEIRO, F.; SCHEMES, C. O Jazz e a Moda no Brasil: Algumas Reflexões. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, n. 3, p. 41–61, 2011.

RUF, G. F. Princípios e Normas de Vestuário para Moços e Moças. **Revista Adventista**, v. 22, n. 9, p. 5, set. 1927.

S, M. G. A Belleza das Filhas do Rei. **Revista Adventista**, v. 33, n. 6, p. 12, jun. 1938.

Sempre a Moda. **Revista Adventista**, ano 69, n. 11, p. 2, nov. 1974.

SILVA, J. M. B. Jóias: Legalismo ou Permissividade? **Revista Adventista**, ano 85, n. 4, p. 45–46, abr. 1989.

SILVA, J. M. B. Aconselhamento: Vestimenta, Ciúme e Namoro. **Revista Adventista**, ano 87, n. 3, p. 43, mar. 1991.

SILVA, J. M. B. Você Pergunta. **Revista Adventista**, ano 93, n. 2, p. 37, fev. 1997.

SOARES, F. A Moda e a Higiene. **Revista Adventista**, ano 47, n. 10, p. 5–6, out. 1952.

SPIES, F. W. Missão Norte Brasileira. **Revista Adventista**, v. 3, n. 2, p. 6, fev. 1908.

STREITHORST, O. S. Olga Responde. **Revista Adventista**, ano 79, n. 5, p. 9–10, maio 1984.

TAVARES, N. A Juventude, a Bíblia e a Pureza. **Revista Adventista**, ano 64, n. 10, p. 16–17, out. 1969.

THE BRAZILIAN WHITE CENTER – UNASP. Stein Jr., Guilherme (1871–1957). Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AGPT&>>. Acesso em: 25 jul. 2025.

TIMM, A. R. Preservando o legado profético. **Revista Adventista**, ano 93, n. 11, p. 5–6, nov. 1997.

UZEDA, V. Higiene da Visão. **Revista Adventista**, ano 56, n. 6, p. 11, 34, jun. 1961.

VELOSO, M. Consultoria Doutrinária. **Revista Adventista**, ano 79, n. 3, p. 43–44, mar. 1984.

W, F. M. A Questão do Vestuário. **Revista Adventista**, ano 36, n. 10, p. 9, out. 1941.

WALDVOGEL, L. Baixámos as Normas? **Revista Adventista**, ano 54, n. 10, p. 2, 12, out. 1959.

WALDVOGEL, L. Velho Tema. **Revista Adventista**, ano 58, n. 2, p. 2–3, fev. 1963.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 63, n. 2, p. 24–25, fev. 1968.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 71, n. 4, p. 23, abr. 1976a.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 71, n. 5, p. 27, maio 1976b.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 76, n. 8, p. 40, ago. 1981a.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 76, n. 12, p. 39–40, dez. 1981b.

WALDVOGEL, L. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, ano 79, n. 1, p. 44, jan. 1984.

WALDVOGEL, L. Rainha Inteligente e Formosa, e Sua Influência. **Revista Adventista**, ano 85, n. 3, p. 11–12, mar. 1989.

WILCOX, F. M. “Quem Poderá Subsistir?” **Revista Adventista**, v. 22, n. 12, p. 2–3, dez. 1927.

WILSON, J. O. Vida Cristã Equilibrada. **Revista Adventista**, ano 62, n. 1, p. 3–8, jan. 1967.

WOOD, K. H. O Cristão e o Vestuário. **Revista Adventista**, ano 63, n. 4, p. 11–12, abr. 1968

A Importância da Mensagem de Saúde Adventista

Bárbara de Siqueira Beiriz Abreu¹

Resumo: Em 2002 a Organização Mundial da Saúde (OMS) asseverou que dois terços de todas as doenças do mundo em 2020 seriam decorrentes de escolhas relativas ao estilo de vida individual. Atualmente a previsão se torna realidade, já que as principais causas de mortes prematuras em adultos estão relacionadas ao uso de tabaco, dieta inadequada, consumo de álcool e sedentarismo. Em contrapartida, os princípios de saúde dos Adventistas do Sétimo Dia vão na contramão desses dados mundiais. Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar a importância da mensagem de saúde da IASD e como se pode aprender através da história acerca dos benefícios dos ensinos sobre saúde que Deus passou a seus profetas, designando um estilo de vida saudável. Metodologicamente, este estudo caracteriza-se por uma revisão bibliográfica. Com o presente estudo compreende-se que as raízes da mensagem de saúde da IASD são bíblicas, e que as visões de Ellen G. White sobre o assunto vieram trazer luz à escuridão que se havia tornado, como a história mostra. Atualmente, essa mensagem de saúde, que traz consigo um apelo à reforma do estilo de vida do povo de Deus, é de extrema relevância para o cumprimento da missão de levar a outros a esperança da salvação. Uma vez que essa mensagem de saúde é parte desse movimento profético.

Palavras-Chave: Adventistas do Sétimo Dia; Estilo de Vida; Mensagem de Saúde.

Abstract: In 2002, the World Health Organization (WHO) stated that two-thirds of all diseases in the world by 2020 would be caused by individual lifestyle choices. This prediction is now becoming a reality, since the main causes of premature deaths in adults are related to tobacco use, poor diet, alcohol consumption, and a sedentary lifestyle. On the other hand, the health principles of Seventh-day Adventists go against these global data. Thus, the objective of this study is to show the importance of the SDA health message and how we can learn from history about the benefits of the health teachings that God passed on to his prophets, designating a healthy lifestyle. Methodologically, this study is characterized by a literature review. With this study, we understand that the roots of the SDA health message are biblical, and that Ellen G. White's views on the subject brought light to the darkness that had become, as history shows. Today, this health message, which brings with it a call to reform the lifestyle of God's people, is extremely relevant to fulfilling the mission of bringing hope of salvation to others. This health message is part of this prophetic movement.

Keywords: Seventh-day Adventists; Lifestyle; Health Message.

¹ Graduada em Fisioterapia pela Pontifícia Universidade Católica e Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: barbara.beiriz@yahoo.com.br

1. Introdução

Em 2002 a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou que dois terços de todas as doenças do mundo em 2020 seriam decorrentes de escolhas relativas ao estilo de vida individual ([Chopra et al., 2002](#)). Hoje se vê que esta previsão estava correta, pois as principais causas de mortes prematuras em adultos estão ligadas a comportamentos insalubres, como uso de tabaco, dieta inadequada, consumo de álcool e sedentarismo. Por esse motivo, provavelmente, políticas públicas de saúde, em todas as partes do mundo, buscam favorecer a adoção e a manutenção de hábitos que melhorem a qualidade de vida da população ([Abdala e Alfieri, 2019](#)). O controle das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) é considerado um dos maiores desafios do século XXI, tendo a OMS estimado que as DCNT foram responsáveis por 68% das mortes em 2012 ([World Health Organization, 2014](#)).

Com essa perspectiva, [Dan Buettner \(2012\)](#) pesquisou, juntamente com National Geographic Society, grupos sociais que se destacam no mundo pelo estilo de vida saudável e estudou a fundo regiões do mundo conhecidas pela longevidade e pela grande quantidade de centenários, denominando-as ‘Zonas Azuis’. Ou seja, são locais que não só tem concentração elevada de indivíduos com mais de 100 anos, mas também são aglomerados de pessoas que envelhecem sem problemas de saúde como doenças cardíacas, obesidade, câncer ou diabetes. Um desses grupos são representados pelos Adventistas do Sétimo Dia (ASD), que são caracterizados por um estilo de vida próprio que incentiva e visa à boa saúde. Esse o estilo de vida constitui um dos pilares fundamentais da IASD.

Tal estudo trouxe os holofotes para o viver saudável e despertado o interesse da comunidade científica. Essa observação científica se verifica em pesquisas, realizadas sobre o grupo populacional dos ASD que vivem na Califórnia (EUA), como também, em outras comunidades dos ASD em diversas partes do mundo.

Os princípios de saúde dos Adventistas do Sétimo Dia englobam vários aspectos, dentre eles os hábitos de higiene pessoal, o regime alimentar, a não utilização de estimulantes, bebidas alcoólicas, tabaco e outras drogas, bem como a prática regular de atividades físicas ([White, 2015](#)). Atualmente, apenas o consumo de alimentos considerados impuros listados na bíblia, no livro de Levítico 11 e a utilização de tabaco e álcool são proibidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, sendo as demais recomendações de livre escolha ([IASD, 2018](#)).

O objetivo deste artigo é mostrar a importância da mensagem de saúde da IASD e como se pode aprender através da história acerca dos benefícios dos ensinos sobre saúde que Deus passou a seus profetas, designando um estilo de vida saudável. É importante destacar que, metodologicamente, este estudo é caracterizado por uma revisão bibliográfica, considerando livros e artigos específicos da área de conhecimento da Teologia e Saúde. Vale salientar que este trabalho é fruto de incentivo do Grupo de Pesquisa Cultura e Adventismo do curso de Teologia da FAT, Campus UNASP Engenheiro Coelho.

2. Conceito de Saúde

O termo saúde acompanha o desenrolar da história desde milhares de anos e se desenrola até os dias atuais. Ao se observar as primeiras publicações no que se diz respeito à saúde, nota-se seu atrelamento à doença. Estar enfermo era considerado o contrário de estar saudável, mas ainda não havia um conceito universalmente aceito para definir a palavra saúde até o século XX. Para isso, foi necessário um consenso entre as nações, através de um organismo internacional. Assim, ao findar da Segunda Guerra Mundial foi criada a OMS e difundido o primeiro conceito de saúde universalmente aceito, divulgado na carta de princípios de 7 de abril de 1948. Nela está escrito: “Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade” ([Scliar, 2007](#)).

Já em 1999 a OMS propôs um novo conceito de saúde em que é considerada um “estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social” ([World Health Organization, 1999](#)). Ou seja, uma abordagem holística da saúde, que requer a adoção de um conjunto maior de bons hábitos para que haja uma efetiva promoção da saúde.

2.1 Conceito Bíblico de Saúde

De acordo com [Reid \(2011\)](#) qualquer estimativa racional dos ensinos bíblicos sobre saúde e cura deve ser pela perspectiva que o mundo de Deus era um planeta de grande complexidade, organizado em harmonia integrada, na qual os seres humanos e toda natureza se uniam para cumprir os ideais divinos. Nisso se vê que a abordagem bíblica não somente reconhece a participação divina além da natureza, mas faz desse envolvimento algo central.

As Escrituras Sagradas são claras a respeito dos seres humanos pertencerem a Deus por criação e redenção, e que, como mordomos, possuem a responsabilidade de cuidar de si próprios. Sendo assim, a ligação integral entre saúde e santidade é vital para estreitar os laços entre Deus e o ser humano. Embora distorcido pelo pecado, o vínculo Criador-criatura continua garantindo que tudo quanto afeta os seres humanos é importante para Deus, que por ser misericordioso sempre almeja o melhor para Suas criaturas. Essas verdades formam a estrutura da visão (cosmovisão) bíblica e demonstram porque a vida humana e a própria compreensão dela devem ser essencialmente religiosas ([Reid, 2011](#)).

[Souza \(2011\)](#) ressalta que no Antigo Testamento os hebreus não separavam a saúde física de sua dimensão espiritual, porque a relação com Javé, formalizada pela aliança, deveria ser desenvolvida em todas as esferas da vida. Os hebreus não separavam a saúde física de sua dimensão espiritual, a mente hebraica não pensava no ser humano como puramente físico, nem a saúde como sendo por uma condição exclusivamente física ([Reid, 2011](#)).

Provavelmente a palavra hebraica *shalom* é a que melhor expressa o conceito de saúde no Antigo Testamento (AT). Ela ocorre aproximadamente 240 vezes, sendo somente 38 vezes usada em contextos que a contrastam com guerra. Na realidade *shalom*, cujo significado básico é paz, possui um espectro amplo de significados, podendo expressar a noção de plenitude, prosperidade, bem-estar e, consequentemente, saúde. Em algumas passagens, esta é a palavra hebraica subentendida ao termo “saúde”, como em Gênesis 43:27 e Êxodo 18:7 ([Souza, 2011](#)).

[Carson \(2007\)](#) em seu comentário sobre o evangelho de João diz que embora *shalom* seja uma palavra comum, utilizada até hoje como saudação, era também um termo abrangente usado para denotar o bem-estar absoluto que caracterizaria o povo de Deus uma vez inaugurado o reino escatológico.

Pode-se encontrar várias passagens na Bíblia onde observamos, muitas vezes não explicitamente, medidas de promoção de saúde. O descanso, por exemplo, foi institucionalizado no quarto mandamento, pois a observância deste mandamento ensinava o princípio básico da necessidade de repouso e estimulava uma relação vertical com Deus (Êx 20:8-11), desconsiderar este princípio poderia levar à exaustão e ao estresse ([Souza, 2011](#)).

No Pentateuco encontram-se procedimentos relacionados com a prevenção de doenças e a consequente preservação da saúde; por exemplo, as prescrições para

isolamento de pessoas suspeitas de estarem infectadas pela “lepra” ilustram um aspecto interessante da legislação hebraica que contribuía para inibir difusão de doenças contagiosas. Além disso, na Bíblia o termo “mãos limpas” tornou-se uma metáfora para uma consciência limpa, o que indica a importância deste ato elementar de higiene no contexto bíblico (Dt 21:6; 2 Sm 22:1; Sl 18:21; Jó 9:30; 22:30). Outros textos mencionam o lavar os pés como parte do ritual de hospitalidade. A ênfase na pureza incluía frequente lavagem, principalmente antes das refeições; a limpeza de panelas ou a sua destruição (Lv 11:33); saneamento e coleta de lixo adequada (Dt 23:12-14); e as casas deviam ser mantidas livres de mofo e bolor ou então destruídas ([Souza, 2011](#)).

Nota-se também várias leis que orientavam a conduta sexual dos israelitas (Lv 15), incluindo-se a circuncisão (Lv 12:3) e outras normas que abordavam a sexualidade (Êx 20:14), aspectos aparentemente triviais, mas que exerciam um papel importante na prevenção de doenças transmissíveis e assim contribuíam para uma melhor qualidade de vida ([Souza, 2011](#)).

Com relação à dieta e às prescrições alimentares, também associadas ao conceito de saúde bíblica, destaca-se que a primeira dieta, a dieta ideal, consistia em alimentos de origem vegetal, uma dieta puramente vegetariana (Gn 1:29-30). Esse padrão reaparece em outros textos, como no caso de Daniel e seus companheiros, que se destacaram entre os demais sábios da Babilônia por adotarem uma dieta de vegetais (Dn 1:12-15). Textos de teor messiânico descrevem ainda uma nova criação, onde os animais viveriam em harmonia entre si e com os humanos, como em Isaías (11:6-9); tais passagens inferem uma dieta vegetariana na nova criação, já que o consumo de carne se opõe ao ideal edênico e messiânico de um paraíso ecológico de convivência pacífica entre humanos e animais ([Souza, 2011](#)).

O consumo de carne passou a fazer parte da dieta humana por ocasião do dilúvio. Com isso, Deus distingue entre carne limpa e imunda, sendo a imunda proibida para consumo humano (Gn 7:8; 8:20). Além disso, a ingestão de sangue também era proibida (Gn 9:4; Lv 3:17; 7:26-27; Dt 12:16). Levítico 11 e Deuteronômio 14:4-21 prescrevem de forma concisa e clara os princípios alimentares a serem seguidos. Seu propósito e consequência se cristalizam no adjetivo “santo” e na relação de aliança entre Deus e Seu povo; por estar em íntima conexão com Deus, este povo desfruta de saúde em suas múltiplas dimensões ([Souza, 2011](#)).

Em seus ensinos sobre o corpo como lugar de habitação de Deus, o apóstolo Paulo faz um retrospecto desde os ensinos do AT para mostrar que o cuidado físico é uma questão que interessa a Deus (1Co 3:16-17; 6:19-20). Seu apelo incisivo mostra que ele considerava isso uma importante verdade, destacando que o corpo pertence a Deus tanto por criação como por redenção e que manter o corpo puro para a habitação do Espírito é uma responsabilidade cristã. Conservar a saúde em ótimo estado é, portanto, um empreendimento cooperativo entre o Criador e a criatura ([Reid, 2011](#)).

Ao cumprir as ordenanças que Deus estabelecera, o povo de Israel seria admirado; ao chamar atenção dos outros povos, Deus seria exaltado (Dt 4:5-9; 28:1-14). Assim, o bom exemplo e o testemunho alcançariam pessoas que, de outra forma, jamais seriam alcançadas, associando assim o conceito de saúde à obra missionária ([Santos, 2007](#)).

[Doss \(2024\)](#) afirma que, por meio do estilo magnético, em que a nação israelita serviria como um modelo atraente de qualidade de vida com base nas leis de Deus, quando os estrangeiros interagissem com eles ou vivessem em seu meio, seriam ensinados a temer ao Senhor e a guardar a Sua lei. Alguns exemplos que ilustram de modo emblemático esse poder atrativo que o estilo de vida de Israel poderia exercer sobre os gentios são a rainha de Sabá e o capitão sírio Naamã.

[Santos \(2007\)](#) destaca a cura como um fator importante que revela a restauração feita somente por Deus, visto que Cristo é o grande médico dos homens e o objetivo principal da obra médico-missionária é levar os doentes ao encontro do médico dos médicos. Para ele, o maior exemplo no Antigo Testamento é a história de Naamã encontrada em 2 Reis 5: 1-14, em que a fé da menina em Deus despertou a fé de Naamã, e com a cura ele abandonou a adoração dos deuses sírios e reconheceu o Deus de Israel como o verdadeiro Deus.

[Reid \(2011\)](#) afirma que as Escrituras dedicam mais atenção à cura do que à saúde e que a abordagem de Jesus à cura jamais foi difusa e mágica como a da comunidade gentílica. Sua frequente atribuição da doença a causas observáveis, solucionadas pelo poder curativo de Deus, demonstrava como a doença e a cura devem ser encaradas em termos racionais que relacionam causa e efeito. Essa perspectiva contribuiu significativamente para o desenvolvimento do tratamento de saúde moderno e racional.

Em Isaías 61:1-3, uma profecia da obra Messiânica de Cristo confirmada no NT (Lc 4:18-19) denota algo de antemão planejado por Deus como método de trabalho no NT, em que Cristo é o grande médico que veio curar os corações e almas dos homens,

libertar da escravidão e do pecado. Este método sugere atender à cura física e espiritual, o grande objetivo da obra médico-missionária ([Santos, 2007](#)).

[Fortin \(2018\)](#) declara que Isaías 60:1-4 retrata a obra médico-missionária como sendo de origem divina, autorada pelo próprio Cristo e uma missão gloriosa a cumprir. O fato de Jesus ser o grande Médico missionário e Seu ministério terrestre de ensino, pregação e cura é um exemplo perfeito para seus seguidores (Mt 4:23).

A abordagem missionária de Jesus era integral, unindo cura espiritual, emocional e física em seu ministério. Ele dedicou muito tempo aos marginalizados, como os leprosos, adúlteros, ladrões, pobres, enfermos e mulheres. Quando enviou os doze discípulos (Mt 10) disse que eles deveriam curar os enfermos e expulsar os demônios, o que mais tarde se tornou normativo na igreja do Novo Testamento. Desde o início de Seu ministério Jesus queria que seus seguidores dessem continuidade à Sua missão quando Ele partisse ([Doss, 2024](#)).

Jesus pretendia que seus discípulos, sua Igreja, continuassem Seu ministério de cura. A delegação dessa tarefa aos discípulos e a manifestação desse dom na igreja apostólica (Mc 6:13; Tg 5:13-16; At 3:1-10; 5:12-16; 8:5-8; 28:3-6, 8; 1Co 12:4-11, 27-28, 30; Ef 4:11, 12; Rm 12:6-8) provam que as curas continuariam tanto como sinais quanto como alívio ao sofrimento humano. Por isso, é razoável esperar que esse mesmo ministério tenha lugar na obra dos crentes dos últimos dias ([Reid, 2011](#)).

Cura de enfermos, exorcismos e outros sinais e maravilhas faziam parte do modelo missionário de Cristo, tanto que Jesus e Seus discípulos aliviaram o sofrimento humano e confrontaram o poder do mal ([Doss, 2024](#)).

No cenário escatológico, ao final da era de pecado, a Bíblia prediz um povo remanescente especial; inteiramente comprometido com Deus; que mesmo vivendo em um mundo corrompido e sofrendo um grande custo pessoal, ainda escolhe a justiça; que salvaguardam a advertência de Jesus de que aqueles que vivem nesse período devem levar uma vida sóbria e comprometida (Mt 24:36-51; 25:1-13; Lc 12:13-21; 35-48; Mc 13:32-37). O Apocalipse os descreve como santos (Ap 14:12). Para esses e para a multidão de santos ressuscitados de todas as eras, Jesus vem com a cura completa e término do pecado e de suas consequências, assim tudo que se perdeu no Éden será restaurado ([Reid, 2011](#)).

Para [Reid \(2011\)](#) ao Paulo introduzir o evangelho no coração do mundo helenístico, o apóstolo se deslocou da concepção holística de saúde e cura centrada em Deus, comum às Escrituras, para um paradigma diferente. Na Grécia a saúde era diretamente expressa na destreza atlética, praticamente definida no desenvolvimento

físico. Em contraste, os hebreus davam pouquíssima atenção a jogos, competições ou perícia atlética, visto que sua atividade física era expressa basicamente em trabalho produtivo, e a recompensa pessoal era obtida mediante a satisfação de um trabalho bem-feito.

2.2 Mudanças do Conceito de Saúde na Era Cristã Pós-Bíblica

Durante os primeiros anos o cristianismo existiu dentro do judaísmo, até que o mesmo tentou extirpá-lo, como relatado nos livros do Novo Testamento. Porém, quando o cristianismo veio a se tornar a religião da maioria, e os judeus uma minoria dentro de uma sociedade que se chamava cristã, muitos cristãos, levados pelos relatos no Novo Testamento acerca da oposição dos judeus ao cristianismo, fomentaram o sentimento antijudaico ([González, 1995](#)).

Pode-se destacar quatro fatores que modificaram e afastaram a sociedade cristã do conceito praticado na Bíblia e contribuíram para a diminuição do ministério cristão de cura: (1) intromissão de teorias gnósticas, interpretações alegóricas e fantasiosas das Escrituras, que depreciavam o valor do corpo humano; (2) a aceitação crescente da concepção dualística grega da pessoa, separação bem definida entre o corpo físico e a alma imortal, substituindo o holismo bíblico, em que a alma seria o centro eterno e espiritual e o corpo se torna uma espécie de prisão temporária da alma; (3) a legitimação do sofrimento como disciplina de Deus, em que as paixões do corpo e da mente só ofereciam o mal e a tentação e por isso deviam ser suprimidas pela mortificação ascética do corpo para combater a carne mediante rigorosas privações; (4) o crescimento do sacramentalismo e do sacerdotalismo numa igreja institucional e litúrgica, que abandonou a ideia de cura, com os seus resultados incertos, conferindo virtude aos sacramentos e deixando o aspecto físico em grande parte desatendido ([Reid, 2011](#)).

Porém, por toda a Idade Média, igrejas e mosteiros mantiveram albergues para doentes e moribundos, e grupos ainda menores, excluídos como hereges, deram atenção à cura ([Reid, 2011](#)). O cuidado de doentes estava, em boa parte, entregue a ordens religiosas, não como um lugar de cura, mas de abrigo e de conforto para os doentes. Contudo, ao mesmo tempo, as ideias hipocráticas se mantinham, através do comer e beber, na contenção sexual e no controle das paixões ([Scliar, 2007](#)).

Entretanto, no século XII, uma série de decretos eclesiásticos separou completamente a igreja da medicina. No Concilio de [Tours \(1163\)](#) proibiu-se os

funcionários da igreja de trabalhar como cirurgiões, pois o atendimento médico era visto como competição. Recomendava-se aos doentes que fizessem devoções reivindicando os poderes meritórios das relíquias e dos santos. Em 1566, a lei canônica exigia que os médicos parassem de tratar qualquer doente que não confessasse seus pecados ao terceiro dia de enfermidade. A dissecação de cadáveres, por outro lado, foi estritamente proibida, impedindo o conhecimento tanto da anatomia como da fisiologia ([Reid, 2011](#)).

Durante a Reforma Protestante, os reformadores Calvino (1509-1564) e Lutero (1483-1546) seguiram a premissa tradicional que limitava os milagres de cura somente à era apostólica, embora Lutero tivesse ficado impressionado com o restabelecimento de Philipp Melanchton em resposta à oração. O *Primitive Physick*, de Wesley, teve muitas edições, servindo de guia popular de cura. Com o desenvolvimento da ciência moderna no fim do século XVIII, o tratamento de saúde migrou gradualmente para os círculos seculares, tendo a transição sido inteiramente concluída por volta da década de 1850 ([Reid, 2011](#)).

3. Movimentos de Reforma de Saúde e a Mensagem de Saúde Adventista

Seguem apontamentos acerca de como os cuidados com saúde se desenrolavam nos Estados Unidos da América do Norte. Observa-se o contraponto com as orientações de Deus dadas por meio das visões de Ellen G. White sobre o cuidado com o corpo e a prevenção de doenças.

3.1 O Surgimento das Reformas de Saúde nos Estados Unidos

No começo do século XIX, os Estados Unidos da América (EUA) experimentaram um grande descrédito na profissão médica e um crescente despertar por tratamentos naturais, reforma de saúde e temperança. Como resultado, foram organizadas sociedades de temperança, clínicas e instituições de saúde que promoviam tratamentos naturais ([Zukowski, 2010](#)).

Apesar de toda sua aparente vitalidade, os EUA, no início do século XIX, eram uma nação doente e suja. O saneamento público era grosseiramente inadequado e a higiene pessoal praticamente inexistente. A grande maioria dos americanos raramente, ou nunca, tomava banho. Seus hábitos alimentares, que incluíam o consumo de quantidades gigantescas de carne, eram suficientes para manter a maioria dos estômagos

continuamente perturbados. Frutas e vegetais verdes e folhosos raramente apareciam na mesa, e os que apareciam eram muitas vezes saturados com manteiga ou banha ([Numbers, 2008](#)).

Os hábitos alimentares pobres contribuíam para o surgimento de enfermidades – a base da dieta americana era carne, pão branco, massas, frituras e alimentos gordurosos. As pobres condições de higiene da população eram um campo fértil para a proliferação de doenças. As práticas convencionais de medicina não eram eficientes para promover a cura na maioria dos casos. Os procedimentos médicos baseavam-se em premissas erradas quanto ao diagnóstico e natureza das doenças ([Zukowski, 2010](#)).

Havia duas linhas de pensamento: uma acreditava que o sangue em excesso causava inflamação e febre, por isso faziam sangria para abaixar a temperatura, porém, a prática levava pacientes ao óbito com frequência. A outra promovia o tratamento dos doentes com drogas como nitrato de prata, ópio, heroína, ácido e outras drogas potentes, pois acreditavam que, enquanto o corpo vencia o efeito da droga, automaticamente venceria as causas da doença original. Quando o paciente falecia, assumiam que era por não terem sido chamados em tempo hábil ou de os remédios não terem sido ativos suficientemente ([Ribeiro, 2006](#)).

Os problemas de saúde e a imoralidade experimentada pelos americanos levaram muitas pessoas a se envolverem com terapias naturais e movimentos de reforma de saúde no começo do século XIX. As sociedades de temperança e principais movimentos de reforma advogavam uma forte redução no consumo de álcool, mas instituições de tratamento natural procuravam uma reforma de saúde mais ampla. Os pontos principais defendidos por estes reformadores eram a reforma alimentar, o uso de água (interior e exterior), exercício, descanso e a abstinência de bebidas fortes, do chá e do café. Dentre estes reformadores, podemos citar Sylvester Graham, William Alcott, Dr. J. C. Jackson, Dr. Harriet Austin e Dr. Joel Shew entre outros ([Zukowski, 2010](#)).

Os primeiros adventistas estiveram envolvidos nas campanhas sociais pró-saúde de seu tempo, inclusive a própria comunidade adventista naquela época carecia de instruções devido à falta de conhecimentos básicos na área da saúde ([Ribeiro, 2006](#)).

José Bates, mesmo antes de ter aceitado o cristianismo, já havia abandonado o uso de álcool e fumo. Ele foi, entre os pioneiros adventistas do Sétimo Dia, o primeiro a adotar a reforma de saúde. Após sua conversão, ele organizou uma

sociedade de temperança em sua igreja local. Quando se aposentou, fez mudanças em seus hábitos nutricionais além de abandonar o uso do chá e café, sendo o mais saudável dentre os líderes do movimento Adventista do Sétimo Dia. Mesmo assim, ele nunca tentou impor seu estilo de vida aos outros, advogando a reforma de saúde apenas depois das visões de Ellen G. White ([Zukowiski, 2010](#)).

3.2 Visões de Ellen White sobre Saúde

Ellen G. White teve quatro visões específicas na área de saúde ([Douglass, 2015](#)). Em seus escritos, ela apresenta inúmeros conceitos sobre a reforma de saúde. Suas quatro visões contêm o cerne da mensagem de saúde adventista e através delas pode ser delineado o desenvolvimento do entendimento adventista na área ([Zukowiski, 2010](#)).

Sua primeira visão sobre saúde² foi com relação aos efeitos prejudiciais do fumo, do chá e do café. Desde então, passou a sugerir outros aspectos do viver saudável que contrariavam os hábitos gerais da sociedade da época ([Douglass, 2015](#)). Na segunda visão³ foram abordados temas como o adultério na igreja, falta de pureza do corpo entre adventistas, higiene pessoal, necessidade do controle do apetite, alimentos refinados, alimentos substanciosos, alimentos integrais, profanação, negligência paterna na educação dos filhos e casamentos não recomendados ([Centro White, s.d.; Zukowiski, 2010](#)).

A terceira visão⁴ foi a mais compreensiva, lhe sendo exposto em linhas gerais o tema da reforma da saúde ([Schwarz e Greenleaf, 2009; Douglass, 2015](#)). Até então, as visões haviam motivado timidamente o desenvolvimento de cruzadas sobre saúde e não provocaram mudanças nos hábitos dos adventistas em geral ([Ribeiro, 2006](#)). A partir dessa visão, ela passou a escrever e publicar artigos na revista *Review and Herald* sobre o que lhe havia sido revelado acerca do tema de saúde e estilo de vida saudável. Algumas dessas considerações apareceram no Testemunho n.º 11 e numa obra intitulada *How to Live* [Como Viver] ([Loughborough, 2014](#)).

De acordo com [Zukowiski \(2010\)](#), as diferentes orientações trazidas pela terceira visão podem ser sumarizadas em dez tópicos: 1) o cuidado com a saúde como um dever religioso; 2) doenças são apresentadas como resultado das violações das leis de saúde; 3)

² Em 18 e 19 de agosto de 1848, durante a Conferência em Volney, Nova York.

³ Em 12 de fevereiro de 1854.

⁴ Em Otsego, Michigan, no dia 6 de junho de 1863. Essa visão durou aproximadamente 45 minutos.

a intemperança pode se manifestar na vida do cristão de diferentes maneiras, como: o uso de bebidas estimulantes, o uso de tabaco de qualquer forma, o uso de alimentos altamente condimentados, a intemperança no trabalho e a indulgência como base das paixões; 4) a dieta vegetariana como ideal para o ser humano; 5) a importância de hábitos corretos de saúde como: o controlar o apetite, não comer demasiado, não comer entre as refeições, etc.; 6) a saúde mental, pois muitas das doenças têm sua origem na mente e não são causadas por fatores externos ou orgânicos; 7) os efetivos remédios de Deus para os seres humanos – ar, água, luz solar, exercício, descanso, e abstinência; 8) a higiene pessoal como pureza de vida, pois envolvem cuidados com o corpo, roupa, casa e pureza de coração; 9) orientações sobre a construção de uma casa; 10) o dever cristão de partilhar com outros os princípios da reforma de saúde.

Na quarta visão⁵ apelou-se para que fossem organizadas instituições de saúde e dadas as bases para o estabelecimento das instituições de saúde Adventistas, onde as pessoas pudessem se recuperar, ser curadas e aprender hábitos de vida saudável através da medicina natural preventiva, a fim de prevenir doenças por conta própria ([Centro White, s.d.; Zukowski, 2010](#)).

A quinta e última, visão⁶ voltou a destacar os objetivos das instituições Adventistas de saúde e o íntimo relacionamento entre a obra de saúde e a Terceira Mensagem Angélica ([Douglass, 2015](#)).

4. A Mensagem de Saúde

Será apresentado a seguir uma visão geral sobre a mensagem de saúde. Tanto as visões que Ellen G. White teve como meio de chamar a atenção para a reforma de saúde individual quanto o aspecto missionário da mensagem de saúde no tocante à proclamação do evangelho por meio dessa mensagem.

4.1 Aspectos Pessoais

Para [Ribeiro \(2006\)](#), Deus não está apenas interessado no que o homem faz com o seu corpo, mas dá devida importância do corpo, pois o corpo precisa estar saudável para não interferir na comunicação entre Criador e criatura, com isso o estilo

⁵ Em 25 de dezembro de 1865.

⁶ Em Bordoville, Vermont, no dia 10 de dezembro de 1871.

de vida saudável que considera os oito remédios da natureza, possibilitam essa comunicação.

As visões de Ellen G. White sobre saúde chamavam a atenção para a importância da boa saúde e a íntima relação entre o bem-estar físico e a vida espiritual. Tais esclarecimentos relacionavam-se com vários aspectos do viver, pois a violação das leis da saúde cria um estado enfermo e desejos não naturais ([White, 2014](#)).

Ellen White escreveu mais sobre saúde do que sobre qualquer outro ponto singular de conselho, pois, para ela, a promoção da mensagem da saúde era um assunto da maior importância, visto que a transgressão da lei moral conduz ao descaso para com as leis do corpo e da mente. Assim, ela atribui grande importância à obediência da lei moral, tendo-a como uma das primeiras condições para a conquista de uma saúde perfeita. E a obediência à lei moral, insiste-se, só pode ser conseguida mediante a aceitação de Cristo e união com Ele, o Redentor do homem arruinado pela transgressão. Dessa forma, o perfeito remédio para todos os males da família humana é a combinação, apreciação e observância das leis físicas, mentais e espirituais de nosso ser ([White, 2008](#)).

Ela afirma que a culpa por violar as leis da saúde é paga com sofrimento; que a negligência no tocante à saúde física tende à negligência moral; que se todos adquirissem conhecimentos sobre este assunto e se compenetrassem da importância de pô-los em prática, veríamos um melhor estado de coisas; e exorta os pais a ensinarem seus filhos estes preceitos (White, 2013e).

[Ellen G. White \(2013d\)](#) revela que Deus deseja ensinar a importância da temperança em todas as coisas; como a intemperança, pela transgressão da lei de Deus, causou a queda de nossos primeiros pais; e como a temperança em todas as coisas guardará nossas faculdades na melhor condição de saúde possível, para que nenhuma névoa ou incerteza lhe obscureça. Dessa forma, o intelecto poderá guiar a ações retas, na observância da lei divina. Por isso é preciso trabalhar em harmonia com as leis naturais ao se querer discernir as reivindicações vigentes da lei que Deus proferiu do Sinai.

[Fortin \(2018\)](#) declara que Ellen G. White enfatizou que a mensagem de saúde não era apenas uma questão pessoal, mas também social e missionária; e que quanto mais perfeita nossa saúde for, mais perfeito será o nosso trabalho. Isso vai de encontro com o seu conceito de mordomia cristã, que envolve o estilo de vida da pessoa como

um todo: finanças, tempo, talentos, templo do corpo (vida saudável) e do evangelho da graça. Essa compreensão vem da ideia de que Deus é o dono de tudo e os seres humanos são Seus mordomos.

Por viver num tempo solene, entre as cenas finais da história da Terra, o povo de Deus deve despertar e fazer maior progresso na reforma de seus hábitos de vida, alimentação, vestuário, trabalho e repouso. Devemos glorificar a Deus em tudo isso para estarmos preparados para o combate com nosso grande inimigo e “desfrutar as preciosas vitórias reservadas por Deus para os que exercem a temperança em todas as coisas, enquanto se empenham por alcançar uma coroa incorruptível” ([White, 2013e](#)).

Em tempos de crise, há grande necessidade de que aqueles que se acham ligados à obra tenham mente clara; que compreendam, como o apóstolo Paulo, a importância de exercer temperança em tudo. Afinal, há trabalho para se realizar para nosso Mestre. Dessa forma, podemos assegurar as melhores condições físicas e mentais para discernir entre o mal e o bem. Por isso a intemperança, de qualquer espécie, obscurece os órgãos perceptivos e enfraquece o cérebro para que as coisas eternas não sejam apreciadas, mas sejam colocadas no nível das coisas comuns. Somente quando os hábitos físicos estão corretos as faculdades mentais e morais podem ser fortes, pois existe íntima relação entre o físico e o moral ([White, 2014](#)).

A reforma de saúde aponta a transgressão às leis do organismo humano, que pode ser considerada uma transgressão da lei de Deus. Essa violação afeta a constituição física, mental e espiritual. A reforma de saúde prepara o povo para o tempo do reavivamento (At 3:19) e o mantém em estado de vigilância para o "Dia do Senhor" conforme Lucas 21:34 ([Ribeiro, 2006](#)).

4.2 Aspecto Missionário

A IASD se identifica como um movimento que carrega uma mensagem e missão proféticas, conforme previsto em Apocalipse 10:7. Nessa passagem, a expressão "mistério de Deus" é uma referência à missão da igreja relacionada, entre outros temas, à saúde, preparando um povo para o encontro com o Criador ([Ribeiro, 2006](#)).

[Ellen G. White \(2021\)](#) declara que a obra médico-missionária é uma parte da obra de Deus, a qual leva Sua assinatura, e que de modo algum deve ela ser considerada sem importância. A falta de compreensão com relação a isso por parte de tantos membros da igreja é porque tais membros não estão seguindo seu Líder passo apóss passo, em autonegação e autossacrifício. Enfatiza ainda o ministério evangélico como uma organização para a proclamação da verdade aos enfermos e aos sãos, já que combina a obra médica-missionária e o ministério da Palavra, pois essas instituições combinadas dão a oportunidade de comunicar luz e apresentar o evangelho a todas as classes e a todas as categorias da sociedade.

O motivo, para [Ellen G. White \(2021\)](#), de nem todos os ministros cooperarem com os que levam avante a obra médica-missionária é porque eles não estudam cuidadosamente a vida de Cristo para descobrir de que modo operava, por isso não seguem Seu exemplo. Assim, eles estão criticando a própria obra que Jesus veio realizar entre os homens. Ela ainda reforça que a obra médica-missionária é a pioneira do evangelho, trazendo à humanidade o evangelho de libertação do sofrimento, pois é o evangelho praticado, a compaixão de Cristo revelada. Por isso há grande necessidade dessa obra, e o mundo está aberto para ela ([White, 2013c](#)).

Para [Fortin \(2018\)](#), a obra médica-missionária é “o trabalho de ministrar às necessidades físicas humanas, como expressão do amor de Cristo e complemento ao ‘ministério da Palavra’”, que inclui uma vasta gama de serviços na área de promoção da saúde, cura e serviços sociais humanitários. Ellen G. White ensinou que a obra médica-missionária deve ser combinada com o “ministério da Palavra” para que se possa conhecer o povo, ajudá-lo e assim comunicar luz e apresentar o evangelho.

[Ellen G. White \(2013b\)](#) vê uma íntima ligação entre a obra médica-missionária e o evangelho a partir de Isaías 58, sendo o ela “o evangelho ilustrado”. Os dois devem se misturar, não devem ser separados, pois nenhuma é completo sem o outro ([White, 2013a](#)). Essa autora revela que:

A obra médica-missionária deve ser a obra da igreja, assim como o braço direito se relaciona com o corpo. O terceiro anjo proclama os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. O trabalho missionário médico é o evangelho posto em prática. Todas as linhas de trabalho devem se fundir harmoniosamente ao expor o convite: “Vinde, que já tudo está preparado” (Lc 14:17) ([White, 2013f, p.77](#)).

[Ellen White \(2013b\)](#) compara a relação entre o braço direito e o corpo com a da obra médica-missionária e a mensagem do evangelho nos últimos dias, pois os

métodos de Deus para tratamento das doenças abrirão portas para a entrada da verdade presente.

5. Conclusão

Analisando os ensinos e exemplos bíblicos relacionados à saúde, à qualidade de vida e à cura, percebe-se que todos apontam para a compreensão de como Deus tem guiado Seu povo a se relacionar efetivamente com o mundo. A Bíblia apresenta princípios básicos e importantes que servem de guia para a boa saúde e endossa a valorização do corpo físico por meio de atividades sadias.

Buscar a compreensão e a prática desses princípios de saúde honra a Deus como Criador e Senhor, pois o cuidado com a saúde não é simplesmente uma opção, mas uma prova de lealdade e serviço responsável a Deus. Nesse contexto, a mensagem de saúde anunciada por Ellen G. White teve o intuito de resgatar o que havia se perdido com o tempo, promovendo e restaurando a saúde do povo de Deus, a fim de prepará-lo para sua missão. Afinal, a obra médico missionária continua, visto que os discípulos de hoje têm a mesma vocação e comissão que o Mestre deu aos doze e aos setenta (Mt 10:1, 7-8; Lc 10:8-9).

Com o presente estudo comprehende-se que as raízes da mensagem de saúde da IASD são bíblicas e que as visões de Ellen G. White sobre o assunto vieram trazer luz à escuridão em que se havia tornado, como a história mostra. Atualmente, essa mensagem de saúde, que traz consigo um apelo à reforma do estilo de vida do povo de Deus, é de extrema relevância para o cumprimento da missão de levar a outros a esperança da salvação. Afinal, a mensagem de saúde faz parte desse movimento profético.

Referências Bibliográficas

- ABDALA, Gina Andrade; ALFIERI, Fábio Marcon. **A ciência dos 8 remédios naturais.** 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2019.
- BUETTNER, Dan. **The blue zones: 9 lessons for living longer from the people who've lived the longest.** National Geographic Books, 2012.
- CARSON, D. A. **O comentário de João.** São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2007.
- CENTRO WHITE. **Cronologia da Vida de Ellen G. White.** Disponível em: <https://centrowhite.org.br/ellen-g-white/cronologia-ellen-g-white/>. Acessado em: 10 de novembro de 2024.
- CHOPRA, Mickey; GALBRAITH, Sarah; DARNTON-HILL, Ian. **A global response to a global problem: the epidemic of overnutrition.** Bulletin of the world Health Organization, v. 80, p. 952-958, 2002.
- SOUZA, Elias Brasil de. Saúde na Bíblia Hebraica. In: **Estudos Bíblicos**, v. 28, n. 111, p. 25-34, 2011.
- SANTOS, Ricardo Cypriano. **O trabalho médico-missionário adventista:** sua base bíblica e utilização como método de evangelismo pelos leigos adventistas. **Kerygma**, v. 3, n. 1, p. 54, 2007.
- DOSS, Gorden R. **Introdução à missão adventista: teologia, história e estratégias.** 1.ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024.
- DOUGLASS, H. E. **Mensageira do Senhor.** José Augusto da Silva. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- FORTIN, Denis. **Encyclopédia Ellen G. White.** Jerry Moon. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.
- GONZÁLES, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do cristianismo. São Paulo, SP: Vida Nova, 1995.
- IASD. **IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. MANUAL da Igreja Adventista do Sétimo Dia.** Naor G. Conrado, Ranieri Sales, Levi Gruber, Rubens Lessa, Andréa Cordeiro. 22. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.
- LOUGHBOROUGH, J. N. **O Grande Movimento Adventista.** Oregon, OR, USA: Adventist Pioneer Library, 2014.
- NUMBERS, R. L. **Prophetess of health: a study of Ellen G. White.** Wm. B. Eerdmans Publishing, 2008.
- REID, George W. **Saúde e Cura.** In: DEDEREN, Raoul. Tratado de teologia adventista do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

RIBEIRO, Mirtes Amaral Domingos et al. **Ellen White e a saúde na cosmovisão adventista.** 2006.

RODRIGUES, Wellington Gil; DE CRISTO, Antônia Mariana Barbosa; DE LEON RODRIGUES, Jéssica Renata Ponce. Relações entre Ciência e Religião nos Escritos de Ellen G. White e suas Implicações para o Ensino de Ciências na Rede Educacional Adventista. In: **Revista Hermenêutica**, v. 14, n. 1, 2014.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 29-41, 2007.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver.** Carlos A. Trezza. 10. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Ellen G. **Cristo em Seu santuário.** Carlos A. Trezza. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013a. 120 p. Disponível em:
https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=793879. Acesso em: 18 nov. 2024.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo.** Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013b. 559 p. Disponível em:
https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=793883. Acesso em: 18 nov. 2024.

WHITE, Ellen G. **Medicina e salvação.** Almir A. da Fonseca, Carlos A. Trezza. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, Ellen G. **Ministério para as cidades:** Esperança para os centros urbanos. Eunice Scheffel do Prado. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013c.

WHITE, Ellen G. **Nos lugares celestiais.** Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013d. 773 p. Disponível em:
https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=793933. Acesso em: 18 nov. 2024.

WHITE, Ellen G. **Temperança:** dos escritos de Ellen G. White - 3^a edição. Isolina A. Waldvogel. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja 6.** 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

WHITE, Ellen Gould. **Testemunhos para a igreja 8.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013f. 333 p. Disponível em:
https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=794001. Acesso em: 18 nov. 2024.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos seletos 3.** 5. ed. São Paulo, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013e. 405 p. Disponível em:
https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=793989. Acesso em: 18 nov. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Fifty-second World Health Assembly, Geneva, 17–25 May 1999: verbatim records of plenary meetings and list of participants.** 1999. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/258945/WHA52-1999-REC-2-eng-fre.pdf;jsessionid=5D9A40A14E464DBCB9C2141D8712D36D?sequence=1>. Acessado em: 13 de março de 2024.

ZUCOWISKI, J. Reforma de saúde: história e relevância teológica no movimento adventista. In: **Parousia**, ano. 9, n. 2. Engenheiro Coelho, SP: SALT – Seminário Latinoamericano de Teologia, 2010. P. 95-111

A Mente como Capital do Corpo: A Centralidade da Saúde Mental na Antropologia de Ellen G. White

Renan da Silva Pacheco¹

Resumo: Este artigo propõe uma análise da centralidade da mente na antropologia de Ellen G. White, destacando seu papel fundamental na constituição do ser humano e sua relação direta com a saúde física, emocional e espiritual. Partindo da descrição que “a mente é a capital do corpo”, a pesquisa explora os efeitos positivos e negativos do funcionamento mental sobre o corpo e a alma. A metodologia utilizada foi a análise documental de trechos e obras publicadas da autora, que abordam diretamente o assunto. Os resultados evidenciam que a mente, quando harmonizada com os princípios divinos, favorece a saúde integral, ao passo que, corrompida ou desgovernada, compromete todas as demais dimensões da existência humana. A pesquisa conclui que uma compreensão teológica e prática da saúde mental, à luz da contribuição de Ellen G. White, é essencial para uma vivência cristã equilibrada e espiritualmente vigorosa.

Palavras-chave: Mente. Corpo. Saúde mental. Ellen White. Antropologia.

Abstract: This article proposes an analysis of the centrality of the mind in the anthropology of Ellen G. White, highlighting its fundamental role in the constitution of the human being and its direct relationship with physical, emotional, and spiritual health. Based on the description that “the mind is the capital of the body,” the research explores the positive and negative effects of mental functioning on the body and soul. The methodology used was a documental analysis of excerpts and published works by the author that directly address the subject. The results show that the mind, when harmonized with divine principles, promotes integral health, whereas when corrupted or ungoverned, it compromises all other dimensions of human existence. The study concludes that a theological and practical understanding of mental health, in light of Ellen G. White’s contribution, is essential for a balanced and spiritually vigorous Christian life.

Keywords: Mind. Body. Mental Health. Ellen White. Anthropology.

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Celso Lisboa. Pós-graduado em Docência Universitária (UNASP) e Mestre em Teologia (SALT UNASP). E-mail: renanspacheco@gmail.com

1. Introdução

A mente humana ocupa um papel central na constituição do ser humano enquanto criatura. Ellen G. White, em sua vasta produção literária,² possui uma definição da mente como “a capital do corpo”.³ Para a autora, a mente funciona como coordenadora das ações, decisões e até mesmo do relacionamento entre o ser humano e o divino. A partir dessa concepção, White eleva a saúde mental a um nível fundamental para a integralidade do ser, visto que dela depende não apenas o bem-estar físico, mas também o equilíbrio emocional e a vida espiritual.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 970 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de algum transtorno mental,⁴ sendo a depressão e a ansiedade os mais prevalentes. O Brasil é o país com maior prevalência na América Latina ([BRASIL, 2014](#)). Isso foi intensificado ainda mais após o período da pandemia Covid-19 ([PEIXOTO et al., 2024](#)).

A contemporaneidade, marcada por crises emocionais, transtornos mentais e tensões espirituais, exige um olhar mais profundo sobre os fundamentos teológicos da saúde mental. No contexto adventista, Ellen White fornece um arcabouço sólido e coerente para compreender a interdependência entre mente, corpo e espírito, inserindo a saúde mental dentro de uma perspectiva de redenção, santificação e missão.

Neste artigo, parte-se da premissa de que a compreensão da mente como centro do ser humano não é apenas uma proposição filosófica ou psicológica, mas uma categoria antropológica teológica com implicações práticas para a vida cristã. A investigação parte de livros de Ellen G. White que abordam essa temática diretamente, com destaque para as obras “A Ciência do Bom Viver” e “Mente, Caráter e Personalidade”, volumes 1 e 2, buscando identificar os principais fundamentos de sua visão sobre a mente e seus desdobramentos para a saúde mental.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral analisar a centralidade da mente na antropologia de Ellen G. White, demonstrando como sua integridade e funcionamento equilibrado impactam todas as dimensões da existência humana.

² A produção literária de Ellen G. White, na época de sua morte, chegou a aproximadamente 100.000 páginas, contando com 24 livros, cerca de 5.000 artigos em periódicos da igreja, milhares de páginas de documentos, cartas e manuscritos, além de muitas outras páginas de diários que foram datilografados. As compilações feitas posteriormente à sua morte, somados aos livros em vida, totalizam 130 livros atualmente.

³ Testemunhos para a Igreja, v. 3, p. 136

⁴ Disponível em <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-disorders>

Como metodologia, adota-se a análise documental de textos da autora, com foco qualitativo e abordagem teológico-descritiva. Através desse percurso, pretende-se evidenciar como a compreensão de Ellen White da mente oferece um modelo coerente e profundamente relevante para o cuidado da saúde mental na atualidade, demonstrando que seus escritos estão além de seu tempo e possuem relevância ainda hoje.

2. Fundamentos da Antropologia de Ellen G. White

A compreensão de Ellen G. White acerca do ser humano apresenta uma antropologia integral, a qual é descrita como uma unidade composta de corpo, mente e espírito. Diferentemente das concepções dualistas ou dicotômicas da filosofia grega,⁵ que separavam corpo e alma em esferas distintas e, por vezes, antagônicas, a autora adventista defende uma visão holística, em que todos os aspectos da existência humana estão interligados e afetam-se mutuamente. Nesse modelo, a mente assume um papel de governo, sendo o centro do raciocínio, da moralidade, da adoração e das decisões que impactam o destino eterno do indivíduo.

De fato, a antropologia de Ellen White é inequivocamente holística, na medida em que rejeita dicotomias entre o físico e o espiritual, entre o intelecto e as emoções e entre a razão e a fé. Para ela, esse princípio é visto desde o começo da história, quando “Foi-lhes [para Adão e Eva] designada uma útil ocupação, como uma bênção, para fortalecer-lhes o corpo, expandir a mente e desenvolver o caráter”.⁶ Assim, qualquer abordagem fragmentada do ser humano compromete não apenas a saúde, mas também a espiritualidade e o propósito original da criação.

Em seus escritos, White reitera que “a mente é a capital do corpo”,⁷ isto é, o centro onde se dá o governo do ser. Essa concepção está profundamente ligada ao conceito

⁵ A tradição filosófica grega influenciou profundamente a concepção dualista do ser humano, especialmente a partir de Platão, que propunha uma clara separação entre corpo (soma) e alma (psyché), considerando o corpo como prisão da alma. Aristóteles, por sua vez, introduziu uma perspectiva mais funcional, embora ainda dualista, ao conceber a alma como forma do corpo. A ideia tricotómica — corpo, alma e espírito — foi sistematizada posteriormente em contextos religiosos e filosóficos helenistas, buscando uma leitura mais detalhada das funções humanas, embora tal divisão não seja coerente com a visão holística hebraica. No pensamento grego, portanto, a dicotomia e a tricotomia se distanciam da antropologia bíblica, que comprehende o ser humano como uma unidade indivisível de corpo, mente e espírito. (VENTURA, 2020)

⁶ Educação, p. 21.2 – acréscimos do autor

⁷ Testimonies for the Church 3:136 (1872) in: Mente, Caráter e Personalidade v. 1, p. 72.1.

bíblico do “coração”⁸ como sede do pensamento, da moralidade e da decisão. O domínio da mente sobre o corpo não é, portanto, apenas neurológico, mas ético e espiritual.

Esse entendimento se antecipa às formulações contemporâneas de saúde integral e encontra reverberação em pesquisas atuais que destacam a importância da espiritualidade e da religiosidade para a saúde mental. Estudos demonstram que práticas espirituais contribuem para resiliência emocional, enfrentamento do estresse e melhoria da qualidade de vida ([OLIVEIRA e JUNGES, 2025, p. 1](#)).

Muito embora esse seja um tema enfatizado mais recentemente, Ellen White apresentou uma compreensão pioneira da interação entre saúde física e estado emocional:

O estômago dispéptico sempre leva à irritabilidade. O estômago ácido leva a um temperamento azedo. Teu corpo tem de ser mantido em sujeição, se queres fazer dele um templo adaptado para a habitação do Espírito Santo. Come com moderação, mesmo dos alimentos saudáveis. Faze exercício moderado, e sentirás que tua vida é de alguma importância. — [Carta 27, 1872](#).⁹

Isso hoje é reconhecido na literatura médica como correlação entre ansiedade e distúrbios gastrointestinais. Seu pensamento, portanto, não apenas tem valor teológico, mas apresenta correspondências clínicas que reforçam sua relevância interdisciplinar.

Para White, a mente é o ponto de convergência da experiência humana. Ela declara: “Todo órgão do corpo foi feito para ser servo da mente. Esta [a mente] é a capital do corpo”.¹⁰ Essa metáfora da mente como “capital” revela sua primazia na organização do ser e seu papel determinante tanto nas manifestações físicas quanto espirituais.

Em outras palavras, não se pode pensar na saúde do corpo ou na santidade da vida cristã sem considerar a integridade da mente. Afinal de contas, “Os nervos do cérebro, que comunicam com todo o organismo, são o único meio pelo qual o Céu pode comunicar-se com o homem e afetar sua vida íntima”.¹¹ Esse entendimento também está presente na seguinte afirmação: “A mente rege o homem todo. Todas as nossas ações, quer sejam boas ou más, originam-se na mente. É a mente que adora a Deus e nos põe em contato com os seres celestiais”.¹²

A mente, portanto, não é apenas funcional, mas espiritual — é nela que se dá a comunhão com o divino. Dessa forma, qualquer desequilíbrio mental compromete não

⁸ No Antigo Testamento, o termo hebraico “lēb” designa o centro da vida interior humana, incluindo pensamento, vontade e moralidade. O coração é a sede da reflexão, julgamento e decisões éticas e espirituais, contrastando com uma visão meramente emocional ou física do termo. (BUZO, 2023)

⁹ Mente, Caráter e Personalidade v. 2, p. 394.1.

¹⁰ Testimonies for the Church 3:136 (1872) in: Mente, Caráter e Personalidade v. 1, p. 72.1.

¹¹ Mente, Caráter e Personalidade v. 1, p. 230.5

¹² Mente, Caráter e Personalidade v. 2, p. 396.1

apenas o corpo, mas o relacionamento com Deus. Além disso, Ellen White reconhece que a mente está sujeita às influências espirituais em constante conflito no Grande Conflito entre Cristo e Satanás.

Esse cenário do Grande Conflito opera como background da percepção da autora acerca da realidade. Ela adverte que, se não for firmemente disciplinada e submetida à orientação divina, a mente pode se tornar um campo de batalha vulnerável: “Se permitirmos, os anjos maus trabalharão [cativarão e controlarão] a mente dos homens, até que estes não tenham mente ou vontade suas próprias”.¹³ Essa advertência destaca a responsabilidade individual em proteger e consagrar a mente ao serviço de Deus.

Por fim, a mente é também o local onde se forma o caráter, e este, por sua vez, é o único bem que o ser humano levará para a eternidade. A formação do caráter, segundo White, exige que a mente seja educada, disciplinada e elevada pelos princípios do Céu. Desse modo, compreender a centralidade da mente é essencial para entender a própria missão do ser humano diante de Deus.

3. A Mente e a Saúde Integral

A íntima ligação entre mente e corpo é um dos pilares da compreensão de saúde no pensamento de Ellen G. White. Ela afirma com clareza: “Muito íntima é a relação que existe entre a mente e o corpo. Quando um é afetado, o outro se ressente. O estado da mente atua muito mais na saúde do que muitos julgam”.¹⁴ Essa perspectiva rompe com uma visão fragmentada do ser humano e propõe uma teologia da saúde integral, na qual o bem-estar físico, mental e espiritual estão entrelaçados de forma inseparável.

Nesse sentido, Ellen White identifica uma série de distúrbios emocionais que, se não forem tratados, prejudicam diretamente a saúde física. Ela escreve: “Muitas das doenças sofridas pelos homens são resultado de depressão mental. Desgosto, ansiedade, descontentamento, remorso, culpa, desconfiança — todos tendem a consumir as forças vitais e a convidar a decadência e a morte”.¹⁵ Em outras palavras, a mente abatida ou sobrecarregada é um agente direto de adoecimento do corpo.

A ligação entre mente e corpo, nas obras de Ellen White, é clara e frequentemente reiterada. As aflições da mente exercem poderosa influência sobre a saúde do corpo, e

¹³ Manuscrito 64, 1904; in: Mente, Caráter e Personalidade v. 1, p. 24.2.

¹⁴ A Ciência do Bom Viver, p. 241.1.

¹⁵ A Ciência do Bom Viver, p. 241.1

vice-versa. Quando o sistema nervoso é afetado por preocupações, angústias ou estímulos negativos, todo o organismo sofre as consequências.

O abatimento mental tem poder para causar conduzir o indivíduo à morte, destacando que a tristeza constante, a raiva e o medo não são apenas problemas emocionais, mas fatores diretamente relacionados ao surgimento de enfermidades.

Esses conceitos dialogam diretamente com o que hoje a psicologia e a medicina psicossomática reconhecem como impacto das emoções na saúde física¹⁶. A Organização Mundial da Saúde já considera que o bem-estar mental é essencial para a saúde total, corroborando o que Ellen White escreveu há mais de um século.

Além disso, ela também apresenta um caminho terapêutico:

Se a mente é livre e feliz, por uma certeza de fazer o bem e um senso de satisfação por causar felicidade a outros, isto causa uma alegria que reagirá sobre todo o organismo, promovendo uma circulação mais livre do sangue e um avivamento de todo o corpo.¹⁷

Essa citação não apenas explica a dinâmica emocional-fisiológica, mas aponta o altruísmo e o propósito cristão como fontes de cura.

Essa constatação é aprofundada com mais detalhes, onde Ellen White afirma que “grande parte das doenças que afligem a humanidade tem a sua origem na mente, e só podem ser curadas pela restauração da mente à saúde”.¹⁸ Esse princípio reforça que o tratamento de enfermidades, mesmo físicas, passa pelo cuidado com o estado mental, emocional e espiritual do indivíduo.

Do outro lado da balança, atitudes positivas da mente também têm poder terapêutico. Ellen White enfatiza: “O ânimo, a esperança, a fé, a simpatia e o amor promovem a saúde e prolongam a vida. Um espírito contente, animoso, é saúde para o

¹⁶ As doenças psicossomáticas são compreendidas como manifestações físicas que têm origem em conflitos emocionais ou psíquicos, nas quais o corpo traduz, muitas vezes de forma simbólica, um sofrimento mental não elaborado. Segundo Cerchiari (2000), a psicossomática possui uma trajetória histórica que atravessa paradigmas filosóficos e científicos, sendo um campo que transita entre a medicina e a psicologia, com foco na integralidade do ser humano. Capitão e Carvalho (2006) reforçam essa perspectiva histórica e clínica, discutindo diferentes escolas da psicossomática, como a psicanálise de Freud e as contribuições de Marty e McDougall. Já Silva e Muller (2007) enfatizam as doenças dermatológicas como expressões psíquicas visíveis, especialmente em casos como psoríase e dermatite atópica. No mesmo sentido, Cruz e Júnior (2015) abordam a interação corpo-mente como essencial para a promoção da saúde integral, defendendo a escuta ativa do sujeito somatizador. Por fim, Galdi e Campos (2017) trazem a perspectiva clínica da psicanálise, sublinhando a importância da escuta terapêutica e da abordagem interdisciplinar no cuidado ao paciente com sintomas psicossomáticos. Em todos os casos, nota-se que Ellen G. White já apresentava esse princípio nos anos 1870.

¹⁷ Mente, Caráter e Personalidade v. 2, p. 646.1

¹⁸ Mente, Caráter e Personalidade v. 2, p. 396.4.

corpo e força para a alma. ‘O coração alegre serve de bom remédio’ (Pv 17:22)”.¹⁹ Essa afirmação resgata o princípio bíblico e evidencia que o cultivo de emoções nobres é uma prática de saúde preventiva e restauradora.

Ela também reconhece o papel da imaginação como fonte de enfermidade. A mente que se deixa levar por pensamentos negativos, fúteis ou falsos, adoece: “A doença é muitas vezes produzida, e com frequência grandemente agravada pela imaginação [...] Muitos morrem de doença de origem inteiramente imaginária”.²⁰ Essa observação feita na década de 1870 é muito atual, especialmente em tempos marcados por ansiedade, hipocondria digital e excesso de estímulos sensoriais.

Com isso, fica evidente que a saúde mental, na perspectiva de Ellen White, não se limita à ausência de doenças psíquicas, mas está profundamente ligada ao cultivo da fé, da esperança e da comunhão com Deus. O desequilíbrio da mente não é apenas uma questão médica, mas também espiritual, e sua restauração exige uma abordagem integral, que considere a dimensão da alma e a conexão com o Criador.

4. O Domínio da Mente e os Perigos do Controle Psicológico

Entre os aspectos mais notáveis da compreensão de Ellen G. White sobre a mente está sua firme advertência contra qualquer forma de dominação mental. Para ela, a mente humana foi criada para ser governada unicamente por princípios divinos e pelo autodomínio orientado por Deus, jamais por outra mente humana. “Não é desígnio de Deus que nenhuma criatura humana submeta a mente e a vontade ao domínio de outra, tornando-se um instrumento passivo em suas mãos”.²¹ Essa visão não apenas resguarda a liberdade individual, mas eleva a responsabilidade da autogestão mental como um chamado espiritual.

Ellen White denuncia como perigosa qualquer prática em que uma mente busque subjugar outra sob a alegação de cura, influência terapêutica ou autoridade espiritual. O método de cura em que “a mente de uns é submetida ao domínio de uma outra” é para ela uma “chamada ciência” que, ainda que pareça inofensiva ou benéfica, “baseia-se em falsos princípios” e “é estranha à natureza e princípios de Cristo”.²²

¹⁹ A Ciência do Bom Viver, p. 241.3.

²⁰ A Ciência do Bom Viver, p. 241.2.

²¹ Conselhos sobre saúde, p. 345.2

²² A Ciência do Bom Viver, p. 242.2.

Em tempos recentes, práticas como hipnose, neurolinguística aplicada, e formas intensivas de coaching têm despertado preocupação ética por seu potencial de manipular a mente humana. Essas abordagens, embora muitas vezes apresentadas como inofensivas, podem exercer uma influência sutil e progressiva sobre a vontade, levando indivíduos a renunciar a seu juízo moral e autonomia de consciência.

Ellen White advertiu sobre esse tipo de ameaça de forma profética. Para ela, a mente era território sagrado da liberdade dada por Deus — e qualquer tentativa de dominá-la violava a dignidade humana e o plano divino.

Sua crítica era especialmente severa quando a influência vinha de líderes religiosos ou supostos terapeutas espirituais: “Nenhum homem foi feito um senhor, para governar a mente e consciência de um seu semelhante. Sejamos bem cuidadosos quanto à maneira com que lidamos com a herança de Deus comprada por sangue”.²³ Isso tem implicações diretas para ambientes eclesiásticos e terapêuticos, onde o risco de dependência emocional ou intelectual pode estar disfarçado sob o manto da autoridade espiritual.

Assim, a verdadeira saúde mental, na perspectiva de White, depende do domínio próprio, do pensamento crítico e da liberdade da consciência guiada pelo Espírito Santo — jamais por imposições humanas, mesmo quando mascaradas de motivação espiritual.

Essa crítica se estende também à manipulação religiosa, ao fascínio emocional e às relações de poder abusivas. Ellen White afirma que essa teoria teve origem em Satanás, cujo objetivo é colocar “a filosofia humana onde se devia encontrar a divina”.²⁴ O perigo desse domínio não está apenas em suas intenções humanas — que podem parecer nobres —, mas no fato de que ele abre a porta para a atuação do inimigo: “Abre uma porta através da qual Satanás entrará para tomar posse tanto da mente que se entrega ao domínio de outra como da que a domina”.²⁵

A defesa da individualidade espiritual, segundo White, não é um apelo ao isolamento, mas um reconhecimento de que cada ser humano deve buscar a direção diretamente em Deus, e não a transferir a outros. “Deus deseja pôr os homens em direta relação com Ele. [...] Busca estimular o senso da dependência pessoal, e impressioná-los com a necessidade de direção própria”.²⁶

.....

²³ Liderança Cristã, p.37.3

²⁴ A Ciência do Bom Viver, p. 243.1.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibid., p. 242.4.

Em tempos em que a influência psicológica, o apelo midiático e o poder carismático são amplamente usados para moldar opiniões e condutas, o pensamento de Ellen White permanece profundamente relevante. A mente humana, para ser saudável e espiritualmente viva, deve manter sua liberdade moral, sua capacidade de raciocínio e sua fidelidade ao Criador como fontes de autoridade. Qualquer tentativa de usurpação dessa liberdade, mesmo sob o pretexto do bem, é espiritualmente destrutiva.

5. Aplicações Pastorais e Educacionais da Teologia da Mente

A compreensão da mente como centro do ser humano e como capital do corpo tem implicações práticas fundamentais para os ministérios da pregação, do ensino e do cuidado espiritual. Ao reconhecer a influência da mente sobre o corpo, as emoções e a espiritualidade, Ellen G. White fornece uma base sólida para ações pastorais e educacionais que visam a formação de seres humanos equilibrados, saudáveis e santificados.

No contexto pastoral, a ênfase de White na relação entre o estado mental e a saúde espiritual exige uma abordagem integradora no cuidado das pessoas. Não se trata apenas de pregar sermões doutrinários, mas de ajudar os membros a desenvolverem uma mentalidade equilibrada, fundamentada na confiança em Deus, na esperança e na autodisciplina. A autora declara que “a mente deve deter-se sobre assuntos relacionados com nossos interesses eternos. Isso conduzirá à saúde do corpo e da mente”.²⁷

Esse princípio pode ser aplicado no aconselhamento pastoral, no discipulado, nas visitas e nos cultos, onde líderes espirituais são chamados a orientar os fiéis a desenvolver hábitos mentais saudáveis. Isso inclui a rejeição do pessimismo, da culpa obsessiva e do fanatismo emocional, bem como o cultivo de um espírito alegre, confiante e em paz com Deus.

A aplicação dos princípios de Ellen White em contextos pastorais e educacionais envolve mais do que ensino de doutrinas: trata-se de criar atmosferas restauradoras para a mente, onde todos fazem parte desse processo, iniciando na família.

²⁷ The Review and Herald, 29 jul. 1884; in Conselhos sobre Saúde, p. 50.3

O verdadeiro objetivo da educação é restaurar a imagem de Deus na alma. No princípio Deus criou o homem à Sua semelhança. Dotou-o de nobres qualidades. Sua mente era bem equilibrada, e todas as faculdades de seu ser estavam em harmonia entre si. Mas a queda e seus efeitos perverteram estes dons. O pecado mareou e quase obliterou a imagem de Deus no homem. Foi para restaurar a mesma que se concebera o plano da salvação, e se concedera ao homem um tempo de graça. Levá-lo novamente à perfeição em que a princípio fora criado — é o grande objetivo da vida, objetivo este que constitui a base de todos os outros. É o trabalho dos pais e professores, na educação da juventude, cooperar com o propósito divino; e, assim fazendo, são ‘cooperadores de Deus’.²⁸

Nos lares, ela enfatiza que o ambiente familiar deve ser o primeiro centro de saúde mental, advertindo que “o cristão deve ter uma ternura e um amor santificados, em que não há impaciência ou irritação; as maneiras rudes, ásperas, precisam ser abrandadas pela graça de Cristo”.²⁹ Pais e mães são, assim, convidados a praticar o autocontrole e cultivar o espírito de mansidão e esperança, para que o lar seja um refúgio contra o estresse emocional.

No ministério pastoral, Ellen White adverte contra os sermões excessivamente negativos e aterrorizantes, afirmando que “Nossos ministros e professores têm de representar o amor de Deus para com o mundo caído. Que a palavra da verdade seja proferida com o coração abrandado pela ternura”.³⁰ Isso tem implicações diretas para a saúde emocional dos ouvintes, uma vez que a espiritualidade baseada no medo, em vez de restaurar, oprime.

Essa responsabilidade por parte do ministro impactará a percepção dos ouvintes acerca do amor de Deus, pois “o amor de Deus deve viver no coração do ensinador da verdade. Seu próprio coração deve estar possuído daquele profundo e fervente amor que havia em Cristo; então ele fluirá para os outros”.³¹

Outro ponto relevante é a música, que, segundo ela, “A introdução da música em seus lares, em lugar de estimular à santidade e espiritualidade, tem sido um meio de afastar a mente deles da verdade” e a “música, quando bem utilizada, é uma grande bênção, mas quando mal-usada, uma terrível maldição”.³² Portanto, pastores, educadores e líderes devem discernir os estímulos mentais que promovem equilíbrio emocional e comunhão com Deus, evitando formas de expressão que gerem agitação mental ou banalização da fé.

²⁸ Mente, Caráter e Personalidade v. 1, p. 359.2.

²⁹ O Lar Adventista, p. 51.3

³⁰ Obreiros Evangélicos, p. 372.1

³¹ Evangelismo, p. 320.2

³² Filhos e Filhas de Deus, p.179.3.

Na área educacional, essa visão inspira métodos pedagógicos centrados na formação do caráter, mais do que apenas na transmissão de conteúdo. A educação deve trabalhar o raciocínio, a moralidade e a autonomia espiritual do estudante, e não o induzir a um pensamento mecânico ou manipulado.

Além disso, práticas educativas saudáveis devem considerar os riscos do excesso de estímulo mental, da ociosidade intelectual e da ausência de propósito. White adverte que “a mente não deve estar constantemente limitada a um pensar rigoroso, pois a delicada estrutura mental se torna cansada”,³³ e que tanto o corpo como a mente precisam de descanso. Tanto a falta como o excesso, tornam-se prejudiciais à saúde mental.

Sendo assim, é preciso promover um ambiente de equilíbrio entre estudo, oração, atividade física e recreação inteligente. Novamente encontramos claras evidências na percepção antropológica de Ellen White acerca da mente como o centro da vida.

Por fim, tanto no ministério pastoral quanto no campo educacional, deve-se evitar o domínio psicológico e respeitar a individualidade moral do outro. A função do líder, do professor ou do conselheiro não é substituir a consciência, mas conduzir o indivíduo a uma relação pessoal e direta com Deus. Como ensina Ellen White: “O médico deve *educar o povo* a volver o olhar do humano para o divino. [...] Deve dirigi-lo Àquele que é capaz de salvar perfeitamente a todos quantos a Ele se chegam”.³⁴ Isso não pressupõe algum domínio sobre o ser, mas o conduzir pela educação para que a mente se volte para Deus.

Aplicar a teologia da mente, portanto, é mais do que entender conceitos — é orientar práticas ministeriais e educativas que libertam, restauram e dignificam o ser humano diante de Deus.

6. Conclusão

A mente, na antropologia de Ellen G. White, é mais do que uma faculdade psicológica ou intelectual: ela é o centro do ser, o ponto de encontro entre o humano e o divino, o núcleo do caráter, da adoração e da saúde integral. A expressão “a mente é a capital do corpo” sintetiza uma teologia que valoriza o autodomínio, a liberdade espiritual, a formação moral e a harmonia entre corpo, mente e espírito.

³³ Mente, Caráter e Personalidade v. 1, p. 289.2.

³⁴ A Ciência do Bom Viver, p. 243.3. com grifos acrescidos pelo autor.

Ao longo deste artigo, foi possível observar que a mente saudável, segundo White, é aquela que está em comunhão com Deus, equilibrada emocionalmente, disciplinada intelectualmente e protegida contra influências externas destrutivas. Quando essa centralidade é ignorada, o ser humano se torna vulnerável a doenças emocionais, manipulações psicológicas e estados espirituais de alienação. Por outro lado, quando é compreendida e cultivada, torna-se um instrumento de cura, salvação e testemunho.

As implicações dessa visão abrangem tanto o campo da teologia quanto os âmbitos pastorais, educacionais e relacionais. A prática da fé, a educação cristã, o aconselhamento e a formação de líderes espirituais se enriquecem ao recuperar o papel da mente como instrumento da graça e campo de batalha do grande conflito.

A centralidade da mente na antropologia de Ellen G. White revela não apenas um olhar teológico, mas também uma sensibilidade profética diante de temas que só nas últimas décadas passaram a ser discutidos de forma ampla nas áreas da medicina e da psicologia. O fato de que White escrevia sobre depressão, estresse, influência da alimentação e controle emocional em pleno século XIX, atesta não só sua inspiração, mas também a amplitude de sua contribuição.

Em tempos de crescente adoecimento emocional, crise de identidade, esgotamento mental e banalização da vida, sua visão de saúde integral — que abrange corpo, mente e espírito — torna-se extremamente relevante. Estudos recentes reforçam que espiritualidade bem orientada e fé madura têm papel terapêutico real, sendo fatores protetivos contra transtornos psíquicos ([ALEXANDRE et. al., 2024; SILVA et. al., 2024; BORBA e REICHOW, 2024; MONTEIRO et. al., 2020; MOREIRA-ALMEIDA e STROPPA, 2012](#)).

Ellen White também antecipa, de forma singular, o conceito contemporâneo de “inteligência emocional cristã”, ao apresentar que o domínio próprio deve ser presente na vida, pois “vossa cortesia e domínio próprio terão sobre o caráter de vossos filhos maior influência que meras palavras”.³⁵ Isso coloca sobre educadores, pastores e líderes espirituais a responsabilidade de promover ambientes que respeitem a integridade mental e favoreçam a formação de caráter equilibrado.

Portanto, revisitando os escritos de Ellen G. White à luz dos desafios atuais não é apenas exercício histórico, mas um convite à recuperação de uma teologia prática da

³⁵ The Review and Herald, 13 de Junho de 1882. In: O Lar Adventista, p. 421.5

mente, que contribui com profundidade para a construção de uma espiritualidade terapêutica, profética e integradora.

Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, Clara M. A.; JÚNIOR, Hélio M. P. L.; MENDONÇA, Francisco C. Espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão dos efeitos positivos na saúde mental. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE**, v. 10, n. 11, p. 4805-4816, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.16798>. ISSN 2675-3375.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde mental e atenção psicossocial na Rede de Atenção à Saúde: a experiência dos Centros de Atenção Psicossocial do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/na-america-latina-brasil-e-o-pais-com-maior-prevalencia-de-depressao> Acesso em 01 de jul. de 2025.

BORBA, Júlia Cunha de; REICHOW, Jeverson Rogério Costa. Espiritualidade, psicoterapia e saúde mental: panorama dos estudos brasileiros. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 44, n. 107, p. 146-158, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/10.5935/2176-3038.20240019>.

BUZO, Renato Fonseca. Algumas traduções e significados atribuídos ao termo coração no contexto bíblico do Antigo e Novo Testamentos. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 9, n. 01, p. 149-165, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.008>. ISSN 2447-4878.

CAPITÃO, Cláudio G.; CARVALHO, Érica B. Psicossomática: duas abordagens de um mesmo problema. **Psic**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 21-29, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jul. 2025.

CERCHIARI, Ednéia A. N. Psicossomática um estudo histórico e epistemológico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 4, p. 64-79, dez. 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893200000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jul. 2025.

CRUZ, Marina Z.; JÚNIOR, Alfredo J. Corpo, mente e emoções: referenciais teóricos da psicossomática. **Revista Simbio-Logias**, v. 4, n. 6, p. 46-66, 2011. Disponível em: <https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/corpo-mente-e-emocoes.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2025. ISSN 1983-8472.

GALDI, Maíra B.; CAMPOS, Érico B. V. Modelos teóricos em psicossomática psicanalítica: uma revisão. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 29-40, mar. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jul. 2025. <https://doi.org/10.9788/TP2017.1-03Pt>.

MONTEIRO, Daiane D.; REICHOW, Jeverson R. C.; SAIS, Elenice F.; FERNANDES, Fernanda S. Espiritualidade / Religiosidade e Saúde Mental no Brasil: uma revisão. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 40, n. 98, p. 129-139, 2020.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; STROPPA, André. Espiritualidade e saúde mental: o que as evidências mostram? **Debates em Psiquiatria**, v. 2, n. 2, p. 10-14, 2012. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/904>. Acesso em: 2 jul. 2025.

OLIVEIRA, Márcia R. de; JUNGES, José R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, n. 3, p. 469-476, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016>. Acesso em: 2 jul. 2025.

PEIXOTO, Ana C. T. et al. O impacto das doenças psicossomáticas na saúde mental da sociedade pós pandemia de COVID - 19. **LUMEN ET VIRTUS**, São José dos Pinhais, v. XV, n. XLI, p. 6075-6096, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/levv15n41-083>. ISSN: 2177-2789.

SILVA, Juliana Dors Tigre da; MÜLLER, Marisa Campio. Uma integração teórica entre psicossomática, stress e doenças crônicas de pele. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, n. 2, p. 253-261, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000200011>. ISSN 0103-166X.

VENTURA, Luis Henrique Pontes. Os Elementos Essenciais do Homem. **RevEleTeo**, v. 14, n. 26, p. 51-71, 2020. ISSN 2177-952X.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **Conselhos sobre saúde**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Filhos e Filhas de Deus**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. **Liderança Cristã**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. **Mente, caráter e personalidade**: orientações para pastores, professores, conselheiros e todos os que lidam com os problemas mentais – Vol. 1. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. **Mente, caráter e personalidade**: orientações para pastores, professores, conselheiros e todos os que lidam com os problemas mentais – Vol. 2. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **O Lar Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. **Obreiros evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental Disorders**. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-disorders>. Acesso em 02 de jul. de 2025

Estudo da Sexualidade em Gênesis 1, 2, 3 e Cânticos: Suas Implicações para o Estilo de Vida Adventista

Eric Lopes¹
João Vitor Ribeiro Pinto²

Resumo: A sexualidade é um tema de grande relevância na cultura popular atual, sendo alvo de diferentes tipos de meios de propagação cultural como mídias sociais, filmes, séries, músicas e literaturas. No entanto, o que se observa é que em sua maioria, os parâmetros sexuais existentes atualmente são diferentes dos mais antigos. Diante dessa constante mudança, surge o questionamento de qual seria a conduta adequada na área sexual. No concernente aos princípios sexuais bíblicos destacam-se os livros de Gênesis e Cânticos como especiais expoentes desse tópico. sendo analisados com o intuito de destacar as prescrições ali contidas para a sexualidade em um contexto anterior e posterior à entrada do pecado no mundo, bem como seu papel restaurador em Cânticos.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênesis. Cânticos. Casamento. Ellen White. Estilo de vida.

Abstract: Sexuality is a topic of great relevance in contemporary popular culture, disseminated through various forms of cultural media such as social media, films, series, music, and literature. However, what is observed is that, for the most part, current sexual norms differ from older ones. Considering this constant change, the question arises as to what constitutes appropriate conduct in the sexual realm. Regarding biblical sexual principles, the books of Genesis and Song of Songs stand out as special representatives of this topic and are analyzed here to highlight the prescriptions they contain about sexuality in contexts both before and after the entrance of sin into the world, as well as the restorative role presented in Song of Songs.

Keywords: Sexuality, Genesis, Songs, Marriage, Ellen White, Lifestyle.

.....
¹ Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: erick@unasp.edu.br

² Graduado em Ciências Políticas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: joao.rpinto@unasp.edu.br

1. Introdução

Desde o começo da Bíblia, já é abordado, em seus primeiros capítulos, o tema da sexualidade, sendo seu surgimento atrelado ao começo da própria humanidade. Mediante análise do primeiro capítulo do livro de Gênesis, facilmente nota-se a perfeição de tudo o que foi criado. Tendo a sexualidade sido criada nesse contexto, entende-se então que ela seria boa. Dessa perspectiva, não é possível entender que os anseios sexuais do homem e da mulher são negativos ou mesmo pecaminosos, pelo contrário, são dádivas divinas. Além da criação do homem e, consequentemente, da sexualidade, Deus também estabelece um padrão de relacionamento, de forma que é possível entender os três primeiros capítulos de Gênesis como uma base dada pelo criador para o ideal de sexualidade apresentado ao longo da Bíblia e para toda a humanidade atualmente.

Ainda nesse sentido, percebe-se que antes mesmo de estabelecer o casamento, a sexualidade humana já era uma questão abordada por Deus, tendo em vista que o contexto da criação é relatado:

E Deus disse: — Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra. Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: — Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na. Tenham domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra (Gn 1:26, NAA).

Dessa forma, é possível entender que a sexualidade já fazia parte do plano de Deus, não apenas para a satisfação humana, mas também como ferramenta sistemática para povoar o planeta recém-criado.

2. O Casamento

Como fundamento do que é possível chamar de teologia da sexualidade, o relato aponta que Deus instituiu o casamento em Gênesis 2:24, estabelecendo que o homem e a mulher, seriam uma só carne. Dessa forma, como observado por [Aécio Cairus \(2011\)](#), o homem e a mulher de Gênesis haviam sido feitos literalmente da mesma carne e agora tornam-se oficialmente um só, ou seja, Deus didaticamente os lembra que como anteriormente os dois se encontravam em um, agora como um casal, deveriam agir da mesma forma, assim é marcada a importância, seriedade e vitalidade do casamento.

Ao voltar para o momento da criação da humanidade, [Philip Chia \(2019\)](#) destaca a relação problema-solução existente nos versos 20 e 21 do capítulo 2 de gênesis. Tal lógica é vista nos dias da criação onde existe um painel, de forma que as criações dos três primeiros dias são completas pelas criações dos três dias seguintes. Em vista disso, é possível entender que a percepção de solidão por parte do homem foi propositalmente ocasionada para então ser solucionada com a criação da mulher. Logo, entende-se o casamento não como um arranjo improvisado para sanar uma necessidade, mais um plano elaborado cuidadosamente por Deus, visando que ambos se valorizassem e percebessem a necessidade mútua de companheirismo idôneo.

Segundo [Deborah Sawyer \(2002\)](#), seria possível identificar desde o princípio uma relação triangular composta por Deus, pelo homem e pela mulher, sendo esse já um retrato exemplar do que é o reto comportamento matrimonial. Nesse sentido é possível entender que desde o início do casamento, a presença e a benção de Deus devia ser algo central e a qual o casal deveria utilizar de base para a união deles.

Em suma, entende-se que Deus planejou a união do homem e da mulher no casamento de forma que ambos se completassem e auxiliassem, formando uma unidade com o relacionamento baseado e orientado pelo próprio Deus criador. [Marcin Krycki \(2017\)](#) destaca ainda que por essa instituição ser detalhadamente descrita e prescrita no início do pentateuco, denota-se um caráter nobre e sério, entendendo como um modelo a ser seguido padronizadamente.

3. Homem e Mulher

Observando o relato da criação é possível destacar o fato de a sexualidade, ou seja, os gêneros masculino e feminino, terem sido estabelecidos e limitados diretamente por Deus ao criar a humanidade, não dando margem para surgimento de outro que não esses pré-determinados. Nota-se ainda que por ocasião do casamento relatado em Gênesis 2:24, havia duas pessoas, sexualmente diferentes e complementares, que desde sua criação já eram distintas, um sendo o homem e a outra a mulher.

Acerca desse tópico, [Gerhard von Rad \(1965\)](#) pontua que o plural utilizado no verso 27, onde diz “Ele os criou”, não deixa margem de dúvida de que por ocasião da criação, os gêneros já haviam sido bem determinados.

Em vista dessa clara distinção entre os sexos, é especificado também a forma de união estabelecida por Deus, uma união heterossexual, onde homem e mulher, macho e

fêmea, tornam-se um, o casamento é marcado pela dualidade e complementação, abençoado pela benção da procriação. Nesse sentido, [Karl Barth \(1956\)](#) entende que é impossível falar acerca da humanidade fora dos parâmetros de homem ou mulher, sendo a própria humanidade existente por essa dualidade.

4. Monogamia

Tendo Deus criado homem e mulher, a história segue e desenvolve-se no casamento deles, um dos aspectos claramente especificados dessa união é o fato de que o casamento estabelecido no Éden é um relacionamento monogâmico. Nesse sentido, [Richard Davidson \(2012\)](#) destaca a utilização de palavras no singular ao abordar o homem e a mulher no capítulo 2, verso 24 de Gênesis, enfatizando a existência de apenas um exemplar de cada sexo.

A percepção da existência de apenas um par de pessoas é fortemente corroborada pela utilização do termo “um homem e sua esposa”, no mesmo trecho. Outra evidência pode ser encontrada ao analisar a mesma passagem na septuaginta, onde está escrito “os dois se tornarão uma só carne”.

Ainda é possível notar que, conforme relatado por Robert Bowman Jr., a linguagem utilizada na estrutura do verso aponta um caráter de aliança e concerto, sendo esse pensamento corroborado por [Margaret Peterson \(2002, p. 502. Tradução nossa\)](#): “a união de um homem e uma mulher em um exclusivo e procriativo concerto de casamento é apresentado como a intenção criativa de Deus.”

5. Igualdade

Ao texto destacar o homem e a mulher enquanto uma só carne, um ponto especificado por Deus é a equidade e ausência de hierarquia dentro do casal. Ao analisar a perícope de Gênesis 1:26-28, [Helen Schtingel-Straumann \(1993\)](#) destaca que homem e mulher foram abençoados e igualmente ordenados a dominar sobre a criação e procriar, logo, dessa forma não há margem para que um dos gêneros seja hierarquicamente superior ao outro, já que ambos estão na mesma posição.

Ainda nesse contexto, [Richard Davidson \(2012\)](#) destaca:

Gênesis 2:15 torna mais explícito a criatividade ousada envolvida em subjugar a terra: eles deveriam "cultivar" ('ābədāh) e "guardar" (šāmərāh) o jardim. Esses termos significam literalmente "servir" e "proteger", respectivamente. O homem e a mulher recebem a responsabilidade de uma administração cuidadosa, servindo e protegendo o ambiente ao seu redor. Essas duas palavras, usadas em par, também compõem a expressão usada em Êxodo para o serviço dos sacerdotes e levitas no santuário (tradução nossa).

Dessa forma, Deus teria atribuído a ambos, homem e mulher não apenas as mesmas responsabilidades e direitos, mas a mesma função, sendo na concepção de Davidson um exemplo sacerdotal. Tal entendimento colabora para a percepção de igualdade existente entre o casal.

Acerca da posição e responsabilidade de um para com o outro, [Umberto Cassuto \(1961\)](#) entende que por a costela estar no lado, a mulher também deveria ficar ao lado do homem, não apenas no sentido de estar abaixo (inferioridade) ou acima (superioridade), mas também no sentido de apoio e parceria, sendo uma responsabilidade compartilhada por ambos, o apoio e suporte mútuo.

Ao abordar o relato da criação da mulher, [Victor Hammilton \(1990\)](#) destaca as palavras utilizadas pelo escritor, sendo os termos mulher "iššāh" e homem "îš", ao invés de fêmea "nəqēbāh" e macho "zākār". Isso apontaria para uma ênfase na identidade e equidade do primeiro casal.

6. Exclusividade

Outro princípio possível de destaque é observado por [Davidson \(2007\)](#) ao abordar Gênesis 2:24, onde ao dizer deixar pai e mãe, o termo hebraico utilizado para "deixar" é "ya'ăzāb", que indica um abandono, mesma expressão utilizada para quando o povo de Israel rejeita a Deus. Tal utilização indica que Deus planejava a união do homem e da mulher como algo extremamente íntimo e exclusivo, de forma que outros não deveriam se envolver nesse processo, nem mesmo pai e mãe.

Ainda com base na utilização dessa expressão é possível entender que a separação em relação aos pais não seria apenas externa, ou seja, formar seu próprio lar, mas também algo interno, uma alternância de lealdade, não sendo mais prioritariamente aos pais, mas agora ao cônjuge.

Em vista disso, é notória intensa dedicação e devoção mútua, não existindo espaço no casamento para interferências ou até mesmo participação de qualquer um que não seja o homem e a mulher envolvido na união.

7. Permanência

Ao continuar analisando o verso 24, destaca-se a ação de o homem se unir à mulher, que em hebraico é utilizada a palavra “*dābaq*”, atrelando um significado de forte união e apego. Nesse sentido, Davidson destaca que essa palavra é utilizada outras vezes na Bíblia para representar uma aliança especial e solene, uma união entre Deus e Israel (Dt 10:20; 11:22; 13:5; Js 22:5; 23:8; 2Sm 20: 3 2Rs 18:6). Considerando a profundidade dessa ligação, sendo inclusive utilizada a mesma palavra para a união de Deus, [Natanael Moraes \(2007\)](#) ressalta o papel de Deus como testemunha da aliança, tendo isso ocorrido em Gênesis e se aplicando a todos os casamentos, tal conceito também é expresso em Malaquias 2:14.

Além dessa interpretação, outro ponto apontado no primeiro livro da Bíblia é a visão de Deus unindo o primeiro casal, de forma que o entendimento de Deus como testemunha e responsável pela união é ratificado em Mateus 19:6, quando Jesus diz que aquilo que foi ajuntado por Deus não deve ser separado pelo homem, apontando assim uma não deterioração desse concerto.

Nesse sentido, é possível perceber que essa aliança que está sendo feita é profunda e extrema, uma união total e indissolúvel, devendo ser perpetuamente honrada e cuidadosamente mantida, tal qual cabia ao povo não se afastar de Deus e ficar eternamente ligado exclusivamente a Ele, assim deve ser a atitude do homem e da mulher no casamento.

8. Intimidade

Ao dizer que homem e mulher seriam uma só carne, de acordo com [Davidson \(2007\)](#), Deus estaria dizendo que os dois com o tempo, não imediatamente, se alinhariam e se tornariam um. Além disso, a palavra “*bāsār*”, não faria referência apenas à carne num sentido físico, mas também como relacionamento humano.

Mediante tal entendimento e a percepção do texto hebraico trazido por [Samuel Terrien \(2004\)](#), Deus teria prescrito a Adão e Eva um processo de unificação, que passa por uma união física, bem como desenvolvimento de pensamento e mentalidade conectados, sendo esse processo marcado pela intimidade.

Nesse sentido, [Vogel \(1978\)](#) destaca que o casamento é a mais profunda unidade existente, abrangendo todas as dimensões - emocional, física e espiritual. Percebe-se

assim o aspecto essencial da unidade no casamento e do compartilhamento da vida e de características e pensamento.

9. Santidade

Ao falar sobre santidade, [Davidson \(2007\)](#) entende que quando o homem e a mulher se tornam uma só carne, isso não implica apenas em um contexto sexual, mas também holístico, onde aspectos físicos, espirituais, intelectuais e emocionais fossem harmônicos e santificados. Dessa forma, além da união ser um tópico fundamental na sexualidade cristã, ela precisa ser dirigida pela santidade, a fim de que não se unam aspectos negativos, mas como casal tanto o homem quanto a mulher ediquem-se mutuamente em uma relação especial de santidade.

Outro aspecto de destaque é observado em Gênesis 2:24 pelo uso da expressão “então”, nesse sentido [Robert Lawton \(1986\)](#) entende que isso definira um padrão de relacionamento para a humanidade futura, pois é estabelecida uma relação lógica entre os acontecimentos prévios e a orientação futura, tratando como uma reação natural, sendo, portanto, um indício de sexualidade e casamento como algo especial, de fato separado de ações corriqueiras, carregando em si uma santidade.

Já em Gênesis 1:31 Deus finaliza esse relato da criação dizendo que tudo era muito bom, inclusive a sexualidade que ali foi criada. Em vista disso, [Andrew Bowling \(1980\)](#), ressalta que a expressão “muito bom” utilizada no sexto dia, conota uma bondade extrema, santidade e beleza, logo tudo o que Deus criou naquele dia faz parte dessa exorbitante santidade e perfeição, tendo a humanidade, o casamento e própria sexualidade tendo sido criada nessa ocasião, deixando claro que não há qualquer sinal de impureza ou pecado nesse contexto, pelo contrário, perfeição extrema. Tal percepção é ratificada por ter o próprio Deus realizado o primeiro casamento e, após Sua declaração de satisfação, solenizar a união do homem e mulher em uma só carne, abençoando-a e santificando-a por Sua presença.

Considerando a presença de Deus como fator abençoador e santificador, torna-se difícil não ver uma possível ligação com o sábado, que também é normatizado com esses termos, assim, ao abordar o fim do relato da semana da criação, [Davidson \(2007\)](#) destaca como o Sábado e o Casamento são pareados, como o Sábado e o casamento são santos, abençoados e continuamente resgatados por Deus. Além disso, ambos são alianças, uma

entre marido e mulher, sendo sagrada no casamento, já a outra uma aliança entre Deus e humanidade representada no dia de dedicação ao Senho, o Sábado.

10. Sexualidade Pós-queda

Nos primeiros dois capítulos de Gênesis é possível ver os princípios estabelecidos por Deus para o casamento e a sexualidade, tendo essas instruções sido dadas em um contexto de perfeição e padronização. Contudo, o contexto em que isso ocorre é anterior ao estado atual da humanidade, um estado pré-queda, por conta dessa mudança em relação a humanidade é possível imaginar que talvez ocorressem mudanças nessa área também. Sendo assim, será analisado o relato bíblico de Gênesis 3, abordando a queda e como esse acontecimento afetou a sexualidade humana.

11. Nudez e Sofrimento

Nesse contexto, um tópico que se destaca é a imediata percepção de nudez mútua entre o casal. Em vista dessa ocorrência é possível questionar se a nudez e talvez até a consciência sexual não seria algo negativo. Entretanto, [Doukhan \(1978\)](#) destaca a palavra utilizada para nudez em hebraico, lembrando que essa ideia já havia sido mobilizada anteriormente, em Gênesis 2:25, sendo utilizado o termo “ärūmmîm”, que representaria não uma ausência total de roupas, mas sim o que consta em Salmos 104, sendo descrito como vestimentas de luz e glória. Já ao observar o termo presente em Gênesis 3:7,10, 11, a palavra é “érummim”, descrevendo agora sim uma nudez completa e até mesmo vergonhosa, como em Ezequiel 16:7, 22, 39. Dessa forma, entende-se que em nenhum momento a nudez ou a sexualidade em si foi considerada pecaminosa em um contexto anterior à queda ou posterior, o que se destaca por ocasião da queda de Adão e Eva é a perda da vestimenta de glória e a consequente percepção de pecado e culpa, sendo essa a razão da vergonha.

Após a percepção de nudez por parte do primeiro casal, o relato bíblico segue uma cena de tensão e uma espécie de julgamento, onde é apresentado o caso e as acusações, sendo posteriormente apresentadas consequências. Nesse contexto destacam-se duas afirmações semelhantes, uma aplicada ao homem e outra a mulher, em que à mulher é dito que passaria a dar à luz com dor. Já ao homem é dito que a terra seria maldita e com fadiga obteria o sustento. Analisando essas expressões, ficaria implícita uma suposta diferença na intensidade da consequência pecaminosa do homem e da mulher, sendo o do

homem aparentemente mais leve. No entanto, ao buscar a palavra utilizada no hebraico, encontra-se o termo “issabon” para os dois casos, dessa forma, analisando o texto original, fica claro que tanto homem quanto mulher passam a enfrentar sofrimentos de mesma intensidade, não havendo favorecimento algum para um gênero ou outro, mas sim consequências da escolha de rebeldia e desobediência que ambos fizeram, reforçando o pecado igualmente terrível de ambos.

12. Desejo

Apesar de essas primeiras consequências observadas abrangerem homem e mulher, logo em seguida é apresentado um aparente castigo, direcionado especificamente à mulher, isto é, quando em Gênesis 3:16c é dito que o desejo da mulher seria para o marido e ele dominaria sobre ela.

Ao analisar a primeira parte do verso, é dito sobre a mulher ter desejo para o seu marido. Mediante uma visão moderna e já carregada de estigmas, talvez fosse possível entender que Deus estaria colocando a mulher em uma posição de submissão dos seus desejos ao marido, que teria o direito de utilizá-la conforme ele desejasse, sem restrições. Entretanto não é isso que a Bíblia apresenta na visão de [Davidson \(2007\)](#), pois ao voltar para o “julgamento” poucos versos antes, vê-se uma desavença entre Adão e Eva, onde ele a acusa e gera uma fissura no relacionamento, porém para restaurar esse problema e unir novamente o casal é preciso que ela volte a desejá-lo, por isso Deus dá esse prognóstico, visando a restauração do primeiro casal. Posteriormente tal ideia é retomada em Cânticos 7:10,11 quando a mulher diz que o desejo do marido é para ela, mostrando assim uma intertextualidade com Gênesis 3:16 e mostrando que o desejo para o outro não é algo ruim, mas sim uma bênção que colabora para a sustentação do casamento visando consertar a ruptura ocasionada pelo pecado.

13. Domínio

Nesse mesmo sentido caminha a abordagem a última parte do verso, onde o domínio que a mulher sofreria parece ser problemático e talvez até machista, contudo, Davidson direciona a leitura para o original hebraico, onde a palavra usada é “yimšāl”, que não carrega o peso de dominar, mas sim de governar. Tal governo é balizado pelo exemplo dessa palavra em outras ocasiões na Bíblia, como em Gênesis 1:16 ao falar sobre o Sol e a Lua governarem respectivamente o dia e a noite, bem como em 2 Samuel 23: 3

onde diz que Deus domina sobre os homens. Nesse sentido fica claro que o domínio que está sendo proposto é um governo benigno, assim como os luminares e Deus governam, oferecendo sustento, proteção, amparo e cuidado. Portanto não há maldição nessas duas orientações, mas sim um trabalho restaurador da parte de Deus, visando fortalecer o casal para os desafios que enfrentariam em um mundo de pecado.

Em vista disso, observa-se não um Deus autoritário e sedento de vingança e castigo aos humanos agora caídos que O rejeitaram e traíram, mas sim um Deus de amor, que mesmo com Seus filhos em situação crítica de rebelião busca oferecer a eles Seu plano de bondade novamente como regra. Sendo assim, vê-se que mesmo em face do pecado, Deus começa a buscar a restauração do padrão sexual estabelecido ainda em um contexto pré-queda, de forma que durante o relato bíblico, não apenas em gênesis, mas em toda a escritura, sempre aborda a sexualidade e o casamento de uma perspectiva que busca restaurar o padrão edênico.

14. Interpretação do Livro de Cânticos

A interpretação alegórica de Cânticos é divulgada de formas variadas entre judeus e cristãos, traçando a introdução desse método hermenêutico com o início da era cristã. A pureza era associada com a renúncia sexual, quando a influência grega dualista platônica associava a matéria ao mal. A alegorização de Cânticos firmou sua influência no então início do Cristianismo e Judaísmo, através de uma visão da expressão do amor de Deus por seu povo.

A interpretação alegórica de Cânticos, aponta para vários grupos religiosos. Entre judeus, [Marvin Pope \(1977\)](#) descreve o desenvolvimento do conteúdo normativo da interpretação judaica como separada em seções que alegorizam acontecimentos históricos na história do povo judeu. [Weston Fields \(1980\)](#) apresenta que as primeiras interpretações judaicas dos Cânticos não utilizavam de alegorização, o estilo de hermenêutica inicia apenas com a era Cristã e se torna um método de interpretação no Talmud, Midrashim e Targumim.

O grupo cristão alegorista não somente reduzia, mas ignorava o senso literal completamente, como afirma [Davidson \(2007\)](#), há ainda a influência do dualismo platônico e do pensamento gnóstico enfatizado por [Harry Wolfson \(1970\)](#), Orígenes propôs um senso triplo de Escritura, o significado corporal era o menos importante, inútil

em seu significado literal, o moral podia ser “agarrado” por aqueles com mais conhecimento e o espiritual por aqueles com mais maturidade em suas faculdades espirituais.

Apesar do longo período em que a utilização da interpretação alegórica era comum, nas últimas décadas, a valorização de Cânticos como uma poesia humana de amor se tornou notável, diz [Pope \(1977\)](#), Harold acrescenta que “parece ser, o cântico de amantes, expressando seus prazeres um com o outro e as emoções quentes de seus corações”. Assumindo o livro de Cânticos em seu sentido pleno e literal, é celebrado “a dignidade e pureza do amor humano”. O livro exalta a beleza do amor sexual humano, Cantares apresenta uma série de princípios que confirmam a mensagem na narrativa de Gênesis.

15. Monogamia

O casal mencionado em Cânticos é parte importante da interpretação de seu texto que está conectado com a autoria do livro. [Davidson \(2007\)](#) conclui que Cantares 1:1 provavelmente significa “autoria de Salomão”, a preposição **ל** é mais comumente usada para se referir às expressões de possessão ou autoria em hebraico. Intérpretes bíblicos que discordam dessa assinatura, afirmam-a como não-histórica, ao mesmo tempo concordam que a maneira mais natural de leitura para o **ל** em Cânticos é o *lamed* de autoria.

Considerando a autoria por parte de Salomão e o conhecimento geral acerca de sua vida, questiona-se se a essa altura havia um relacionamento monogâmico ou não. Richard Davidson destaca que o livro de Cânticos foi escrito no início do Reinado de Salomão e nessa ocasião ele ainda não havia se afastado dos preceitos divinos, de forma que seu relacionamento com Sulamita era monogâmico.

“Sessenta são as rainhas, oitenta, as concubinas, e as virgens, sem número.” (Ct 6:8), isso pode implicar que Salomão já possuía um harém, no entanto, “o verso não se refere a nenhum grupo de mulheres em particular, como esposas ou concubinas de Salomão. O jovem está dizendo: Existem numerosas rainhas e nobres donzelas ao redor, mas a minha é única”. O casamento e a atividade sexual do noivo e a noiva no cântico estão em um contexto de relação monogâmica. [Gianmarco Catacchio](#) reitera que o livro coloca ao “centro da experiência existencial humana a relação entre homem e mulher na inteireza de seus seres”, retratando-os como um pacto ao dizer:

Esta recíproca posse, este ser um do outro, e só do outro, tem o valor de uma aliança, de um selo, e é o próprio amor dos dois que funciona como sinal: é a amada que faz de selo para o coração (consagração íntima e invisível do pacto de comunhão entre eles) e o braço (sinal visível) do amado, e vice-versa: —Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço (8:6). Mais que qualquer ato de conúbio físico ou espiritual, é este pacto de amor e fidelidade recíprocos que dá valor à sua união.

A perspectiva monogâmica estabelecida em Cânticos corrobora com a interpretação de Kinlaw, ao dividir o livro em três partes históricas principais. O primeiro “O cortejo” (1:2-3:5), retrata o momento que o casal se conhece para se aprofundarem em sua relação. A segunda, “A Procissão Nupcial e o Casamento” (3:6 – 5:1) a aproximação de uma decisão definitiva, o casal está disposto a se unir de maneira plena. A terceira, “A Vida Amorosa” após o casamento (5:2 – 8:7) demonstra a continuidade do amor entre os cônjuges, nunca distante da paixão e da entrega mútua.

16. Intimidade

A intimidade no matrimônio é expressa através da evolução do casal em seus diferentes momentos da relação, um casal contido antes do casamento e a intensificação das atitudes dos cônjuges após o casamento propõe [Davidson \(2007\)](#). Antes do casamento a mulher deseja beijar (1:2), abraçar (2:6), e o homem se deita entre seus seios (1:12). Após o casamento, a experiência sexual se intensifica ao incluir a carícia aos seios e mamilos (7:8-9) e referências à relação sexual (7:13; 7:14; 8:2).

Davidson também afirma que a estrutura paralela de Cânticos apresenta outras progressões históricas no relacionamento sexual, como na visita ao campo antes do casamento (2:8-14). Entretanto, na segunda visita após o casamento há alusões à relação sexual (7:13-14). Sulamita em outro momento convida seu amante para ser como uma “gazela jovem sobre as montanhas rachadas” (2:17), em seu paralelo, porém, o refrão ‘parece intensificar’ e omitir qualquer limitação aos seios (8:14). Garret, em “Song of Songs” entende que “a limitação aos seus seios é intencional, pois eles ainda não são casados: ‘carícias’ sim, ‘carícias pesadas’ não”.

17. Casamento

Nas seções não paralelas do livro, Jack Deere identifica uma progressão da maturidade no relacionamento durante o período de cortejo (1:2 – 3:5), depois da noite do casamento (4:1 – 5:1), estão convivendo (5:2-7; 7:12-14). A esposa enfatiza sua

crescente segurança no esposo, no início ela é detentora de posse (2:16), na segunda ocorrência, a posse é de seu esposo e dela (6:3), na última, a mulher coloca o homem como o possuidor dela, além disso omite-se da posse sobre ele (7:11).

Declarando que a mulher é apresentada como virgem e que não há relação sexual até o momento do casamento, Garrett afirma que a linguagem é ‘sexualmente carregada, mas não há nenhuma declaração de que eles tenham alcançado a união sexual’. “A linguagem de Cantares (1:2 – 4:15) é carregada com antecipação sexual, assim como implica claramente que a consumação não ocorreu” finaliza Garret.

A consumação (5:1), assim como Gênesis 2:24, acontece ‘tornando-se os dois uma só carne’, indica a “comunidade mais harmoniosa que existe entre as pessoas, que é a unidade entre marido e mulher em todas as suas dimensões: emocional, física e espiritual”. Terrien afirma que essa unidade é ‘no sentido pleno da conjunção de corpos e mentes’.

Nos versos de Cântico, [Ariel Bloch e Davidson \(2007\)](#) afirmam que a mulher é tão ativa quanto o homem na relação sexual, ela o traz para o aposento do amor (3:4) assim como ele a traz (1:4; 2:4); ela usa expressões de carinho e o louva (5:2), assim como ele faz por ela (1:15).

Sobre a relação mútua entre o homem e a mulher [Daniel Grossberg \(1994\)](#) cita que “em todo o Cântico é dificilmente um pensamento, ideia ou tarefa que não é atribuído a ambos o homem e a mulher”. O casal é responsável por protagonizar de forma conjunta a ordenança divina.

O Cântico apresenta um paralelo ao Gênesis, o casal é “nascido para a mutualidade e amor. Estão nus sem vergonha; são iguais sem duplicação”. Jill Munro retrata a união ou comunhão que o amante tem com sua mulher redescobrindo a bênção que a história do Éden falava.

18. Sexualidade na Perspectiva de Ellen White

A sexualidade na visão de Ellen White não é errada em si mesmo, quando ‘aquilo que é legal seja conduzido de modo adequado e não levado a excessos pecaminosos’. Os escritos bíblicos devem ser usados como guia para ‘introduzir-se lhes no coração, santificando-os e purificando-os de toda mundanidade e sensualidade da vida mais íntima. [...] pois todas as coisas aparecem abertas perante Deus, e dEle coisa alguma pode ser escondida.’

Em suma a escritora entende o amor conjugal como ‘princípio puro e santo’, afirmando que o amor verdadeiro manifesta o amor de Deus, o fervor espiritual ‘não perece pela negligência das oportunidades e privilégios que Deus graciosamente lhes deu’. Na criação de Eva entende-se então que ‘por Ele é o amor humano refinado e apurado, elevado e enobrecido’, White escreve:

O próprio Deus deu a Adão uma companheira. Proveu-lhe uma “adjutora” — ajudadora esta que lhe correspondesse — a qual estava em condições para ser sua companheira, e que poderia ser um com ele, em amor e simpatia. Eva foi feita de uma costela tirada do lado de Adão, significando que ela não o deveria dominar, como a cabeça, nem ser pisada sob seus pés como se fosse inferior, mas estar a seu lado como sua igual, e ser amada e protegida por ele. Como parte do homem, osso de seus ossos, e carne de sua carne, era ela o seu segundo eu, mostrando isto a íntima união e apego afetivo que deveria existir nesta relação. “Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta.” Efésios 5:29. “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.” Gênesis 2:24. LA 25.3

Sobre Gênesis 2:24, Ellen G. White afirma, “Deus celebrou o primeiro casamento. Assim esta instituição tem como seu originador o Criador do Universo. [...] o casamento é uma bênção; preserva a pureza e felicidade’ do gênero humano [...]. A consumação acontece com aprovação divina. ‘Quando Deus não é consultado. Sentimentos, desejos e paixões humanas fazem desaparecer tudo diante deles’, diz Ellen. G White; as principais falhas de caráter não se tornam visíveis.

Observando a importância da presença de Deus na relação matrimonial White diz que ‘é seu privilégio comer, beber, negociar, casar e dar-se em casamento, mas só é seguro fazer essas coisas no temor de Deus.’ Apenas distante da bênção divina é que “não é amor puro o que atua num homem para fazer da esposa um instrumento a serviço de seu apetite sensual.”

A individualidade entre o casal não pode ser vista com diferenças de hierarquia. “A mulher que se submeter a ser sempre dirigida, mesmo nos menores assuntos da vida doméstica, que abrir mão da própria identidade, jamais será de grande utilidade ou bênção para o mundo, e não corresponderá ao propósito que Deus tem para a sua existência.” Ellen White aponta que “o verdadeiro amor possui uma base intelectual, um profundo e amplo conhecimento do objeto amado.” Não há sentimentos irracionais que envolvam o amor estabelecido por Deus.

Não há amor no relacionamento que há superioridade por algum indivíduo; em uma de suas cartas White afirma que “jamais se coloque acima de sua esposa. Ela necessita de bondade e amor, os quais serão retribuídos a você. Se espera que ela o ame,

necessita merecer esse amor manifestando amor e ternura em suas palavras e ações para com ela.” A aproximação com o ideal divino representa a ‘norma que pôs diante de nós’, ou seja, “[os cristãos que se casaram] devem devidamente considerar o resultado de cada um dos privilégios da relação matrimonial, e o santificado princípio deve ser a base de cada uma das ações.”

19. Conclusão

A sexualidade como aspecto importante e intrínseco da experiência humana está claramente delineada ao longo de diversos trechos das escrituras sagradas, destaca-se especialmente no contexto dos livros de Gênesis e Cânticos, onde foi mostrado no primeiro livro da Bíblia como a sexualidade foi estabelecida antes da queda e os padrões que devem regê-la, bem como a situação em que essa se encontra após a queda. Em Cânticos abordou-se como a sexualidade é tratada explicitamente como um paralelo ao plano divino, um livro que aponta para o retorno ao Gênesis.

A sexualidade é mais uma parte sagrada da bênção divina, demonstrada pelo reflexo da relação com o cônjuge, assim como Deus que se faz presente. A sexualidade se torna um território sagrado na perspectiva divina, entendendo a reverência, mas também sua celebração. O relacionamento com Deus, assim como sexualidade, espiritualidade, propósito se fazem em um. O termo sexualidade é ampliado ao entender que só pode ser entendido como parte da integralidade espiritual. O entendimento da sexualidade pós-queda passa a demonstrar a operação divina mesmo na imperfeição do mundo. Não há um abandono da parte de Deus pelo projeto original da Criação, mas uma restauração do que foi perdido.

Referências Bibliográficas

- ARCHER, Gleason L. A Survey of Old Testament Introduction. updated and rev. ed. Chicago: Moody Press, 1994. p. 537–538. Disponível em: unesc.net+15blog.mettzer.com+15infonormas.com.br+15. Acesso em: 13 de junho de 2025.
- BARTH, Karl. Church Dogmatics. Edited by G. W. Bromiley and T. F. Torrance; translated by J. W. Edwards et al. 5 vols. in 13. Edinburgh: T&T Clark, 1956–1969. vol. 3/2, p. 236.
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada. 1. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BLOCH, Ariel; BLOCH, Chana. The Song of Songs: A New Translation with an Introduction and Commentary. New York: Random House, 1995. p. 207.
- BOWLING, Andrew. Theological Wordbook of the Old Testament (TWOT). Vol. 1, 1980. p. 345–346.
- BOWMAN JR., Robert M. Genesis and the Definition of Marriage: Monogamy and Polygamy in Biblical History and Ethics. Apresentado no Encontro Anual da Evangelical Theological Society, sessão da Evangelical Philosophical Society, Atlanta, 17 nov. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/18438877>. Acesso em: 4 jun. 2025.
- CAIRUS, Aécio E. A doutrina do homem. In: TRATADO DE TEOLOGIA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. cap. 6.
- CASSUTO, Umberto. A Commentary on the Book of Genesis 1–11. Jerusalem, 1961. p. 134.
- CATACCHIO, Gianmarco. “O Cântico dos Cânticos, ou a sacralidade do amor humano no mais terreno dos livros sagrados.” estrema: revista interdisciplinar de humanidades, 2012. Disponível em: <https://l1nq.com/7nRty>. Acesso em: 28 mai. 2025.
- CHIA, Philip Suciadi. A Marriage Concept on Genesis 2:21–24 (An Analysis of Latin Vulgate). Didaskalia, v. 2, n. 1, p. 29–36, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33856/didaskalia.v2i1.68>. Acesso em: 28 maio 2025.
- DAVIDSON, Richard M. Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament. 1. ed. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007.
- DEERE, Jack S. “The Meaning of the Song of Songs: An Historical and Exegetical Inquiry.” ThD diss. Dallas Theological Seminary, 1984. p. 253–255.
- DOUKHAN, Jacques B. The Literary Structure of the Genesis Creation Story. (Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, 5). Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1978. p. 81–88.

FIELDS, Weston W. "Early and Medieval Jewish Interpretation of the Song of Songs." *Grace Theological Journal*, v. 2, 1980, p. 221–231.

FOX, Michael V. *The Song of Songs and the Ancient Egyptian Love Songs*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

GROSSBERG, Daniel. "Two Kinds of Sexual Relations in the Hebrew Bible." *Harvard Studies*, n. 34, 1994, p. 12, 15.

HAMILTON, Victor P. *The Book of Genesis: Chapters 1–17*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990. p. 139.

KRYCKI, Marcin. O papel do relato da criação em Gênesis no desenvolvimento da monogamia no Antigo Testamento e sua recepção na Igreja Primitiva. *Colloquia Theologica Ottoniana*, v. 2, 2017. Disponível em: <https://wnus.usz.edu.pl/cto/en/issue/790/article/12898/>. Acesso em: 04 jun. 2025.

LAWTON, Robert B. *Genesis 2:24: Trite or Tragic?* *Journal of Biblical Literature*, v. 105, 1986. p. 97–98.

MORAES, Natanael B. P. *Parousia: Divórcio e Novo Casamento*. 2º sem. 2007. Disponível em: https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2023/02/Parousia-Divorcio-e-Novo-Casamento_-2-sem-2007.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.

MURPHY, Song of Songs. *Song of Songs*. p. 119. (cit. apud DAVIDSON, 2007). — Notar que citação "apud" não vai na referência final, só no corpo do texto.

ORÍGENES. *Tratado sobre os Princípios*. Livro IV, cap. 11. In: *Coleção Patrística*, vol. 30. São Paulo: Paulinas, n.d. p. 165.

PETERSON, Margaret Kim. *Marriage*. In: KROEGER, Catherine Clark; EVANS, Mary J. (ed.). *The IVP Women's Bible Commentary*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002. p. 502–505.

POPE, Marvin H. *Song of Songs (AB 7C)*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1977. p. 89–112; 192.

ROWLEY, Harold H. "Interpretation of the Song of Songs," in *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament*. London: Lutterworth, 1952; repr. Oxford: Blackwell, 1965. p. 243.

SAWYER, Deborah F. *God, Gender, and the Bible. (Biblical Limits)*. London: Routledge, 2002. p. 29.

SCHÜNGEL-STRAUmann, Helen. In: BRENNER, Athalya (ed.). *A Feminist Companion to Genesis. (The Feminist Companion to the Bible, 2)*. Sheffield, Eng.: Sheffield Academic Press, 1993. p. 75.

TERRIEN, Samuel. *Till the Heart Sings: A Biblical Theology of Manhood and Womanhood*. Philadelphia: Fortress Press, 2004. p. 15-16.

TRIBLE, Phyllis. *God and the Rhetoric of Sexuality*. Philadelphia: Fortress Press, 1978.

VOGELS, Walter. It is not good that the 'Mensch' should be alone; I will make him/her a helper fit for him/her: Genesis 2:18. *Église et théologie*, v. 9, n. 1, 1978. p. 9–35.

VON RAD, Gerhard. *Old Testament Theology*. Translated by D. M. G. Stalker. Vol. 1. New York: Harper & Row, 1965. p. 28.

WHITE, Ellen Gould. Conduta sexual: testemunhos sobre abuso, homossexualidade, adultério e divórcio. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. 259 p. Disponível em: https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=793990. Acesso em: 14 mai. 2025.

WHITE, Ellen Gould. Conduta sexual: testemunhos sobre abuso, homossexualidade, adultério e divórcio. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 105. Disponível em: https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=793990. Acesso em: 14 mai. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *The Review and Herald*. 25 set. 1888. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/821.9198>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *The Review and Herald*. 24 mai. 1887. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/821.8182#8182>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *Testimonies for the Church*. v. 2, p. 472-473. 1870. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/120.1914#1914>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *Conselhos para a Igreja*. p. 128.4. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/1723.878>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *A Ciência do Bom Viver*. p. 358-359. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/11255.573>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *The Youth's Instructor*. 25 out. 1900. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/469.1>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WOLFSON, Harry Austryn. *The Philosophy of the Church Fathers: Faith, Trinity, Incarnation*. Cambridge: Harvard University Press, 1970. p. 270–280, 571–573.

YOUNG, Edward J. *An Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1949. p. 336.

Estudo sobre a Relação da Mordomia do Tempo e o Estilo de Vida Adventista

Bruno Moore da Silva¹
Jonatan Ferreira Nascimento²

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre a administração do tempo sob a perspectiva bíblica, destacando seu papel na vida espiritual e prática do cristão. Considerando a mordomia do tempo como um princípio que abrange todas as áreas da existência humana, o texto apresenta fundamentos bíblicos e citações dos escritos de Ellen G. White sobre a importância de valorizar e utilizar com sabedoria cada momento da vida. Baseando-se também na literatura teológica cristã e adventista do sétimo dia, o artigo aponta caminhos para uma vivência equilibrada, onde o tempo é usado com propósito, reverência, relevância e sabedoria, promovendo à vida cristã uma experiência mais eficaz, com propósitos definidos, em um estilo de vida fiel ao chamado de Deus, atentando para a missão cristã.

Palavras-chaves: Mordomia, Mordomia do Tempo, Estilo de Vida Adventista.

Abstract: This article presents a study on time management from a biblical perspective, highlighting its role in both the spiritual and practical dimensions of the Christian life. Considering the stewardship of time as a principle that encompasses all areas of human existence, the text provides biblical foundations and includes quotations from the writings of Ellen G. White, emphasizing the importance of valuing and wisely utilizing every moment of life. Drawing also from Christian and Seventh-day Adventist theological literature, the article outlines pathways toward a balanced lifestyle, in which time is employed with purpose, reverence, relevance, and wisdom. Such an approach promotes a more effective Christian experience, characterized by clearly defined purposes and a lifestyle that is faithful to God's calling, with a conscious commitment to the Christian mission.

Keywords: Stewardship, Time Stewardship, Adventist Lifestyle.

¹ Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: bruno.moore@unasp.edu.br

² Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: jonatan.nascimento@unasp.edu.br

1. Introdução

Mordomia é um conceito fortemente associado à responsabilidade e cuidado; no contexto da teologia bíblico-cristã, entendemos que a definição de mordomia abrange todas as áreas de domínio da existência humana, segundo a Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia em referência a SDA Encyclopedia (2016):

Para o cristão, mordomia significa “a responsabilidade do ser humano por (e pelo uso de) tudo o que Deus lhe confiou – vida, corpo físico, tempo, talentos e habilidades, posses materiais, oportunidades de serviço em favor de outros, e seu conhecimento da verdade. ([p. 336](#))

Dentre as dádivas concedidas aos seres humanos, encontra-se o tempo, “Deus assegura aos homens o dom do tempo, com o desígnio de promover-Lhe a glória” ([WHITE, 2007a, p. 354](#)). Inicia-se a partir desses princípios, o conceito de: “Mordomia do Tempo”, que demonstra sua relação com a responsabilidade humana de administrar de forma honrosa o tempo conferido por Deus, de acordo com a Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (2016):

Uma vez que o tempo é dom de Deus, cada momento é precioso. Ele nos é concedido para formarmos o caráter a ser levado para a eternidade. Mordomia fiel do tempo significa utilizá-lo para conhecer melhor a nosso Senhor, para ajudar nossos semelhantes e para compartilhar o evangelho. ([p. 337](#))

Outra importante visão no estudo da Mordomia do Tempo, é vê-la como: “um princípio dinâmico sob o qual atua o reino de Deus” ([BRADFORD, 2011, p. 721](#)), assim, a mordomia torna-se a raiz da missão cristã. Para o cristão comprometido, “o princípio da mordomia se torna mais do que assentimento intelectual à formação doutrinária; constitui algo para ser vivido, compartilhado e experimentado” ([BRADFORD, 2011, p. 721](#)).

1.1 A Relevância do Uso do Tempo na Teologia Adventista

Nos capítulos iniciais da narrativa da Bíblia Sagrada, Gênesis 1 e 2, observamos a primeira manifestação do tempo na literatura bíblica, apresentada no relato ordenado da criação em dias (Gênesis 1) e a atribuição de uma consagração a um tempo específico, ao abençoar e santificar o sétimo dia (Gênesis 2), isso demonstra que o tempo não é apenas uma sequência de eventos, mas um espaço sagrado de relacionamento entre criatura e Criador, um Deus eterno, que confiou aos seres finitos, a administração do tempo em suas existências, no ciclo semanal de sete dias, de acordo com visão da Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (2016):

Quando, na criação, Deus nos outorgou o tempo, reservou para si o sétimo dia, o sábado, com a finalidade de desenvolvêrmos comunhão com Ele. Entretanto, seis dias foram providos para que a família humana se envolvesse em atividades úteis, de seu próprio interesse ([p. 337](#)).

No relatado da criação, em Gênesis, também observamos que Deus concede ao homem autoridade administrativa sobre a criação (Gn 2:15), o que vai se manifestar no cuidado espaço-tempo, além do próprio Deus, manifestar-se dentro do tempo, em momentos específicos para ter com suas criaturas (Gn 3:8), revelando princípio de relacionamento, cuidado e comunhão em relação ao tempo, o que nos lança bases para o entendimento de mordomia do tempo na Bíblia. Ao recebermos a autoridade de atuar como mordomos, somos responsáveis pela maneira como usamos o tempo (Ef 5:15-16), dentro de nossas incumbências e comunhão com o Criador, segundo Mueller:

Sendo Deus o dono do nosso tempo, não podemos permanecer indiferentes à forma como o usamos. Este fato nos convoca à oração e ao estudo da Sua Palavra. Nas Escrituras, Deus compartilha conosco princípios sobre como usar o tempo. Os detalhes devem ser discernidos em nossa caminhada diária com o Senhor e ouvindo a Sua voz ([MUELLER, p. 1, tradução nossa](#)).

Continuando observando o ciclo do tempo e o ciclo da criação divina, destacando, Genesis 1, Deus estabelece o ciclo do dia e da noite. Um eco com Salmo 90 verso 12 diz: “*Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio.*” Assim, doze horas na parte escura e doze na parte clara compõe um dia de 24 horas; dentro desse período, outorgado a todo ser humano. cabe cada um de nós se organizar. De acordo com a Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (2010):

O tempo é concedido como um dom a todas as pessoas. A questão não é se temos mais tempo do que os outros, mas como cada um administra esse dom. A razão de alguns parecerem realizar mais do que outros, está nas prioridades que escolhem e como usam o tempo. Jesus enfatizou a importância da administração do tempo quando declarou: “É necessário que façamos as obras d'Aquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9:4) ([p. 22](#)).

Notemos que no tempo encontramos o contexto da mordomia que tudo pertence a Deus, e que Ele atua no plano da Salvação por meio dele, por entendemos que é necessário ao homem, na organização do seu tempo, buscar o desenvolvimento de aspectos espirituais-relacionais; de acordo com A Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (2016):

Uma vez que o tempo é dom de Deus, cada momento é precioso. Ele nos é concedido para formarmos o caráter a ser levado para a eternidade. Mordomia fiel do tempo significa utilizá-lo para conhecer melhor a nosso Senhor, para ajudar nossos semelhantes e para compartilhar o evangelho. ([p. 337](#))

Podemos concluir que a mordomia se trata de uma responsabilidade humana e que foi dado por Deus, para que ele aprenda a administrar todas as coisas que Ele deu, inclusive a dadiva do tempo. ([RYRIE, 2001](#)).

2. Termos Quantitativo e Qualitativo da Mordomia do Tempo Segundo Ellen G. White e sua relevância no plano da redenção

Desde antes de nascermos, Deus conhece todos os nossos dias de vida. Deus disse ao profeta Jeremias: “com amor eterno eu te amei” (Jr 31:3). Mesmo Deus sendo o dono do tempo (Ap 1:8), e aquele que não tem início nem fim (Ap 22:13), ele está interessado em instruir o ser humano em como ser mordomo do tempo.

O tempo é um dom de Deus’. Sendo que a revelação nos mostra que o mal uso do tempo chega ser pecado:

É pecado desperdiçar nosso tempo; é pecado desperdiçar nossos pensamentos. Perdemos todo momento que dedicamos ao egoísmo. Se cada momento fosse devidamente avaliado e empregado do modo adequado, teríamos tempo para tudo que necessitamos fazer para nós mesmos ou para o mundo. No emprego do dinheiro, no uso do tempo, das energias, das oportunidades, volva-se cada cristão para Deus em busca de guia ([WHITE, 1997, p. 208](#)).

As Escrituras Sagradas enfatizam a brevidade do tempo e a importância de aproveitá-lo com sabedoria (Ef 5:16), vivendo de forma intencional e alinhada com os propósitos de Deus. Diante dessa realidade, somos chamados a agir com discernimento, valorizando cada momento e dedicando-nos ao que realmente tem valor eterno, pois o tempo: “É a matéria-prima da vida. A forma como ele é usada, diz muito sobre a mordomia de alguém, como essa pessoa se relaciona com o Criador.” ([BRADFORD, 2011, p. 741](#)).

Portanto, cultivar bom relacionamento com Deus, servir ao próximo com amor e buscar um caráter moldado pelos princípios divinos. Todas as pessoas que procedem dessa forma obterão ‘transformação de caráter’. ([WHITE, 1996, p. 342](#)).

O estilo de vida adventista, está rodeado de dois termos em relação ao tempo: quantitativo e qualitativo, de acordo com a encyclopédia de Ellen G. White. Porque mostram como pequenos momentos do dia a dia, que muitas vezes passam despercebidos, podem se tornar oportunidades valiosas no serviço de Deus. Jesus deixou isso claro quando disse: “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9:4). Quantas vezes deixamos o tempo passar em distrações, conversas em propósito, ou simplesmente adiando decisões

importantes, que muitas vezes está relacionado a eternidade. Paulo também orienta: “Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades” (Cl 4:5). Isso nos mostra que o tempo não é apenas algo que investimos e seremos chamados a prestar contas de como usamos.

Momentos como o tempo em uma fila, numa viagem, ou até mesmo esperando uma refeição, podem ser usados para refletir, orar ou ler algo que edifique o caráter. Não é sobre ter mais tempo, mas sobre bom uso do tempo que já temos. Paulo reforça esse ponto quando diz: “E não nos cansamos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfaleceremos” (Gl 6:9). Ou seja, se formos constantes até mesmo no pouco, colheremos os frutos. E é nesse pensamento que White afirma:

Alguns momentos aqui e outros ali, que poderiam ser dissipados em conversas inúteis; as horas matutinas tantas vezes desperdiçadas no leito; o tempo gasto em viagens de bonde ou trem; ou em espera na estação; os minutos de espera pelas refeições, de espera pelos que são impontuais – se se tivesse um livro à mão, estes retalhos de tempo fossem empregados estudando, lendo ou meditando, que não poderia ser conseguido! O propósito resoluto, a aplicação persistente e cautelosa economia do tempo, habilitarão os homens para adquirirem conhecimento e disciplina mental que os qualificarão para quase qualquer posição de influência e utilidade ([WHITE, 1998, p. 344](#)).

Fica claro que o aproveitamento consciente do tempo revela maturidade consciente espiritual. É ter um estilo de vida em harmonia com o Céu. Não se trata apenas de evitar o desperdício, mas de reconhecer que até os menores fragmentos de tempo podem cooperar para a formação do caráter e para o avanço da missão. O tempo, quando entregue a Deus, se transforma em instrumento de edificação eterna. No contexto dessa abordagem:

O valor do tempo supera toda computação. Cristo considerava precioso todo momento, e assim devemos considerá-lo. A vida é muito curta para ser esbanjada. Temos somente poucos dias de graça para prepararmos para a eternidade. Não temos tempo para dissipar, tempo para devotar aos prazeres egoístas, tempo para contemporizar com o pecado. Agora é que nós devemos formar o caráter para a futura vida imortal. Agora é que nós devemos preparar para o juízo investigativo ([WHITE, 1998, p. 341](#)).

Nesse contexto, os adventistas podem observar pedagogicamente o ensino, quantitativos e qualitativos, do tempo ao usarem ferramentas que podem ajudá-los didaticamente como: ‘diário e agendas’. White aconselhou:

É bom, quando possível, considerar o que deve ser feito durante o dia. Façam um apontamento dos vários deveres que requerem sua atenção e designem uma parte do tempo para o cumprimento de cada dever. Tudo seja feito com esmero, asseio e rapidez ([WHITE, 2004b, p. 57](#)).

Um estilo de vida cujos ‘momentos são gastos ociosamente na primeira parte da manhã descontrolam as coisas durante todo o dia’, comenta White, pode ser uma questão

importante que a maior parte das dificuldades enfrentadas pelos adventistas que não valoriza a disciplina nesse tempo. Outra parte relevante para nossos dias são as horas de sono que estão sendo desperdiçadas, pois ‘ficam acordados até altas horas da noite, dependendo de luz artificial para substituir luz que a natureza proveu nas horas propícias.’ Tornando notório no dia seguinte a dificuldade para cumprir os afizeres que seriam fáceis e rápidos, mas por causa da maneira como lidam com o repouso, afeta toda sua rotina mesmo que esteja bem estabelecida. Mas, muitos dizem: ‘...tenho algo a fazer; não me posso deitar cedo ([WHITE, 1996 p. 67](#)). White continua aconselhando:

Nosso Deus é um Deus de ordem e quer que Seus filhos desejem pôr-se em ordem sob Sua disciplina. Não seria melhor, portanto, romper com esse hábito de transformar a noite em dia, e as frescas horas matinais em noites?”. Se os jovens formassem o hábito de regularidade e ordem, melhorariam a saúde, o espírito, a memória e a disposição. É dever de todos observar regras estritas em seus hábitos de vida. Queridos jovens, isso é o vosso próprio bem, tanto física como moralmente. Ao vos levardes de manhã, tomai em consideração, tanto quanto possível, o trabalho que deveis realizar a durante o dia. Se necessário, tomai um livrinho no qual anotar as coisas que precisam ser feitas, e determinai para vós mesmos um tempo no qual fazer o vosso trabalho ([WHITE, 1996, p. 122](#)).

Aos pais, ela diz que eles devem aprender a remir o tempo nas coisas espirituais, pois ‘deveriam estudar a Palavra de Deus por si mesmos e para a família’. O exemplo de Jó, apresenta um sacerdote do lar: “...os santificava, e se levantava de madrugada, e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles; porque dizia Jó: “Talvez tenham pecado os meus filhos, e blasfemado contra Deus em seu Coração. Assim, dizia Jó continuamente” (Jó 1:5). Nesse pensamento, pode ser possível que alguns pais têm negligenciado seu papel, mas são convidados a remir o tempo da sua ‘negligência e colocar os filhos onde estes estejam sob a melhor das influências’. A Enciclopédia de Ellen G. White nos elucida qual era sua motivação nos seus apelos sobre o assunto do uso do tempo ‘de maneira consistente com seu foco na Bíblia, ela fez apelos frequentes às palavras de Paulo’: “No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor; 1 regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes;” (Rm 12:11,12). ‘Como motivação espiritual para o aperfeiçoamento dos hábitos de administração do tempo’. Ellen G. White foi: esposa, escritora, mãe, em seu estilo de vida adventista, a Enciclopédia diz que: “William C. White se lembra de como era a agenda de produção escrita da mãe, quando a família morava em Battle Creek. Sem muita variação, ela começava a escrever às 3h ou 4h da manhã até o desjejum, às 6h30.” ([FORTIN e MOON, 2018, p. 636](#)).

Como seria oportuno com equilíbrio, incrementar essa rotina, adaptada a cada realidade. Continuando: “Após trabalhar no jardim com os filhos por cerca de 30 minutos, dedicava mais três ou quatro horas à escrita”.

Vemos também a importância de dedicar tempo em atividades que envolvam o contato com a natureza, juntamente com os filhos. Algo simples, mas que, ‘as crianças não serão negligenciadas e será dedicado tempo à sua instrução e desenvolvimento’ ([WHITE, 2004a, p. 50](#)). Prosseguindo sobre a vida dela: “O período da tarde era ocupado pelas responsabilidades domésticas. Ela também escrevia enquanto viajava”.

Evidenciando sua disciplina e equilíbrio na mordomia do tempo, demonstrando o compromisso com as suas responsabilidades cotidianas. Além disso, o fato dela escrever enquanto viaja mostra sua diligência e aproveitamento inteligente do tempo. Em vez de considerar as viagens como momentos ociosos, Ellen G. White utilizava esses períodos para continuar sua missão de escrever e aconselhar, maximizando sua produtividade mesmo em circunstâncias adversas. Essa disciplina trouxe frutos para sua vida no futuro, lavando-a ir além:

Mais tarde em sua vida, passou a fazer a maior parte do trabalho da escrita enquanto os outros estavam dormindo – Eu acendia a lareira e então escrevia sem interrupções, às vezes por horas. Sua produção literária de cerca de 100 mil páginas ao longo de 70 anos de ministério comprova o uso cuidadoso que fazia do tempo ([Fortin e Moon, 2018, p. 636](#)).

Assim, a mordomia do tempo é importante para os nossos dias. As marcas de um legado a acompanham ainda hoje, motivando a sermos frutíferos na causa de Deus com o tempo que Ele nos dá, também honrando como bons mordomos o nosso ministério. A maneira como nós utilizamos o tempo, revela como é a nosso estilo de vida.

Ao ser dedicado toda a vida para Deus, e com humildade segue os passos de Jesus, serão mordomos do tempo e seu estilo de vida estará de acordo com o chamado que Ele os fez. E a promessa se cumprirá: “eis que estou convosco todos os dias até a consumação do mundo (Mt 28:20,). Assim:

Aqueles que desejam seguir a Deus expressarão em suas vidas traços piedosos. Paulo se referiu a isso em Colossenses 1:27 como “Cristo em vocês, a esperança da glória”. “Cristo em vocês” é o máximo que alcançamos ao imitar Seu **estilo de vida** ([Smith, 1973, p. 33](#)).

Não basta apenas ser disciplinado, pois pessoas que estão interessadas em utilizar seu tempo com um estilo de vida mundano também conseguem. Como filhos de Deus, precisamos que nossa vida seja guiada pelo Espírito Santo (Rm 8:14). O presente tempo de graça é para moldar o caráter e contribuir com o reino de Deus. Contentes! Seja nos

bons e maus tempos das fases dessa vida, crendo “tudo posso, naquele que me fortalece” (Fp 4:13). ‘Refletindo a luz de Jesus para o mundo (Jo 8:12), para que nosso estilo de vida adventista revele que decidimos amar a Jesus. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16). Disse Paulo: “logo já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20), Cristo em nós, todos os dias, “orando em todo tempo” (Ef 6:18), “...de todo o teu coração, de toda sua alma e com toda a sua força” (Dt 6:5), confiantes na promessa bíblica, vocês me “Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei” (Jr 29:12), e ouvindo a Sua voz, pois, “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo”. (Hb 1:1-2); e são “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim”, disse Cristo (Jo 5:39), o salmista nos lembra: “lâmpada para os nossos pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos” (Sl 119:105). Assim, pode se tornar condizente com a grande comissão feita por Jesus, antes da Sua acessão, conclamando: “Ide, portanto, fazei discípulo de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28:19-20). Nesse mandata, Jesus define o que é missão. Ellen G. White exorta sobre como nasce um verdadeiro discípulo no reino de Deus:

Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário, Aquele que bebe da água da vida, faz-se fonte de vida. O depositário torna-se doador. A graça de Cristo no coração é uma vertente no deserto, fluindo para refrigerio de todos, e tornando os que estão prestes a perecer, ansiosos de beber da água da vida ([WHITE, 2007b, p. 128](#)).

Podemos notar que esse nascimento pode acontecer em qualquer momento da vida, nunca é tarde para ser um fiel mordomo do tempo e se envolver na missão de Deus. Fazendo parte da promessa escatológica, que permeia o estilo de vida adventista: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24:14). Deus é o Dono do nosso tempo e não há o que Ele esteja mais envolvido hoje do que o Plano da Redenção. Ao povo do advento, Deus espera que em seu estilo de vida em conexão com as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12; lembrando-se de que “é necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (Ap 10:11). Portanto, o propósito do tempo está ligado com a missão, visão e valores de resultados eternos.

3. Conclusão

Administrar o tempo com sabedoria é um dos maiores desafios da vida moderna, mas também um dos maiores testemunhos de fé e entrega a Deus. Ao compreender que cada minuto pertence ao Senhor, o cristão é motivado a viver de forma intencional, dando prioridade às coisas eternas e evitando o desperdício com o supérfluo. A mordomia do tempo, quando guiada por Deus e sabiamente pelo Espírito Santo, transforma a rotina em missão e o cotidiano em adoração. Diante disso, observamos que a fidelidade na administração do tempo não apenas glorifica a Deus, mas também promove crescimento espiritual, equilíbrio emocional e maior eficiência nas diversas áreas da vida.

Deve o Cristão, em sua experiência de fé e vida cotidiana, compreender a relevância da administração do tempo para uma vida integralmente saudável, esforçando-se e utilizando-se dos recursos práticos e didáticos (dos quais a Bíblia, os escritos de Ellen G. White e a literatura adventista em muito contribuem) que auxiliam e possibilitam o ser humano a remir o seu tempo, a fim de que nenhuma área da vida seja negligenciada, especialmente a vida espiritual, seguindo e cumprindo todos os deveres da vida comum, sem prejudicar a ligação com o Divino e a participação ativa na missão.

Ao expandir a nossa consciência, sobre como é oportuno aproveitar cada instante de nosso tempo para conectar-nos com as coisas espirituais, perceber-se-á que não existe momentos “irrelevantes”, mas que em cada instante, até nos julgados “mínimos”, pode-se obter lições que edificarão o caráter humano e nos conduzirão a uma experiência de vida verdadeiramente proveitosa, afastando-se de trivialidades ou de ações que necessariamente não são ruins, mas possuem caráter transitório e que podem ser substituídos por reflexões e ações que promovem valores eternos.

Em um contexto de urgência, onde o mundo em alerta, anuncia a brevidade dos eventos finais e a volta de Jesus, é necessário que tenhamos em mente e vivamos os valores da mordomia e cuidado do tempo, para que nos preparemos e anunciamos as preciosas verdades e estilo de vida para um povo e um mundo que receberá nas nuvens dos céus o seu Senhor.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. Guia para Ministros Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, p. 22, 2010.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. Nisto Cremos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, p. 336-338, 2016.

BRADFORD, C. E. Mordomia. In: Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, p. 721-747, 2011.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. Ed. Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

FORTIN, Denis; MOON, Jerry. Enclopédia Ellen G. White. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2 Ed. p. 636, 2018.

SMITH, Paul G. **Managing God's Goods**. Southern Publishing Foil. 1 Ed. p. 33, 1973.

MUELLER, Ekkehardt. **Stewardship of Time**. Silver Spring: Biblical Research Institute General Conference of Seventh-day Adventists.

RYRIE, Charles C. **Teologia Básica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001

WHITE, Ellen G. **Orientação da Igreja**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1954.

WHITE, Ellen G. **Ciência do Bom Viver**. 8 Ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre a Escola Sabatina**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira 2004a.

WHITE, Ellen G. **Liderança Cristã**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004b.

WHITE, Ellen G. **Conselhos a Pais, Professores e Estudantes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a. p. 354. Disponível em:
<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Conselhos-aos-Professores-Pais-e-Estudantes.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2025.

WHITE, Ellen G. **O Desejado de Todas as Nações**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, Ellen G. **Parábolas de Jesus**. 9. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. v. 2. 4. Ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

Fidelidade na Conduta Cristã: Estudo da Perspectiva Teológica Adventista sobre Mordomia Financeira

Matheus Brito Fonseca¹

Eduardo Pietrafessa Miranda Filho²

Resumo: Este artigo investiga a perspectiva teológica da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre a mordomia financeira cristã, destacando sua base bíblica e os escritos do Espírito de Profecia. A pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica, evidencia que a fidelidade na administração dos recursos transcende a prática de dízimos e ofertas, constituindo um estilo de vida que integra espiritualidade, responsabilidade e missão. São analisados princípios como gratidão, honestidade e dependência de Deus, além dos desafios contemporâneos como consumismo e endividamento. Também se apresentam aplicações práticas, como planejamento financeiro no lar e uso de materiais educacionais oficiais. Conclui-se que a educação financeira cristã é essencial à formação do caráter e ao testemunho da fé, exigindo maior sistematização e acesso por parte das instituições adventistas.

Palavras-chave: Mordomia cristã; Teologia adventista; Educação financeira; Fidelidade; Administração de recursos.

Abstract: This article investigates the Seventh-day Adventist Church's theological perspective on Christian financial stewardship, highlighting its biblical foundation and the writings of the Spirit of Prophecy. Based on a literature review, the research shows that faithfulness in resource management goes beyond the practice of tithes and offerings, constituting a lifestyle that integrates spirituality, responsibility, and mission. Principles such as gratitude, honesty, and dependence on God are analyzed, along with contemporary challenges like consumerism and indebtedness. Practical applications are also presented, including household financial planning and the use of official educational materials. The study concludes that Christian financial education is essential for character formation and the testimony of faith, requiring greater systematization and accessibility by Adventist institutions.

Keywords: Christian stewardship; Adventist theology; Financial education; Faithfulness; Resource management.

¹ Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: matheus.bfonseca@unasp.edu.br

² Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: eduardo.filho@unasp.edu.br

1. Introdução

A administração financeira pessoal constitui uma das dimensões mais práticas e desafiadoras da vida contemporânea, influenciando diretamente o bem-estar individual, familiar e social. No contexto cristão, essa dimensão adquire contornos ainda mais significativos, pois transcende os aspectos meramente econômicos para alcançar uma perspectiva teológica e espiritual. Para os adventistas do sétimo dia, essa compreensão se fundamenta nos princípios da mordomia cristã, que estabelecem uma relação de parceria entre o ser humano e Deus na administração de todos os recursos recebidos.

Embora a literatura adventista oficial apresente orientações consolidadas sobre contribuições financeiras à igreja, observa-se uma lacuna significativa na sistematização de diretrizes teológicas para a administração financeira pessoal em seu sentido mais amplo. Essa lacuna se torna especialmente relevante diante dos desafios financeiros contemporâneos, como o consumismo, o endividamento e a pressão social por um estilo de vida incompatível com os recursos disponíveis. Tais questões não apenas comprometem a estabilidade econômica das famílias cristãs, mas também podem prejudicar sua experiência espiritual e seu testemunho diante da sociedade.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela metodologia de revisão bibliográfica, com análise de fontes primárias da teologia adventista, incluindo as Escrituras Sagradas, os escritos do Espírito de Profecia, documentos oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia e obras especializadas em mordomia cristã e administração financeira. Essa abordagem permite uma análise sistemática e aprofundada dos fundamentos teológicos e suas implicações práticas.

Este artigo estrutura-se em quatro seções principais. A primeira seção apresenta os fundamentos conceituais da mordomia cristã segundo a perspectiva adventista, com base bíblica e teológica. A segunda seção analisa as contribuições específicas dos escritos do Espírito de Profecia. A terceira seção discute a relação entre administração financeira e mordomia à luz dos desafios contemporâneos. A quarta seção propõe exemplificações e instrumentos práticos para aplicação dos princípios estudados.

2. Definição de Mordomia

O conceito bíblico de mordomia constitui um princípio fundamental que transcende uma simples prática religiosa, estabelecendo-se como "um princípio dinâmico sob o qual atua o reino de Deus" ([BRADFORD, 2011, p. 721](#)). A Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia define mordomia como:

a responsabilidade do homem pelo uso de tudo que a ele foi confiado por Deus - vida, ser físico, tempo, talentos e habilidades, posses materiais, oportunidades para servir a outros e seu conhecimento da verdade. [...] esta vida é uma oportunidade divinamente apontada para os homens de aprenderem a serem fiéis mordomos, qualificando-se assim para a mordomia mais elevada das coisas eternas na vida futura ([1966, tradução livre](#)).

Paul G. Smith estabelece de forma concisa e clara que a origem teológica da mordomia se encontra na própria criação: "Desde o início até o fim da Bíblia, Deus lembra ao homem que Ele é o Criador e o proprietário do Universo" ([1973, p.13, tradução livre](#)). Neste contexto primordial, "como representantes de Deus na Terra, o primeiro casal e seus descendentes receberam a incumbência de administrar os recursos dados por Deus. Esses incluíam a graça divina, a vida, o tempo, os talentos, a riqueza e a própria Terra" ([BRADFORD, 2011, p. 730](#)).

Trazendo para o contexto neotestamentário de mordomia, deriva das palavras gregas οἰκονόμος (*oikonomos*) e οἰκονομία (*oikonomia*), relacionadas a οἶκος (*oikos*) que significa “casa”. O *oikonomos* é "aquele que guarda a casa: o mordomo ou gerente" ([Ibid.](#)). "[...] requer-se nos despenseiros [*oikonomos*] que cada um se ache fiel" (1Co 4:2). Esta definição bíblica estabelece que "um mordomo é um administrador, e mordomia é a administração das posses e dons em favor dos outros" ([BRADFORD, 2011, p. 721](#)).

Para o cristão adventista, esta responsabilidade se materializa no reconhecimento de que "somos despenseiros de Deus, responsáveis a Ele pelo uso apropriado do tempo e das oportunidades, capacidades e posses, e das bênçãos da Terra e seus recursos que Ele colocou sob o nosso cuidado" ([ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL, 2017, p. 331](#)). Mais do que uma obrigação, "a mordomia é um privilégio que Deus nos concede para desenvolvimento no amor e para vitória sobre o egoísmo e a cobiça" ([Ibid.](#)).

Em sua dimensão mais ampla, a mordomia "envolve o uso sábio e abnegado da vida" ([ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL, 2017, p. 332](#)), constituindo-se não apenas como uma prática administrativa, mas como um estilo de vida cristão integral que abrange todas as esferas da existência humana.

2.1 A Interpretação da Teologia Adventista sobre a Fidelidade Cristã na Administração dos Recursos

A teologia adventista fundamenta a compreensão da fidelidade cristã na administração dos recursos sobre o reconhecimento de que "Deus é a fonte de todo bem e de todo dom perfeito (Tg 1:17), e que é Ele quem nos capacita a adquirir riquezas (Dt 8:18)" ([ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL, 2017, p. 333](#)). Este princípio teológico estabelece que toda prosperidade material e capacidade financeira derivam da providência divina, exigindo do cristão uma postura de reconhecimento e responsabilidade.

A perspectiva adventista sobre mordomia financeira reconhece que "além do sábado, os dízimos e as ofertas nos lembram que somente Deus é proprietário no sentido absoluto" ([BRADFORD, 2011, p. 725](#)). Contudo, a aplicação da mordomia cristã estende-se significativamente para além desta prática específica, pois "o princípio da mordomia se aplica tanto àquilo que retemos quanto àquilo que damos" ([ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL, 2017, p. 337](#)).

A fidelidade na administração dos recursos manifesta-se através de princípios práticos que orientam a vida financeira cotidiana do cristão. O primeiro destes princípios é a “**gratidão**” ([KIS, 2011, p.781](#)), expressa no reconhecimento bíblico de “honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda” ([Pv 3:9, citado em BRADFORD, 2011, p. 725](#)). Esta gratidão transcende o aspecto ceremonial, tornando “o adorador parceiro de Deus em coisas concretas” ([BRADFORD, 2011, p. 726](#)).

O segundo princípio fundamental é a “**honestidade**” ([KIS, 2011, p. 781](#)), que se manifesta no reconhecimento de que “poucos reconhecem seu papel como mordomos” e que a falta de fidelidade constitui uma forma de roubo a Deus ([ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL, 2017, p. 338](#)). Esta honestidade exige transparência e integridade em todas as transações financeiras e decisões econômicas.

O terceiro princípio é a “**dependência de Deus**” ([KIS, 2011, p. 782](#)), evidenciada na compreensão de que “foi para o nosso próprio benefício – e não para o seu – que Deus nos colocou na posição de mordomos” ([KIS, 2011, p. 339](#)). Esta dependência reconhece que “a mordomia fiel também nos presta auxílio na vitória contra a cobiça e o egoísmo” (*Ibid.*).

A teologia adventista enfatiza que “a ideia de mordomia devia ter influência prática sobre todo o povo de Deus” ([BRADFORD, 2011, p. 743](#)), estabelecendo que “os interesses e preocupações divinas se tornam os interesses e as preocupações dos crentes”

(*Ibid.*). Nesta perspectiva, a administração financeira cristã transcende decisões meramente econômicas para constituir-se em expressão de fé e lealdade ao Criador.

A dimensão social da mordomia financeira manifesta-se no princípio de que "mordomia envolve serviço a outros e disposição de compartilhar tudo aquilo que Deus graciosamente concedeu, para que sirva de benefício aos outros" ([ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL, 2017, p. 340](#)). Esta compreensão estabelece que "o dinheiro pode ser uma grande força para o bem: em nossas mãos pode ele prover alimento para o faminto, bebida para o sedento e roupas ao despido" ([ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL., p. 337](#)).

Em suma, a teologia adventista reconhece que "a beneficência prática dará vida espiritual a milhares de professos nominais" ([BRADFORD, 2011, p. 743](#)), estabelecendo uma conexão intrínseca entre a fidelidade na administração dos recursos financeiros e o crescimento espiritual individual e comunitário. Esta perspectiva situa a mordomia financeira não como um aspecto periférico da vida cristã, mas como elemento central na formação do caráter cristão e na edificação da comunidade de fé.

2.2 Contribuições dos Testemunhos sobre a Fidelidade na Conduta Cristã e a Administração Financeira

Os escritos do Espírito de Profecia oferecem uma perspectiva abrangente e prática sobre a aplicação da mordomia financeira na vida cotidiana do cristão adventista. Seus testemunhos estabelecem uma conexão profunda entre a espiritualidade cristã e a administração responsável dos recursos materiais, fornecendo orientações específicas para a conduta financeira que transcendem os aspectos meramente econômicos.

White estabelece que "o dinheiro não é necessariamente uma maldição; ele é de grande valor porque, se corretamente usado, pode fazer bem na salvação de almas, em bênçãos a outros que são mais pobres do que nós mesmos" ([WHITE, 2004, p. 332](#)). Esta perspectiva reconhece o potencial redentor dos recursos financeiros quando administrados segundo princípios cristãos. Por outro lado, White adverte que "mediante uso inadequado ou desavisado, o dinheiro se tornará um laço para o seu possuidor" ([WHITE, 2004, p. 332](#)).

A compreensão espiritual da administração financeira manifesta-se no reconhecimento de que "o dinheiro é uma prova constante das afeições" e que "todo o dinheiro recebido deve ser considerado como uma confiança da parte de Deus" ([WHITE, 2004, p. 332](#)). Esta perspectiva estabelece que o cristão deve constantemente questionar:

"Senhor, que queres que faça com os Teus bens?" ([WHITE, 2004, p. 332](#)), evidenciando a dimensão devocional da mordomia financeira.

Nos testemunhos de White, identifica-se que o egoísmo constitui a raiz da infidelidade na mordomia, enquanto a liberalidade representa "o espírito do Céu". Esta dicotomia fundamenta-se na compreensão de que "a ideia de mordomia devia ter influência prática sobre todo o povo de Deus" e que "a beneficência prática dará vida espiritual a milhares de professos nominais da verdade que ora lamentam as próprias trevas" ([Ibid.](#)).

A liberalidade cristã é descrita como um fluxo vital: "Como a água fresca que flui numa correnteza é a vida de quem trabalha para o bem de outros. Os que consagram seus recursos ao serviço de Deus são canais de bênçãos. Recebem, para dar" ([Ibid.](#)). Esta perspectiva estabelece que a fidelidade na mordomia transcende o aspecto individual, constituindo-se em fonte de bênção comunitária.

Ellen G. White enfatiza que "Deus nos chamará a prestar contas de cada centavo mal-gasto" ([WHITE, 2004, p. 343](#)), estabelecendo uma perspectiva de responsabilidade detalhada na administração dos recursos. Esta "accountability"³ divina manifesta-se na compreensão de que "a grave pecaminosidade de gastar o dinheiro do Senhor em necessidades imaginárias" pode iniciar "um encadeamento de circunstâncias que alcançarão a eternidade" ([Ibid.](#)). Ou seja, para White, nossas decisões financeiras terão consequências que podem afetar a nossa salvação.

O Espírito de Profecia fornece orientações específicas para a gestão financeira doméstica, enfatizando a economia e o autocontrole. Reconhece que "muitos, muitíssimos, não se têm educado o bastante para manter suas despesas nos limites de seus rendimentos" ([WHITE, 2004, p. 334](#)), prescrevendo que "quando há pouco dinheiro, as necessidades devem ser reduzidas" e que "o estilo de vida deve ser humilde e controlado pela razão e bom senso cristão" ([Ibid.](#)). Também destaca a importância do planejamento financeiro cuidadoso:

Todos devem aprender a tomar notas de suas despesas. Alguns o negligenciam como não sendo coisa essencial; é um erro, porém. Todas as despesas devem ser anotadas com exatidão [...] quando cada centavo é registrado, é mais fácil saber para onde vai o dinheiro e onde se pode economizar ([Ibid.](#)).

White destaca a importância da educação financeira no lar, estabelecendo que "os pais devem aprender a viver dentro de seus recursos" e "devem cultivar nos filhos a

³ Responsabilidade, incumbência, dever.

abnegação, ensinando-os por preceito e exemplo" (*Ibid.*, p. 336). Esta educação deve combater "a ostentação, a vaidade e o amor ao luxo" (*Ibid.*), promovendo valores de simplicidade e responsabilidade.

O exemplo paterno é considerado fundamental: "Quão cuidadosos deviam ser os pais e mães em ensinar aos filhos a economia por preceito e exemplo!" (*Ibid.*, p. 343). Esta educação deve tornar as crianças "participantes da gestão do lar e da economia familiar" (*Ibid.*, p. 337), desenvolvendo desde cedo o senso de responsabilidade financeira.

White prescreve a honestidade e pontualidade como princípios não negociáveis: "Devemos pagar honesta e pontualmente nossas dívidas" (*Ibid.*), em testemunho cristão e expressão de fidelidade.

O exemplo de Cristo é apresentado como modelo de economia: "Cristo deu uma vez a Seus discípulos uma lição de economia digna da maior atenção" quando, após alimentar a multidão, "não permitiu que os fragmentos fossem desperdiçados", ordenando: "Ajuntai os pedaços que sobejaram, para que nada se perca" (*Ibid.*, p. 341). Esta "lição tem valor eterno e deve ser aplicada na vida doméstica" (*Ibid.*).

Os Testemunhos estabelecem uma conexão intrínseca entre a vida espiritual do cristão e sua conduta financeira. Esta perspectiva reconhece que a **mordomia financeira** se constitui em expressão prática da fé, meio de crescimento espiritual e instrumento de bênção comunitária. A gestão fiel dos recursos transcende a prudência econômica; é uma demonstração de lealdade a Deus e uma preparação consciente para a eternidade.

Essa compreensão evidencia que a mordomia financeira é uma expressão concreta da fé, um meio de amadurecimento espiritual e um instrumento de bênção para a comunidade. Como afirma White, "tais mordomos são sempre fiéis, sempre diligentes, sempre vigilantes" (*WHITE, 2007, p. 80*), caracterizando-se como "canais de bênçãos" que "recebem, para dar" (*Ibid.*).

A fundamentação teológica estabelecida acerca da administração cristã dos recursos financeiros constitui base sólida para o desenvolvimento de conceitos e princípios práticos aplicáveis à realidade do cristão adventista. Nas seções subsequentes, serão apresentadas aplicações práticas derivadas da fundamentação teológica exposta. Tais aplicações visam estabelecer uma ponte entre a teoria teológica e a práxis cristã, proporcionando instrumentos concretos para a implementação dos princípios de mordomia financeira no cotidiano do fiel adventista.

3. Administração Financeira e Mordomia

Desde os primórdios da humanidade, observa-se a necessidade de práticas relacionadas à administração financeira, não apenas como um mecanismo organizacional, mas também como uma manifestação da responsabilidade humana na gestão dos recursos disponíveis ([SILVA, 2001](#)).

O conceito de administração e suas práticas estão intrinsecamente vinculados às civilizações antigas, uma vez que o ser humano, desde os seus primeiros agrupamentos sociais, demonstrou a necessidade de estabelecer sistemas organizacionais para a governança coletiva. Conforme destaca o professor Reinaldo O. Silva em sua pesquisa:

Alguns dos mais antigos documentos escritos no mundo foram encontrados na civilização suméria, de 5 mil anos atrás, e constituem provas das práticas de controle administrativo. Os sacerdotes dos templos sumérios, por meio do imenso sistema tributário, coletavam e administravam grandes somas de bens e valores, incluindo rebanhos, propriedades rurais e rendas ([SILVA, R. 2001, 78, grifo nosso](#)).

A administração financeira sempre esteve presente na história, e isso inclui líderes veterotestamentários, como Abraão (Gn 12:10-13; 13:5-9), José (Gn 39:4-6; 41:39-49; 47:13-17), Moisés (Ex 18:17-23; Nm 11:14-17; Dt 1:13-15) e Salomão (1Re 3:9-12; 5:13-18). Logo, o conceito administrativo é mais antigo; porém, na perspectiva bíblica, essa administração ganha um significado mais profundo: **a mordomia**. Enquanto a administração se refere à gestão eficiente de recursos, a mordomia cristã reconhece que todos os recursos pertencem a Deus, e os seres humanos são apenas administradores temporários desses recursos divinos.

Na teologia adventista, esse conceito é essencial, pois estabelece que nossa relação com as finanças não é meramente técnica, mas espiritual, refletindo nossa relação com o Criador e Provedor de todos os bens. Assim, o princípio da Mordomia Cristã se aplica diretamente às finanças pessoais, orientando a administração responsável dos recursos de acordo com os valores espirituais abordados até este ponto. Conforme [Souza \(2022, p.5, grifo nosso\)](#), “Mordomia Cristã não é só o que fazemos quando recebemos dinheiro, como administradores ou como dizimamos e ofertamos. **Mordomia é este estilo de vida de parceria com Deus**”.

3.1 A Administração e o Uso do Dinheiro no Contexto do Lar Cristão

A concepção ideal do lar cristão pode ser compreendida como uma instituição de origem divina, estruturada sobre princípios espirituais e práticos, funcionando como uma representação simbólica do lar celestial ([WHITE, 2004](#)). Nesse sentido, inclusive no que se refere à administração dos recursos financeiros pessoais ou familiares, é esperado que o cristão adventista exerça a economia e a prudência como expressões de fidelidade e responsabilidade diante de Deus. O uso dos recursos financeiros no contexto do lar cristão deve estar fundamentado no conceito de "mordomia cristã das finanças"⁴.

A prudência na administração dos próprios recursos começa pela forma como o dinheiro é compreendido. [Demóstenes \(2021\)](#) aborda o dinheiro como uma ferramenta que proporciona benefícios à vida como conforto, segurança e maior estabilidade. No entanto, a maneira como a sociedade moderna enxerga o dinheiro revela uma distorção: ele deixa de ser um meio e passa a ser um fim em si mesmo, tornando-se objeto de desejo e ambição.

A teologia adventista, por sua vez, ensina que a forma correta de compreender o dinheiro parte do princípio de que tudo o que possuímos pertence a Deus. Assim, a maneira como os recursos **são administrados e investidos** deve refletir a fidelidade a esse princípio, glorificando ou, em caso de má administração, desonrando o nome de Deus. O amor ao dinheiro, que impulsiona a busca por tesouros terrenos, pode levar ao mundanismo, usurpando o lugar de Deus na religião e na vida ([WHITE, 2004](#)).

O uso dos recursos financeiros, portanto, torna-se um elemento que perpassa o estilo de vida do indivíduo, refletindo diretamente sua cosmovisão e estando intrinsecamente relacionado à sua prática de adoração pessoal. A forma como os recursos são aplicados pode expressar, de maneira concreta, a maneira como se adora a Deus, conforme aponta:

[...] adoração é a noção da presença de Deus em todos os aspectos da vida, e uma resposta positiva a isso. E essa resposta positiva tem nome: mordomia. [...] A mordomia não é parte da vida, ela é a própria vida. Somos mordomos porque temos vida. Tudo o que fazemos – leitura da Bíblia, orações, louvor, serviço etc. – é adoração. É impossível adorar a Deus e a si próprio, ao mesmo tempo ([LIMA, 2017, p.248](#)).

Em suma, o [Manual da Igreja \(2023\)](#) enfatiza que o uso dos recursos financeiros pelo cristão deve ser **fiel, generoso e disciplinado**, alinhado com os princípios de

⁴ O termo foi objeto de análise na revista Mordomia Cristã Pastoral, conforme desenvolvido pelo Dr. Henrique de Souza.

mordomia divina, destinado a sustentar a **missão da Igreja e a apoiar os necessitados**, e sempre com a finalidade de glorificar a Deus. O Senhor condena: “[...] o dispêndio desnecessário e extravagante de dinheiro para satisfazer o orgulho e o amor da ostentação” ([WHITE, 2008, p. 159](#)), portanto a simplicidade e a economia devem caracterizar os fiéis adventistas.

Esses princípios de simplicidade e economia não se limitam apenas às práticas eclesiásticas, mas estendem-se naturalmente à vida cotidiana dos fiéis, orientando também a gestão de suas finanças pessoais. A aplicação desses valores na esfera doméstica reflete a coerência entre fé e prática, demonstrando que a mordomia cristã abrange todos os aspectos da vida. É nessa perspectiva que se torna necessário examinar como tais diretrizes podem ser traduzidas em métodos práticos de administração financeira familiar.

Russel Raelly introduz que a gestão financeira cristã deve seguir o princípio bíblico do planejamento, pois “Lucas 14:28 fala sobre a prática de determinar os custos antes de embarcar em um projeto” ([2021, p. 22](#)). O uso dos recursos deve ser direcionado para a honra do nome de Deus, o que impacta diretamente os orçamentos familiares e a forma como o dinheiro é aplicado. Russel afirma:

O registro de informações financeiras é um elemento fundamental para a gestão financeira. Sem registros não é possível fazer relatórios. A exatidão dos relatórios financeiros permite que os gestores tomem decisões relevantes. Os registros também ajudam a melhorar o processo de elaboração do orçamento [...] ([Ibid. p. 19](#)).

O contexto original da obra trata da organização administrativa da Igreja, entretanto, pode ser reinterpretado como uma diretriz voltada à orientação dos fiéis quanto à gestão eficiente de suas finanças pessoais. A compreensão dessa abordagem fundamenta-se nos conceitos de organização e registros para consulta futura. Nesse sentido, dois elementos se mostram essenciais para a compreensão e o controle das despesas domésticas: **planejamento e orçamento**.

3.2 Planejamento, Orçamento e Bom Senso

O orçamento doméstico constitui uma ferramenta essencial para a organização das finanças pessoais, atuando como um recurso preventivo diante de potenciais dificuldades econômicas. [Demostenes Neves \(2021, p. 26\)](#) destaca que "o orçamento é um poderoso

instrumento para organizar toda a vida financeira da família", enfatizando seu papel estruturante no contexto familiar.

Esses aspectos são organizados de maneira didática no Quadro 1, que reproduz uma tabela que de forma clara e prática apresenta os benefícios que a elaboração e o uso sistemático do orçamento podem trazer ao ambiente doméstico, desenvolvida pelo próprio autor, sintetiza os principais ganhos decorrentes da prática orçamentária no lar:

Quadro 1: Benefícios do orçamento doméstico

BENEFÍCIOS DO ORÇAMENTO
Revela a situação financeira. O orçamento é um retrato fiel da condição e potencial financeiro da família. Uma tomada de consciência para o progresso do lar
Organiza o movimento financeiro da família. É possível saber até onde se pode ir financeiramente e onde se deve parar porque se pratica o consumo consciente e os gastos são planejados
Promove a participação dos membros da família. A elaboração do orçamento convoca a todos que participem das responsabilidades do lar, promovendo a unidade familiar. Isso treina filhos para uma vida organizada financeiramente e para seu futuro lar.
Ajuda a controlar o consumismo. Uma vez que o dinheiro é limitado e todos sabem seus limites, previne-se e se desestimula as compras de supérfluos e outras por impulso
Reduz as tensões na família. Uma família com plano financeiro tem os pés em um chão estável, todos estão conscientes da situação e as dívidas estão sob controle. O plano orçamentário alivia a ansiedade e as tensões, e os conflitos tendem a diminuir
Promove a poupança. Como parte do orçamento, a provisão para o futuro é assegurada o que proporciona tranquilidade aos membros da família.
Melhora a fidelidade cristã. Pois o orçamento que segue o ciclo da aplicação bíblica dos bens contempla os três deveres perante o Senhor: o dever para com a obra de Deus, com a família e com os pobres sofredores, o que é a verdadeira religião

Fonte: SILVA, D. N., 2021. p. 28.

Há a necessidade do bom senso e convívio no lar para que a gestão financeira aconteça de maneira mais organizada. O orçamento familiar transcende a simples organização de números, representando um instrumento fundamental para a construção de uma vida familiar sólida e próspera. Ao proporcionar clareza sobre a situação financeira e promover a participação ativa de todos os membros, o orçamento não apenas previne o endividamento e as tensões decorrentes do descontrole financeiro, mas também cultiva valores essenciais como **disciplina, abnegação e responsabilidade**.

3.3 Desafios Contemporâneos: Consumismo e Endividamento

Os desafios e conflitos financeiros que assolam o mundo também se refletem no lar cristão. A desorganização financeira e a “infidelidade financeira”, conforme nomeia

[Mathews \(2013\)](#), configuram-se como áreas críticas que podem comprometer a solidez do casamento (lar cristão).

Tais problemas destroem famílias, sendo o **endividamento** uma das principais causas de divórcios e conflitos familiares, conforme destaca o autor. White, por sua vez, aborda a questão das dívidas da seguinte maneira: "Decidi nunca incorrer em outro débito. Negai-vos mil e uma coisas antes de entrar em outra dívida. Essa tem sido a maldição de vossa vida: entrar em dívida. **Evitai-a, como evitariéis a varíola**" ([WHITE, 2005, p.155, grifo nosso](#)).

A dívida tem um tremendo poder de aprisionamento – a escravidão que dela resulta, acompanha grandes estresses e frustrações ([REID, 2011](#)). Bradford no Tratado de Teologia Adventista ressalva sobre o perigo de se envolver com dívidas citando a parábola das minas e dos talentos:

[...] Jesus ressaltou a importância de usar aquilo que o patrão havia confiado a seus empregados (Lc 19:12-27; Mt 25:14-30). O uso correto dos recursos do patrão — isto é, a sua multiplicação — traz como resultado aprovação e recompensa. O empregado que não desenvolveu seu talento perdeu-o e ainda foi condenado às trevas exteriores por fracassar no manejo de seu talento ([2011, p. 733](#)).

A má gestão de talentos e recursos, abordada na parábola, pode ser interpretada como um risco de “dívida” ou insuficiência financeira. Embora o termo não seja utilizado diretamente, há uma clara alusão à “infidelidade financeira”. No contexto da parábola dos talentos o verbo *ἀποδίδωμι* (apodidōmi) que significa “devolver” ou “prestar contas”, ressalta a responsabilidade do administrador em gerir fielmente o que lhe foi confiado. A falha em *ἀποδίδωμι* implica não só na perda do que foi dado, mas também na condenação por infidelidade financeira — um descumprimento das expectativas do patrão, que simboliza Deus.

Assim, a parábola enfatiza que a má gestão dos recursos, ainda que não explice a palavra “dívida”, gera um tipo de débito moral e espiritual diante do Senhor, refletindo diretamente nas consequências que afetam a vida pessoal, familiar e espiritual do cristão.

Outro problema relevante que impacta a saúde financeira do lar cristão é o **consumismo**, representa a preocupação excessiva com a aquisição de bens materiais, que vai diretamente contra o que é a boa administração dos recursos, afinal mordomia é o emprego responsável das dádivas de Deus ([Bradford, 2011](#)). Partindo desse pressuposto,

a maneira correta pela qual o fiel adventista deveria situar seus bens é com domínio próprio, fugindo dos próprios prazeres egoístas.⁵

Portanto, superar desafios como a desorganização financeira, endividamento e consumismo exige não apenas disciplina e planejamento, mas sobretudo uma profunda compreensão e prática da mordomia cristã, e do equilíbrio entre necessidades e recursos. Assim, o fiel adventista no seu estilo de vida estará mais preparado para resistir às pressões financeiras e promover um ambiente de paz e fidelidade diante de Deus.

4. Exemplificações Práticas e Instrumentos de Aplicação

Tendo estabelecido os fundamentos teológicos e princípios bíblicos da mordomia financeira, torna-se imperativo transformar esses conceitos em aplicações práticas que possam ser implementadas no cotidiano dos fiéis. A transição da teoria para a prática representa um dos maiores desafios na educação financeira cristã, exigindo instrumentos e metodologias que facilitem essa aplicação.

Conforme [Neves \(2021\)](#) afirma em sua obra, existe hoje uma grande quantidade de materiais sobre gestão financeira, inclusive em canais oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como o programa "Saldo Extra", dirigido pelo diretor da TV Novo Tempo, Antônio Tostes.⁶ Esses recursos educacionais representam um esforço institucional em democratizar o conhecimento financeiro e torná-lo acessível aos membros da igreja. Similarmente, iniciativas como o "Stupid Money TV" do Dr. John Mathews⁷ complementam esse panorama educacional, oferecendo perspectivas práticas sobre gestão de recursos.

Para tornar prático todo o conteúdo explorado até aqui, apresentamos um quadro demonstrativo adaptado pelos autores sobre orçamento familiar, que exemplifica a aplicação dos princípios discutidos, baseado em conteúdo da revista Saldo Extra:

.....
⁵ Ellen G. White destaca a necessidade de fazer sacrifícios pessoais para a prática da economia (2007, p. 24).

⁶ Conteúdo sobre o projeto Saldo Extra: <https://www.adventistas.org/pt/mordomiacrista/projeto/saldo-extra/>

⁷ Conteúdo sobre o projeto Stupid Money TV": <https://www.stupidmoneytv.com/>

Quadro 2: Modelo de Orçamento Familiar

PLANILHA DE ORÇAMENTO FAMILIAR							
	1. Receitas ou entradas						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Total
Salário ou Aposentadoria Esposo							R\$ -
Salário ou Aposentadoria Esposa							R\$ -
Décimo terceiro salário							R\$ -
Aluguéis							R\$ -
Juros de Aplicações							R\$ -
Restituição de imposto de Renda							R\$ -
Pró-labore							R\$ -
Outras receitas							R\$ -
Total							R\$ -
2. Despesas Mensais							
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Total
Dízimo							R\$ -
Oferta							R\$ -
Beneficência Social							R\$ -
Alimentação							R\$ -
Água e Luz							R\$ -
Telefone e Internet							R\$ -
Combustível							R\$ -
Materiais de Limpeza							R\$ -
Lazer e Restaurante							R\$ -
Medicamentos							R\$ -
Planos de Saúde							R\$ -
Previdência Privada							R\$ -
Seguro (Casa, Carro, Vida)							R\$ -
Mensalidade Escolar							R\$ -
Manutenção de Carro							R\$ -
Passagens							R\$ -
Aluguel ou Parcela de Financiamento Casa Própria							R\$ -
Mensalidade TV a Cabo							R\$ -
Dívidas							R\$ -
Outros							R\$ -
Total							R\$ -
3. Despesas Anuais							
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Total
Aquisição de Roupas, utilitários							R\$ -

Contas de IPVA, IPTU							R\$ -
Uniforme Escolar							R\$ -
Livros e Apostilas Escolares							R\$ -
Férias, viagens							R\$ -
Outros							R\$ -
Total							R\$ -

4. Reserva para Investimentos e Despesas de Longo Prazo

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Total
Aquisição ou troca de carro							R\$ -
Reserva para aquisição de imóvel							R\$ -
Reserva de emergência e imprevistos							R\$ -
Reserva para uma viagem especial							R\$ -
Outras reservas de investimento							R\$ -
Total							R\$ -

Fonte: PORTO, V. [s.d], p.13.

A implementação desses instrumentos práticos requer disciplina e constância, virtudes que são desenvolvidas através do crescimento espiritual. É fundamental que os fiéis busquem continuamente conteúdos especializados na área, participando de programas educacionais, seminários e utilizando recursos disponibilizados pela própria igreja.

Através da organização e gestão financeira criteriosa, compreendemos que somente seremos mordomos fiéis quando aplicamos adequadamente todas as dádivas que Deus nos confia e das quais Ele espera prestação de contas. Afinal, como bem observa Lima, "através daquilo que priorizamos, revelamos a quem adoramos e servimos" ([2017, p. 249](#)). Esta declaração sintetiza a essência da mordomia cristã: nossas escolhas financeiras são reflexos diretos de nossos valores espirituais e demonstram concretamente nossa fidelidade a Deus.

5. Conclusão

A presente pesquisa evidencia que a teologia adventista possui uma fundamentação teórica sólida e abrangente sobre a mordomia cristã, sustentada pela interpretação bíblica e pelos escritos do Espírito de Profecia. Essa base teológica

transcende a compreensão tradicional limitada a dízimos e ofertas, abrangendo uma perspectiva holística da administração financeira como expressão integral da fé cristã.

Os testemunhos de Ellen G. White revelam-se claros e práticos, oferecendo orientações específicas aplicáveis a diversas situações cotidianas. Estas orientações estabelecem conexões profundas entre vida espiritual e conduta financeira, demonstrando que a mordomia é mais que um princípio administrativo — é um estilo de vida que reflete nossa relação com o Criador.

Contudo, a investigação revelou uma discrepância entre a riqueza teológica disponível e seu ensino prático nos contextos educacionais e ministeriais da igreja. Embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia possua materiais de qualidade sobre gestão financeira cristã, estes frequentemente permanecem subutilizados devido à divulgação insuficiente ou dificuldades de acesso.

A análise dos desafios contemporâneos — consumismo, endividamento e pressões socioeconômicas — evidencia a urgente necessidade de uma abordagem mais sistemática e acessível da educação financeira cristã. Esses desafios comprometem não apenas a estabilidade econômica das famílias, mas também impactam a experiência espiritual e o testemunho cristão.

Reconhece-se que a organização financeira é uma forma tangível de exaltar a Deus com os recursos que Ele nos confia, sendo testemunho prático da fé. Portanto, torna-se um imperativo institucional que líderes e organizações adventistas tornem esse conhecimento mais acessível por meio de iniciativas educacionais sistematizadas. A implementação de sermões temáticos, palestras, workshops, seminários e materiais didáticos pode contribuir significativamente para a formação de mordomos fiéis e financeiramente responsáveis.

Em conclusão, a mordomia financeira cristã, fundamentada nos princípios teológicos adventistas, é essencial para a formação do caráter cristão e o testemunho eficaz da igreja. Sua aplicação prática promove estabilidade econômica e fortalece a missão da igreja, glorificando a Deus por meio da administração fiel dos recursos que Ele nos concede.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA (Org.). Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

BRADFORD, C. E. Mordomia In: Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 721-747.

KIS, M. M. Estilo de Vida e Conduta Cristã In: Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 748-803.

LIMA V. S. Mordomia cristã: agregando significado In: FOLLIS, R. Santo ao Senhor. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2013.

MATHEWS, J. Financial infidelity. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.nadstewardship.org/resources/articles/>> Acesso em: 11 jun. 2025.

PORTO, V. Planejamento Financeiro Familiar. Saldo Extra: como organizar as finanças e garantir o seu futuro, [s.d], p.13. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/mordomiacrista/projeto/saldo-extra/>> Acesso em: 12 jun. 2025.

RAELLY, R.; FIAC; FCCA. A Equação Financeira: da confiança, certeza e fidelidade. Tradução de Delmar F. Freire. Hagerstown: Review & Herald Publishing Association, 2021. p. 68. Disponível em: <<https://stewardship.adventist.org/financial-equation-of-trust,-confidence-and-faithfulness>> Acesso em: 20 mai. 2025.

REID, G. E. Perspectives on Debt. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.nadstewardship.org/resources/articles/>> Acesso em: 11 jun. 2025.

SDA, ENCYCLOPEDIA. 2. ed. rev. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1996. 2 v.

SILVA, D. N. Família Cristã e Suas Finanças: princípios para o sucesso 1. ed. Salvador, BA: Edição do Autor, 2021.

SILVA, R. O. Teorias da Administração. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

SOUZA, H. Mordomia Cristã Pastoral: guia prático para potencializar a mordomia cristã na igreja local. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://downloads.adventistas.org/pt/mordomia-crista/livros/livro-guia-mordomia-crista-pastoral/>> Acesso em: 20 mai. 2025

SMITH, P. Managing God's Goods. 1. ed. Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1973

WHITE, E. G. Conselhos sobre Mordomia. Ellen G. White Estate, Inc., 2007. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Conselhos-sobre-Mordomia.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2025.

WHITE, E. G. O Lar Adventista. Ellen G. White Estate, Inc., 2004. Disponível em:
<<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/O-Lar-Adventista.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2025.

WHITE, E. G. Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos. Ellen G. White Estate, Inc., 2008. Disponível em:
<<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Testemunhos-para-Ministros-e-Obreiros-Evangelicos.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2025

O Impacto dos Dispositivos Digitais Sobre a Mente Humana: Aspectos Emocionais, Sociais e Espirituais

Leila Amaral Carvalho¹

Resumo: O presente artigo busca fazer uma análise de alguns dos riscos e benefícios do uso dos dispositivos digitais para a saúde integral das pessoas, na atualidade. Os dispositivos digitais incluem uma vasta gama de aparelhos, como computadores, smartphones, tablets, relógios digitais, smart tvs, dentre outros equipamentos. As tecnologias digitais estão presentes na vida cotidiana do ser humano, basicamente desde o seu nascimento, até a sua morte. Sendo expostos a telas, desde muito cedo, as crianças já crescem sob sua influência e sob seu reflexo. Através de um levantamento bibliográfico sobre os riscos à saúde mental e estudos sobre vida social e espiritual, consideramos os pontos positivos e negativos de se viver conectado durante as 24 horas do dia. Como resultado, percebeu-se que os dispositivos eletrônicos têm afetado fortemente a mente em seu desenvolvimento, bem como o uso irrestrito de telas, tem trazidos consequências negativas para adultos de todas as idades. Mesmo assim, destacaram-se alguns pontos positivos, que foram elucidados, a respeito do uso desta tecnologia como facilitadora, especialmente na era da informação.

Palavras-chave: Dispositivos Digitais; Telas; Mente; Influência, Mídia, Internet.

Abstract: This article aims to analyze some of the risks and benefits of using digital devices for people's overall health today. Digital devices include a wide range of equipment such as computers, smartphones, tablets, digital watches, smart TVs, among others. Digital technologies are present in everyday human life, essentially from birth to death. Being exposed to screens from a very early age, children grow up under their influence and reflection. Through a literature review on mental health risks and studies on social and spiritual life, we consider both the positive and negative aspects of living connected 24 hours a day. As a result, it was observed that electronic devices have significantly affected mental development, and the unrestricted use of screens has brought negative consequences for adults of all ages. Even so, some positive aspects were highlighted regarding the use of this technology as a facilitator, especially in the information age.

Keywords: Digital Devices; Screens; Mind; Influence, Media, Internet.

¹ Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Especializada em Gestão Educacional. E-mail: leila.carvalho@unasp.edu.br

1. Introdução

Para abordar o tema dos dispositivos digitais, é necessário primeiramente falar sobre a revolução tecnológica, que consequentemente também é abordar a história da humanidade. Ao longo dos milênios, as revoluções, as inovações, desde a descoberta da pedra lascada, até o surgimento da Inteligência Artificial, trazem consigo transformações, caracterizadas por uma progressiva evolução, “A inovação tecnológica tem sido uma constante no desenvolvimento das sociedades humanas, tanto que é comum referir-se a diversos períodos históricos pelo nível técnico então predominante.” ([Moura, 2000, p. 1](#)). Esta evolução de ferramentas, máquinas, e equipamentos, otimizou o processo de trabalho e revolucionou os meios de comunicação, mudando significantemente a vida das pessoas.

A substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e do modo de produção doméstica pelo sistema fabril constituiu a Revolução Industrial [...]. Esse processo de transformação foi acompanhado por uma notável evolução tecnológica [...]. Não foi uma revolução qualquer, mas uma revolução que se deu nos quadros do capitalismo ([Arruda, 1988, p. 106](#)).

Esta revolução tecnológica advinda do desenvolvimento industrial, se intensificou no século XX. A facilidade trazida pela energia elétrica, os aparelhos sendo construídos cada vez menores, para acessibilizar seu uso e transporte, fez crescer vertiginosamente o setor da informática. Porém o fenômeno mais marcante da revolução tecnológica foi o advento da internet, na década de 1990.

A tríade energia-internet-rede abriu caminho para uma rápida difusão da tecnologia informatizada aos mais diferentes segmentos sociais, possibilitando a aplicação desse recurso sobre bens e serviços e amplo acesso às inovações. Nos anos 2000, computadores e telefones móveis também deixaram a categoria de produtos de alto custo para se tornarem bens comuns, sendo esta uma base para a popularização do smartphone na década seguinte ([Oliveira e Barroco, 2003, p. 6](#)).

Toda nova descoberta introduzida na vida familiar, na sociedade, na educação, gera transformações no cotidiano, afeta a dinâmica dos relacionamentos e consequentemente a qualidade de vida. Quem antes se recolhia para casa e ia dormir logo que o sol se punha, com o advento da luz elétrica pode ir dormir muito depois de meia noite, ou por vezes nem dormir, trabalhando ou se divertindo. Quem antes, para se comunicar, precisava comprar uma ficha, caminhar para encontrar um telefone público, e falar rapidamente antes que a ficha caísse, cortando a ligação, agora simplesmente, levando a mão ao bolso, consegue enviar uma mensagem de voz através de um smartphone. Houve uma época em que para fazer uma pesquisa, era necessário se dirigir

até as bibliotecas, que comportavam altas prateleiras, carregadas com muitos livros, onde era necessário ler inúmeras páginas para encontrar o assunto pretendido. Este tempo foi substituído pelo comando Ctrl + F no teclado do Windows, para encontrar o termo pesquisado em um arquivo PDF, baixado da internet em poucos segundos. Muito mais rápido e prático.

O difícil é perceber que algumas tecnologias têm impactos bem mais profundos sobre os seres humanos que a ela são expostos, chegando mesmo, embora em raros casos, a gerar transformações internas radicais. Em outras palavras, embora seja fácil detectar que novas tecnologias têm o poder de alterar nossos hábitos e nossas formas de agir, é bem mais difícil registrar que algumas tecnologias também podem alterar radicalmente nossos modos de ser (como pensamos, como percebemos e organizamos o mundo externo e interno, como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos, como sentimos etc.) ([Nicolaci-da-Costa, 2002, p. 193](#)).

Essas inegáveis mudanças advindas do uso da tecnologia, que deveriam trazer primariamente benefícios, trouxeram ao homem moderno uma série de efeitos colaterais nocivos. Impactando diretamente na qualidade de vida, o uso dos dispositivos eletrônicos tem afetado o desenvolvimento mental de crianças que, desde muito cedo estão entretidas durante horas com programas em frente a TV, celulares ou tablets. Sobre essas crianças, Nobre alerta que essa exposição “pode causar obesidade, maior pressão arterial e problemas relacionados à saúde mental, além de reduzir o tempo de interação social e familiar e favorecer a exposição a conteúdos impróprios” ([Nobre, et al., 2021, p. 1128](#)). Esses efeitos podem se observar também em adultos, que usam dispositivos digitais em excesso, de forma a desencadear em suas vidas desequilíbrios emocionais, sociais e espirituais.

2. Impactos Emocionais

Um grande benefício das mídias digitais, é aproximar pessoas. Com a globalização, cada vez mais homens e mulheres conseguem se comunicar com facilidade, relacionamentos são iniciados mesmo a distância, graças as chamadas de vídeos e a troca de mensagens instantâneas. Pais conseguem conversar com seus filhos que estão morando distantes, amenizando a saudade. Muitas pessoas usam as redes sociais para compartilhar momentos de sua vida cotidiana, [Pittman e Reich \(2016\)](#) aponta que a prática de compartilhar vídeos e fotos, interagir com conteúdos na plataforma Instagram pode estar associada a um aumento na sensação de bem-estar e felicidade entre os usuários, que

melhoram a saúde mental, escapando da solidão, ao ler e responder comentários em suas postagens.

Por outro lado, um estudo feito com alunos de uma universidade privada, apontou que “os sintomas de depressão, ansiedade e estresse apresentam relação direta com o uso ativo e passivo das mídias sociais” ([Godoy et al., 2024, p. 12](#)). O uso exagerado da internet, muitas vezes ocasiona apenas o gasto descontrolado do tempo, mas em outros casos pode ocorrer uma Adicção por Internet (AI), considerado um problema de saúde mental mundial.

São diversos os efeitos deletérios relacionados à AI, como alterações na qualidade do sono, na nutrição e na atividade física, menor desempenho acadêmico ou profissional e prejuízo nos relacionamentos interpessoais. Além disso, diversas pesquisas relacionam a AI aos transtornos de humor, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno de uso de substâncias, ansiedade, ansiedade social, solidão, baixa autoestima, menores níveis de atividade física, hostilidade e comportamento agressivo, comportamento compulsivo, impulsividade, maiores taxas de transtornos de personalidade, menor felicidade e vitalidade subjetivas, prejuízos na saúde mental de forma geral e suicídio ([Moromizato et al. 2017, p. 498](#)).

O vício pela internet, tem causado dependência, e outros transtornos mentais em pessoas de todas as idades. Muitas vezes a busca pela aprovação e por seguidores faz com que os usuários forjem uma suposta vida perfeita, que, no entanto, só existe no mundo virtual, “Nas redes, o indivíduo pode se apresentar com quantas máscaras quiser, como numa vitrine, e fazer suas escolhas diante do espetáculo que lhe é oferecido” ([Lima, 2012, p. 68](#)). Quando se voltam para a realidade, elas percebem que a vida delas não é tão perfeita quanto a do outro e quanto a rotina que ela posta diariamente, causando então uma sequência de sentimentos de tristeza, insuficiência e derrota.

Os riscos do uso dos dispositivos digitais, é ainda mais preocupante quando se trata de crianças. O excesso do uso de telas, ainda que para desenhos educativos, pode, segundo [Nobre \(2021\)](#) retardar o seu desenvolvimento da linguagem, capacidade cognitiva e outras habilidades, problemas que serão transportados para a vida adulta.

Aos que acreditam ser a consciência o meio pelo qual Deus se comunica com o ser humano, Ellen White fala da importância de se manter saúde mental, “A mente rege o homem todo. Todas as nossas ações, quer sejam boas ou más, originam-se na mente. É a mente que adora a Deus e nos põe em contato com os seres celestiais” ([White, 1989 p. 396](#)). Logo, percebe-se que as sequelas de uma mente desordenada, pode causar danos que trarão consequências eternas.

3. Impactos Sociais

A evolução tecnológica trouxe consigo uma nova necessidade, a inclusão digital. Os dois extremos na sociedade moderna, quanto ao uso dos dispositivos digitais, estão entre os que usam em excesso, e os que não têm acesso. Enquanto parte da população que já nasceu na era da informação, encontra maior facilidade de manuseio das novas tecnologias, por outro lado, ainda existe uma geração que precisa ser alfabetizada digitalmente. Para conseguir acompanhar a evolução da humanidade, uma vez que os dispositivos digitais estão em toda parte, não é mais possível viver alheio a essa realidade tecnológica que está imposta à sociedade atual.

A exclusão digital, seja por condições econômicas, desinteresse, ou por falta de compreensão, pode acarretar sérios problemas. Quem não domina, ou ao menos conhece e manuseia minimamente os dispositivos digitais, sofrerá com a dificuldade em conseguir bons empregos, em nutrir comunicação com familiares e amigos, letargia no recebimento de informações e notícias importantes ou urgentes, bem como a sensação de incapacidade para fazer atos simples da vida cotidiana, como pagar uma conta, transferir um dinheiro ou contratar um serviço. Este também é um tipo de exclusão social, que não pode ser ignorado. “Destaco o aumento do nível de autoestima percebido naqueles que se tornam incluídos digitais, por meio da segurança frente à máquina, das novas expectativas quanto ao mercado de trabalho e da possibilidade de melhorias a respeito da qualidade de vida” ([Bolzan; Löbler, 2016, p.133](#)). Este problema requer políticas públicas eficazes, especialmente no que tange a população mais carente, para garantir o acesso ao conhecimento e evitar o problema da desigualdade social digital.

São diversos os impactos que os dispositivos digitais trouxeram para a sociedade, especialmente no que tange o uso da internet. Com a agilidade da informação, e a criação de dispositivos exclusivos, as autoridades conseguem solucionar os crimes muito mais rapidamente, por outro lado surgiram novos tipos de crimes, os cometidos de forma online. Alguns jovens que outrora poderiam estar altas horas na rua, consumindo bebida alcóolica, expostos a perigos, decidem se reunir em casa para assistir um filme online em uma plataforma de streaming. Eles podem pedir e pagar seus lanches por um aplicativo no celular, e a comida chega na sua residência, ou seja, podem se divertir de forma segura, sem sair de casa. Na outra extremidade, estão os jovens que praticamente não saem de casa para mais nada, se isolam do mundo, e interagem com outros seres humanos apenas através da tela do computador, por aplicativos ou por jogos eletrônicos, ou até mesmo

gastando muito do seu tempo em sites de pornografia. Para [Lima \(2012, p. 71\)](#) “As redes sociais cibernéticas estariam assim, educando pessoas num modelo de relacionamento fraco, destituído de significados mais profundos”, para ele o espaço cibernético “Foi projetado para atuar como emboscada, armadilha. Quanto mais melancólico você se torna pela busca sem sucesso, olhos pesados e fixos, mais perto do objetivo você está. Conectado com várias coisas, mas não comprometido, não fazendo parte de nada” ([Lima, 2012, p. 72](#)). Esses tipos de situações descrevem a falta de equilíbrio no uso de algo que foi criado para ser bom, unir as pessoas, mas que está sendo nocivo para os relacionamentos.

Outro ponto negativo que tem impactado fortemente a sociedade, é o fato de que as redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas têm se tornado palco de ofensas, discursos de ódios e até incentivo ao crime.

O uso intensivo da Internet e das redes sociais digitais está contribuindo para a formação de perfis de atuação política, econômica, social, cultural, marcados pela intolerância e pelo radicalismo. Diariamente, surgem polêmicas e debates nas redes cujos participantes parecem tomados por uma fúria cega contra toda e qualquer opinião divergente ([Quadrado, 2020, p. 420](#)).

Existe uma atmosfera de constante discussão na internet, com dois ou mais blocos de usuários debatendo sobre algum assunto, com opiniões contrárias. Neste espaço onde indivíduos pensam de forma diferente, o comportamento de muitos internautas acaba se direcionando para o campo da intolerância, onde “Parece haver um ‘ganho’ para quem incita ódio em redes sociais, e este ganho é a visibilidade, popularidade, reputação e influência. Tais fatores estão ligados a questões de pertencimento ao grupo ou afirmação de identidade” ([Santos; Silva, 2016, p. 5](#)). Por de trás de suas telas de dispositivos digitais, as pessoas corajosamente erguem suas bandeiras, e lideram manifestações que por vezes extrapolam o campo das ideias, acarretando violência fora das telas, incitadas por grupos e compartilhamento em massa de mensagens que algumas vezes sequer são verdadeiras, as chamadas Fake News. White, fala da necessidade de manter boas relações e que não devemos renunciar à comunhão social:

Em nossas relações mútuas como cristãos, perdemos muito pela falta de simpatia de uns para com os outros. Aquele que se encerra dentro de si mesmo, não está preenchendo a posição que era designio de Deus ele ocupasse. Todos nós somos filhos de um mesmo Pai, dependentes uns dos outros para alcançar a felicidade. As reivindicações de Deus e da humanidade tocam a nós. É o cultivo apropriado dos elementos sociais de nossa natureza o que nos une intimamente com nossos irmãos, e nos proporciona felicidade em nossos esforços para sermos bêncões aos outros. ([White, 1989 p. 627](#))

O uso dos dispositivos digitais, deve ser feito de forma sábia, para que alcance o objetivo de proporcionar impactos positivos na sociedade, inclusão digital, felicidade, unindo pessoas, ao invés de separá-las.

4. Impactos Espirituais

Os dispositivos digitais adentraram os lares, afetando a rotina em diversos aspectos, a vida espiritual de cada indivíduo não ficou fora dessa revolução tecnológica. O advento da internet, trouxe consigo uma facilidade enorme de acesso aos conteúdos religiosos, tais como sermões, músicas cristãs, estudos bíblicos online, cultos ao vivo, entre outros, interferindo assim na forma de adoração, e estudo da Bíblia.

A praticidade de utilizar dispositivos digitais pode enriquecer o aspecto espiritual da vida do cristão. Com a Bíblia disponível no celular, tablet, temos ela sempre à palma da mão, podendo ser lida ou ouvida a qualquer momento e em qualquer lugar, fortalecendo assim a nossa vida espiritual no dia a dia. Um aspecto negativo, entretanto, é o fato de muitos cristãos não sentirem mais a necessidade de ir à igreja, uma vez que podem se satisfazerem espiritualmente assistindo o culto pelo Youtube de sua TV, sentados confortavelmente no sofá da sala. Sobre isso White diz que "Não devemos negligenciar a reunião do povo de Deus. Há aqueles que se sentem bem ao ficarem longe da igreja. Mas eles estão perdendo o frescor da vida espiritual" ([White, 1981 p. 292](#)), logo assistir sermões em casa, por melhor que seja o conteúdo, não substitui a reunião do povo de Deus presencialmente na igreja.

Os canais de televisão também têm aberto cada vez mais espaço para propagação midiática de conteúdo religioso, o que pode ser proveitoso, mas perigoso, uma vez que os telespectadores estão expostos a todo tipo de doutrina, nem sempre bíblicamente corretas:

[...]se observa as inúmeras formas de propagação midiático-religiosas que invadem o cotidiano moderno e multimidiático, na mesma medida em que intensifica a forma-espetáculo da cultura da mídia. Assim, vemos o despontar da vida religiosa também ser cada vez mais moldada pelo espetáculo. São incontáveis horas de conteúdo religioso presente nas telas da mídia, que apresentam não apenas os grandes momentos da vida comum recheados de representação, mas proporcionam também material ainda mais farto para as fantasias e sonhos, modelando o pensamento, o comportamento, as identidades e a própria religiosidade ([Patriota, 2009a, s/p](#)).

Assim, muitas religiões têm se aproveitado para difundir ao vivo, em cadeia nacional seus ensinamentos, usando a palavra de Deus, e manifestações de supostos milagres para tirar proveito financeiro dos fiéis telespectadores.

Por outro lado, vemos que a possibilidade de comunicação rápida e facilitada da era digital traz também o benefício de alcançar pessoas com a mensagem de salvação cristã, de forma eficaz. A produção de bons conteúdos bíblicos e músicas divinamente inspiradas, podem ser compartilhadas facilmente com quem necessita ouvir a mensagem.

A Internet pode ser um meio de comunicação bidirecional, além de ser um veículo de comunicação de massa, permite também o desenvolvimento de relacionamentos significativos com pessoas reais. Essas características fazem da internet uma excelente ferramenta para a evangelização que pode cumprir a exigência de missão de Apocalipse 14:6 ([Santos, 2009, p. 238](#)).

A internet pode, portanto, ser um excelente aliado para a pregação do evangelho de forma global, que é a missão que nos foi designada por Cristo, conforme está em Marcos 16:15: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” ([BÍBLIA, 1993](#)). Sendo a pregação do evangelho, parte integrante do desenvolvimento da vida espiritual do cristão, como diz White “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário” ([White, 1997, p. 79](#)), os dispositivos digitais carregam um potencial de evangelização muito grande, trazendo consigo as boas novas de salvação, para usuários que estão até mesmo nos lugares mais difíceis de serem alcançados do mundo. É oportuno lembrar que “A internet poderá contribuir de muitas formas para a evangelização mundial, mas, acima de tudo, o que se precisa é o derramamento do Espírito Santo. Somente assim a igreja cumprirá a grande comissão deixada por Cristo”. ([Santos, 2009, p. 240](#)).

5. Conclusão

O uso dos aparelhos digitais proporciona inúmeros benefícios, e inegáveis perigos. É de suma importância para uma vida saudável, usar dispositivos de comunicação global, de forma equilibrada, com sensatez, mantendo sob controle o tempo. É notório que se deve dispensar uma atenção especial para as crianças, restringindo o uso de telas, por estarem com a mente em fase de desenvolvimento, mais suscetíveis as influências externas.

Entende-se que o compartilhamento instantâneo de dados e informação proporcionados pelas redes através dos dispositivos digitais, tem uma grande relevância na sociedade atual. Seu uso tornou-se indispensável para o mundo globalizado, e por isso

se torna tão importante viabilizar acesso aos chamados analfabetos digitais. Entretanto, por ser um espaço com representações duvidosas da realidade, e interações muitas vezes prejudiciais à saúde, seu uso deve ser feito com muita cautela e sensatez.

A comunicação das mensagens religiosas tem se adaptado a essa nova era, e os crentes expostos a comunicação massiva adaptaram-se a uma nova forma de nutrir sua espiritualidade. O uso dos dispositivos digitais afetou a forma de assistir aos cultos, e viabilizou novos meios para pregar o evangelho.

Claro que a Internet, como qualquer tecnologia não é - em si - boa ou má. O uso que fazemos dela é o que define seu caráter. E, naturalmente, ela não é culpada pelo comportamento de seus usuários. Mas poucas pessoas têm consciência de que, na rede, as informações também podem ser manipuladas e que elas passam, a todo instante, por filtros automáticos que podem incidir profundamente sobre a formação da opinião ([Quadrado, 2020, p. 420](#)).

Portanto, constatou-se que os dispositivos digitais conectados à internet, bem como as redes sociais, não são em si mesmo danosos, mas o mau uso que cada pessoa faz dessa tecnologia é que vem causando consequências negativas para a saúde mental, social e espiritual. Entende-se também que o correto e sábio uso das tecnologias digitais, pode proporcionar grandes benefícios, facilitando a vida e o dia a dia das pessoas, aproximando entes queridos, e levando a mensagem até os lugares mais distantes, de que Jesus breve voltará, sendo esse seu propósito mais sublime.

Futuros trabalhos de pesquisa poderiam investigar até que ponto os dispositivos digitais afetam a vida das pessoas em demais aspectos relevantes, não tratados nessa pesquisa, como a saúde física, o desenvolvimento acadêmico, estudos poderiam ser empreendidos no sentido de descobrir se os matrimônios estão sendo afetados pelo uso das redes sociais. Sugere-se também que seja estudada a possibilidade de um método de evangelismo eficaz para agilizar a pregação do evangelho, e se isso poderia alcançar todo o mundo apressando a volta de Jesus.

Referências Bibliográficas

- ARRUDA, JJ (1988). História moderna e contemporânea São Paulo, SP: Ática.
- BÍBLIA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BOLZAN, L. M.; LÖBLER, M. L. Socialização e afetividade no processo de inclusão digital: um estudo etnográfico. *Organizações & Sociedade*, v. 23, n. 76, p. 130–149, jan. 2016.
- GODOY, PP et al. Mídias Sociais e Sintomas Emocionais de Estudantes de uma Universidade Privada. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 44, p. e260371, 2024.
- LIMA, Marcos Eduardo Gomes de. As redes sociais e a (des)construção do sujeito. *Acta Científica*, Engenheiro Coelho, v. 21, n. 2, p. 64–74, maio/ago. 2012.
- MOURA, André Farias de. A inovação tecnológica e o avanço científico: a química em perspectiva. *Química Nova*, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 851-856, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/CHmTdPfNbvbJH3tDyQnVL4t/>. Acesso em: 15 maio 2025.
- MOROMIZATO, M. S. et al. O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Indícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 41, n. 4, p. 497–504, out. 2017.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 18, n. 2, p. 193–202, maio 2002.
- NOBRE, J.N.P. et al. Fatores determinantes no tempo da tela de crianças na primeira infância. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 3, p. 1127–1136, março. 2021.
- OLIVEIRA, F.A.F DE.; BARROCO, S.M.S. Revolução Tecnológica e Smartphone: Considerações Sobre a Constituição do Sujeito Contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, v. 28, p. e51648, 2023.
- PATRIOTA, Karla Regina Macêna Pereira. A aliança entre a religião e a mídia. *Tempo e Presença Digital*, 2009. Disponível em:
http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=302&cod_boletim=16&tipo=A. Acesso em: 30 jun. 2025.
- PITTMAN, M., & REICH, B. (2016). Mídias sociais e solidão: por que uma foto do Instagram pode valer mais do que mil palavras no Twitter. *Computadores no Comportamento Humano*, 62, 155-167. Disponível em
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.03.084>. Acessado em: 15 maio 2025.
- QUADRADO, J. C.; FERREIRA, E. DA S. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. *Revista Katálysis*, v. 23, n. 3, p. 419–428, set. 2020.

SANTOS, Jobson Dornelles. Uso da internet na evangelização adventista no Brasil. 2009. Tese (Doutorado) – Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, 2009.

SANTOS, M. A., SILVA, M. T. M. Discurso do Ódio na Sociedade da Informação Preconceito, Discriminação e Racismo em Redes Sociais. In: CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI/UNINOVE, 22., 2013, São Paulo, Anais [...]. Florianópolis: Sociedade global e seus impactos sobre o estudo e a efetividade do Direito na contemporaneidade, 2013, p. 82-99.

WHITE, Ellen G. Caminho a Cristo. 15. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, Ellen. G. Mente, Caráter e Personalidade – Volume 2. 1989, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.

WHITE, Ellen G. Testemunhos Seletos. v. 3. 2. ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981